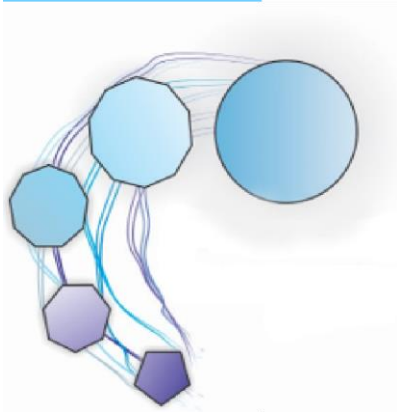


ANAIS



II Mostra de Estágios em Psicologia

Socializando Experiências

1º de dezembro de 2018

Universidade Federal de
Mato Grosso

Apresentação

A II Mostra de Estágios em Psicologia (MEP) – Socializando Experiências, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), do campus de Cuiabá, reuniu trabalhos acadêmicos produzidos com base nas experiências vivenciadas pelos estudantes durante a realização de seus estágios. A II MEP contou com apresentações originadas dos seis estágios ofertados pela UFMT, incluindo os quatro Estágios Básicos, divididos nos contextos socioeducativos, sociais comunitários, organizacionais e de trabalho e, clínicos e de saúde; e os dois Estágios Supervisionados Especializados I e II com vertentes em intervenções em processos socioeducativos e em processos de saúde e sofrimento psíquico.

A Mostra de Estágio objetiva incentivar os alunos de Psicologia da UFMT a produzir trabalhos técnico-científicos e socializar com os demais estudantes do curso experiências advindas dos diferentes estágios.

A presente edição teve início a partir da realização de uma conferência de abertura que contou com a participação dos profissionais: coordenador do curso, coordenadora do Serviço Aplicado de Psicologia (SPA), com um egresso da instituição e representantes de importantes campos de estágio atrelados à UFMT. As apresentações dos trabalhos ocorreram em diversas salas, divididas pelo contexto do Estágio e nas modalidades de apresentação oral e de painel.

A proposta principal na socialização dos trabalhos produzidos pelos acadêmicos é a troca de experiências e de conhecimentos adquiridos para além das matérias técnicas e teóricas do curso, apresentando até mesmo para aqueles que já passaram por determinado estágio, outras vivências e visões daquele mesmo contexto. Serve também para apresentar os campos e ideias de práticas realizadas aos alunos que se encontram no início da formação, apresentando a eles a prática e a estruturação do curso. A exposição dos trabalhos permite também a realização de uma análise, por parte dos docentes responsáveis pela supervisão dos Estágios, das atividades propostas e da realidade encontrada nos campos. Por fim, apresenta aos demais professores e coordenação do curso os trabalhos que estão sendo produzidos nas matérias de Estágio da UFMT, abrindo espaço para debate e apresentação de novas oportunidades, ideias, produções de outros trabalhos, criação de grupos de pesquisa e extensão em conjunto com os acadêmicos.

Comissão Organizadora

Comitê Organizador

Aline Batista Sousa, UFMT
Andressa Bruceze Martins, UFMT
Arianny Ferreira de Souza, UFMT
Camila Garcia Brunca, UFMT
Ivan Lucas da Costa e Souza, UFMT
Larissa Roberta Pereira, UFMT
Marcos Daniel Oliveira Lima, UFMT
Monica Maria Silva e Santos, UFMT
Natália Alves de Moraes, UFMT
Pamella Crystina Silva Café, UFMT
Peter Teylon Rodrigues de Souza, UFMT
Rodrigo Alves Caldeira, UFMT
Sarah Carolina Flauzino de Souza, UFMT

Coordenação Geral

Prof^ª. Dra. Maria Aparecida Campos, UFMT

Pareceristas

Prof^ª. Mestre Anny Caroliny Lima Rodrigues, UFMT
Prof^ª. Dra. Daniela Aparecida Zanetti Guimarães, UFMT
Prof^ª. Dra. Gislayne Cristina Figueiredo Vasquez, UFMT
Prof^ª. Dra. Maria Aparecida Campos, UFMT
Prof^ª. Dra. Renata Costa, UFMT
Prof^ª. Dra. Sandra Pavoeiro Tavares Carvalho

Comissão de Avaliação

Andreia de Fátima de Souza Dembinski

Carine Muller Paes de Barros

Cíntia Souza de Abreu

Daniela Yumi Tsuchiya

Edilaine Bernardes de Sá

Emerson José da Silva

Filipi Breno Gomes Vinhas

Gleice Kelly Campos Barbosa da Silva

Guilherme Tomas de Santana Junior

Jackeline Jardim Mendonça

Jéssica Ortega Ventura

Lícia Soares Pereira de Arruda

Maurílio Mederix Gomes

Oscar Kennedy da Cruz Gonçalves

Grupo de Trabalhos

Comunicação Oral:

GT 1 – Estágio Básico I: Contextos Socioeducativos

GT 2 – Estágio Básico II: Contextos Comunitários

GT 3 – Estágio Básico III: Contextos Organizacionais e de Trabalho

GT 4 – Estágio Básico IV: Contextos de Saúde

GT 5 – Estágio Supervisionado Específico em Processos de Saúde e Sofrimento Psíquico

Painel:

GT 6 - Estágio Básico I: Contextos Socioeducativos

GT 7 - Estágio Básico II: Contextos Comunitários

GT 8 - Estágio Básico III: Contextos Organizacionais e de Trabalho

GT 9 – Estágio Básico IV: Contextos de Saúde

SUMÁRIO

GT 1 - Estágio Básico I - Contextos Socioeducativos

A RELAÇÃO DAS CRIANÇAS E O ESPAÇO ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTÁGIO BÁSICO I	11
---	----

Marcos Daniel Oliveira Lima e Mateus Moraes de Oliveira

PROJETO “BRINCANDO JUNTOS”: UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM QUESTÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO SÓCIOEDUCATIVO	14
---	----

Yasmim Eliza Silva Lima e Rafael Bená de Araujo

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO BÁSICO I	17
---	----

Pamella Crystina Silva Café E Sarah Carolina Souza

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO BÁSICO (EB) I EM CONTEXTOS SOCIOEDUCATIVOS: PROJETO “DAS SOMBRAS À LUZ”	20
--	----

Ana Júlia Candida Ferreira e Victor Angelo Monteiro

GT 2 - Estágio Básico II - Contextos Comunitários

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA REALIZADO EM UM CRAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	24
---	----

Larissa Rodrigues de Campos Oliveira, Nathany Alvarenga do Espírito Santo Fronza

RELATO DE EXPERIÊNCIA ESTÁGIO BÁSICO EM CONTEXTO SOCIAL-COMUNITÁRIO – DEFESA CIVIL MT	27
---	----

Fernanda Petrilli C Souza e Natália Alves de Moraes

TECENDO O FUTURO: A PSICOLOGIA SOCIAL NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO EM UM CRAS	30
---	----

Natália Santos de Santana, Karine dos Santos Araújo

GT 3 - Estágio Básico III - Contextos Organizacionais e de Trabalho

APLICAÇÃO DE PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL NA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO TRABALHO EM MATO GROSSO	34
---	----

Andreza Borba, Leina Carvalho e Verônica Borges Goularte

ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL DO TRABALHO E A PRÁTICA NA SEFAZ-MT: RELATO DE EXPERIÊNCIA 37
Nathany Alvarenga do Espírito Santo Fronza e Larissa Rodrigues Oliveira

GESTÃO ESTRATÉGICA DE PESSOAS: ATUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL NA DEFENSORIA PÚBLICA 39
Karine dos Santos Araújo e Natália Santos de Santana

IMIGRAÇÃO EM FOCO: UM DEBATE SOBRE A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM CASAS DE ACOLHIDA 42
Aline Batista Sousa, Ana Beatriz Vitto, Arianny Ferreira de Souza, Douglas Santos Gois, Fernanda Petrilli Coelho de Souza, Gabriela Ferreira Alves da Silva, Helena Cristina Canova Monteiro, Monica Maria Silva Natália Alves de Moraes e Santos, Peter Teylon Rodrigues de Souza

RELATO DE EXPERIÊNCIA ESTÁGIO BÁSICO III: CONTEXTOS ORGANIZACIONAIS E DE TRABALHO 45
Júlia Paes de Barros Pereira e Natália Sonza Pereira

GT 4 - Estágio Básico IV - Contextos Clínicos e de Saúde

HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE DEVIDO VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 49
Daniela Martina Alves Aguiar e Kamilla Clausen da Silva

PESQUISA SAÚDE MENTAL NA GREVE ESTUDANTIL DA UFMT EM 2018 52
Ana Victória Alvarenga de Arruda, Barbara Vital Bittencourt, Camila Garcia Brunca, Icaro Merquides de Leon Lopes, Lenise Santos Ghisi, Lucas Moreira Arruda e Rafaela Nicoli de Oliveira

RELATO DE EXPERIÊNCIA: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS ACADÊMICOS DURANTE GREVE ESTUDANTIL NA UFMT 56
Felipe Sena Barbosa de Carvalho, Jeise Letícia Ferreira da Silva, Leidiany dos Santos Nunes, Nathália Paz Melo de Almeida, Neo Ramos Rodrigues, Patrícia Santos e Rogélio Gonçalves Ferreira

GT 5 – Estágio Supervisionado Específico em Processos de Saúde e Sofrimento Psíquico

ATENDIMENTO A CRIANÇAS EM PROGRAMA DE ATENDIMENTO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL: ATUAÇÃO CLÍNICA EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO 60

Jamile Silva Oliveira, Ana Carolina Apodaca e Geizi da Silva Sales Marchi

ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO FUNDAMENTADO PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO 62

Rose Mary de Oliveira Ronchi, Djeniffer Vaz Araujo, Raul Bruno Tibaldi Nascimento e Alice Marchett

PERSPECTIVA TEÓRICA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA EM CONTEXTO HOSPITALAR 64

Luana Dantas de Arruda e Sthephanny B. dos Passos

PERSPECTIVA TEÓRICA E PRÁTICA EM ATENDIMENTO PSICOTERÁPICO NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA 67

Raul Bruno Tibaldi Nascimento, Alice Marchett, Djeniffer Vaz Araujo e Rose Mary de Oliveira Ronchi

GT 6 - ESTÁGIO BÁSICO I: Contextos Socioeducativos

PACIÊNCIA, CALMA E FÉ: CONVERSAS COM ACOMPANHANTES DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS – ESTÁGIO BÁSICO EM CONTEXTOS SOCIOEDUCATIVOS 71

Julia Teodoro Inouye e Lorena Elci Oliveira Coelho

RELATO DE EXPERIÊNCIA CRECHE MUNICIPAL DONA MICAELA HENRIQUE SOUZA LIMA 74

Fernanda Petrilli C Souza e Raíssa Morais Cruzeiro

PROTAGONISMO ESTUDANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS INTERVENÇÕES EM UM CONTEXTO EDUCACIONAL 77

Alison Willian da Costa Souza, Ananda Alves e Victor Felipe Oliveira Peres

GT 7 - ESTÁGIO BÁSICO II: Contextos Comunitários

BULLYING NO CRAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO BÁSICO II CONTEXTO COMUNITÁRIO 81

Pâmella de Almeida Fernandes e Valéria Ventura Miranda

DIREITOS HUMANOS E CRAS: REESIGNIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM CONTEXTO SOCIOCOMUNITÁRIO 83

Clécia Lino Silva e Izadora Mendonça Melo

UMA EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE IDOSOS SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA 85

Rodrigo Alves Caldeira e Rosana Letícia Ribeiro da Silva

EB II NO CRAS PLANALTO: MODELO PARTICIPATIVO DE INTERVENÇÃO SOCIAL 88

Camila Garcia Brunca e Neo Ramos Rodrigues

RELATO DE EXPERIÊNCIA COMUNIDADE E CRAS: NA CONSTRUÇÃO DO SABER 90

Jeise Letícia Ferreira da Silva e Leidiany dos Santos Nunes

GT 8 - ESTÁGIO BÁSICO III: Contextos Organizacionais e de Trabalho

PROJETO EB III - CONTEXTOS ORGANIZACIONAIS E DE TRABALHO: MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO MULLER 94

Maria Eduarda Ferraz Cunha

SERVIÇOS TERCEIRIZADOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL 97

Alison Willian da Costa Souza, Arianne Arruda e Sá Paes Barreto e Juliana Ferreira Lemos

GT 9 - ESTÁGIO BÁSICO III: Contextos de Saúde

PSICOLOGIA EM CONTEXTOS CLÍNICOS E DE SAÚDE: A IMPORTÂNCIA DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR EM UM HOSPITAL 102

Natália Santos de Santana, Karine dos Santos Araújo, Clara Ribeiro Gabriel Mesquita

G1 - Estágio Básico I: Contextos Socioeducativos

Comunicação Oral

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS E O ESPAÇO ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTÁGIO BÁSICO I

Lima, Marcos Daniel Oliveira;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Oliveira, Mateus Moraes de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Barros da Silva Freire

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se ao relato de experiência de um Estágio Básico I: Contextos Socioeducativos, que é o primeiro contato dos e das estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) com o campo de atuação dos e das psicólogos/os em contextos educacionais. Este é caracterizado pelo desenvolvimento de práticas supervisionadas que possibilitam o exercício e a integração das competências e habilidades estabelecidas no Núcleo Comum do curso de Psicologia. Devida à amplitude de demandas observadas em campo, e visando tornar mais objetiva e concisa a apresentação deste trabalho, optou-se por realizar um recorte específico acerca da relação das crianças e o espaço escolar.

O estágio nos permite aprender mais sobre o desenvolvimento humano, processo de aprendizado, e sobretudo aprender a relação entre o meio em que se está inserido e o próprio desenvolvimento e aprendizado, como um determina o outro. Nesse sentido, traremos o relato de umas das intervenções realizadas no decurso do Estágio Básico I, denominada “A Escola que temos e a Escola que queremos”.

OBJETIVOS

- Levantar aspectos que evidenciam as formas como as crianças se relacionam com o espaço escolar;
- Verificar através da intervenção qual a percepção que as crianças têm do espaço da escola;
- Possibilitar com que as crianças assumam o papel de sujeito, no sentido de poder falar sobre a escola que têm e a que gostariam de ter;

REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico utilizamos a concepção de desenvolvimento para Vygotsky (2009) que compreende que este se dá na interação da criança com o meio e que este é determinado pelo sujeito que interage, neste caso a criança.

Compreende-se a criança a partir da perspectiva de criança substantivo plural (SAYÃO, 2002) em que se entende que todo sujeito é único e que, portanto, não deve ser reduzido à estereótipos que são reforçados dentro de uma cultura hegemônica. Portanto, as crianças não devem ser vistas a partir de uma perspectiva adultocêntrica, e sim consideradas como sujeito de direitos, que pode falar e se anunciar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Compreende-se o espaço escolar como sendo as “[...] materialidades que compõem os variados ambientes frequentados por educadores e estudantes e o espaço sentido, o espaço de

consciência onde se realizam as atividades de ensino e aprendizagem” (CARPINTEIRO e ALMEIDA, 2013, p. 13). O espaço escolar é onde acontece a vida escolar, diz respeito ao espaço físico da escola: salas de aulas, pátios, refeitório, secretarias, diretoria, coordenações dentre outros espaços (CARPINTEIRO e ALMEIDA, 2013).

METODOLOGIA

A metodologia se baseia no tripé metodológico: observação participante; adulto atípico; oficinas sócio afetivas, que consiste em tornar possível conhecer e entender o universo infantil de forma mais aprofundada, percebendo suas hierarquias e mecanismos de funcionamento. Isso significa que é através da observação participante, os estagiários poderão vivenciar a realidade das crianças de forma mais aproximada, pois, esta técnica permite com que o pesquisador, que neste caso é o estagiário, através do contato direto com o fenômeno que está sendo observado, obtenha informações sobre a realidade em questão, que neste caso é a escola (MINAYO, 2001).

A partir deste modelo de atuação em campo, o estagiário precisa saber que as crianças possuem um mundo só delas, com segredos e códigos que elas só compartilham umas com as outras e com aqueles adultos que não se colocam na posição castradora, do adulto comum, este é denominado por Corsaro (2001) de adulto atípico. A partir desse tripé metodológico, que é possível construir uma intervenção baseada e comprometida com a realidade dos atores sociais envolvidos. O conceito de oficinas sócio afetivas foi elaborado pela Prof^a Dra. Daniela Freire, que também é uma das orientadoras deste estágio.

As oficinas sócio afetivas são intervenções que surgem das demandas do cotidiano da sala de aula: da relação das crianças com as professoras e professores; com os colegas; com o espaço físico e social da escola; e com os demais atores que atuam ali.

INTERVENÇÃO

Apresentamos uma narrativa que contava a história das filhas de uma mulher indígena chamada Cibae, e os conflitos encontrados por elas ao serem levadas embora da aldeia, e conseqüentemente de sua escola, e serem forçadas a estudar em uma escola na cidade. Foi proposto que as crianças imaginassem que as filhas da Cibae iriam começar a estudar na mesma escola que elas. A partir disso, elas desenhariam num papel A4 o que elas achassem que as filhas de Cibae iriam gostar, e o que elas não iriam gostar na escola.

OBJETIVO(S) - A intervenção teve como objetivo dar às crianças a possibilidade de voz, mostrando suas percepções acerca do espaço da escola; gostariam que esta fosse; de significarem através do desenho suas vontades e expectativas em relação à este espaço físico e social. O desenho é uma ferramenta muito possível no processo de obter informações acerca dos sujeitos que se objetiva conhecer.

CONCLUSÕES

A partir da experiência com as crianças dentro do espaço escolar foi possível perceber uma série de questões que emergem exatamente dessa relação delas com este espaço, como elas se percebem em relação à escola, seus desejos, suas frustrações. Foi possível observar nos desenhos das crianças muitos aspectos ligados ao que diz respeito à hora da brincadeira, o recreio, ou seja, o momento lúdico. Muitos desenhos traziam o *parquinho* como um espaço que as filhas de Cibae iriam gostar na escola delas. O que talvez aponte para a importância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem. Em contrapartida, mesmo que a proposta fosse desenhar, houve uma criança que perguntou se ela podia rasgar o papel e não desenhar

nada. Isto demonstra o caráter da subversão das expectativas do adulto sobre o que elas esperam das crianças quando propõe atividades específicas. O fato de as crianças serem plurais, faz com que elas sejam únicas e respondam singularmente à uma atividade proposta por um adulto, e nisso consiste a importância de trabalhos como este, que enfoquem na perspectiva que as crianças têm sobre o espaço em que elas atuam.

Mais do que fazer com que uma intervenção transcorra como objetivado por dois adultos para uma turma de crianças do 1º ano do ensino fundamental, é observar os múltiplos resultados que emergem a partir dessa proposição.

REFERÊNCIAS

- CARPINTEIRO, Antonio Carlos; ALMEIDA, Jaime Gonçalves. Teorias do Espaço Educativo. 4ª ed. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SAYÃO, Deborah Thomé. Crianças: substantivo plural. Zero-a-Seis, v. 4, n. 6, p. 24- 32, 2002
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A crise dos sete anos. Grupo de estudos em teoria histórico-cultural, Umuarama, mar. 2009.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO BÁSICO I – PROJETO: VIVÊNCIAS PLURAIS PARA CRIANÇAS PLURAIS

Silva, Carlos Eduardo Santos R da

Silva, Letícia A. M. da

Orientadora: Profa. Thaísa Soares Silva

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi possível por meio das experiências realizadas no Estágio Básico I, com foco nos contextos socioeducativos. Assim, o estágio foi desempenhado por dois estudantes de Psicologia do 3º semestre em 2018, na escola E.M.E.B Antônio Ferreira Valentim, visando agir sobre a dinâmica grupal das crianças, que tinham entre 4 e 5 anos. Com isso, tal atividade dependeu das demandas percebidas após as observações realizadas pelos estagiários. Outrossim, a prática desenvolvida em campo foi supervisionada pela Prof.^a Thaísa Soares Silva, a fim de garantir o máximo aproveitamento de contribuições em grupo para o entendimento por meio do entrelaçamento da teoria com as diversas experiências levadas ao espaço da supervisão. Nesse sentido, a postura dos estagiários deveria ser diferente àquela já existente nos contextos socioeducativos, nos quais o adulto detém o conhecimento e o transmite de modo unilateral ignorando a autonomia das crianças ao negar uma relação de apoio mútuo. Por isso, em todas as observações realizadas, os graduandos deveriam se portar como adultos atípicos (CORSARO, 2003), ou seja, não deveriam reproduzir a lógica adultocêntrica na qual a criança não possui protagonismo. Desse modo, era preciso respeitar as regras preestabelecidas no ambiente das crianças, a fim de não exercer poder hierárquico, visando que este não era o objetivo do presente trabalho. Outro elemento primordial para as observações foi a observação participante (MARTINS, 1996) que, junto à postura de ‘adulto atípico’, potencializou a inserção dos estagiários nos ambientes infantis, muito negados aos adultos que, em sua maioria, negam a autonomia das crianças. Assim, tais pilares foram importantes para o levantamento das demandas e o planejamento das intervenções a serem realizadas.

OBJETIVOS

As observações permitiram o levantamento das demandas existentes ali, ajudando na construção de intervenções que valorizassem o protagonismo infantil, além de fornecer ressignificações de conceitos engessados em sociedade, a exemplo das questões de gênero e étnico-raciais. Assim, visou-se garantir que a dinâmica grupal fosse trabalhada para além das diferenças individuais. Por isso, a partir das demandas, as seguintes ações se fizeram necessárias: promover, com a narrativa criada, uma valorização da negritude; incitar a ideia de que gênero não determina gostos, escolhas e brincadeiras; viabilizar uma relação mais harmoniosa entre pares, visando trabalhar a liberdade e a autonomia infantil nas brincadeiras; articular inserção e participação de todas as crianças nas atividades; propor atividade que assegure a movimentação corporal; motivar contato com elementos locais e culturais, como animais da região do cerrado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensando em como se engendravam as relações ali e considerando as observações, o projeto foi construído levando em conta a pluralidade das crianças, principalmente na questão de diferentes estruturas psíquicas que, para um bom rendimento, precisavam de formas diferentes para se projetarem em um contexto, principalmente pelas formas lúdicas. Ademais, algumas concepções de Vigotski foram adotadas no trabalho: a de atividade-guia, que “guia” o

desenvolvimento infantil ao reorganizar constructos do psiquismo, podendo ou não ser pela brincadeira; a de meio, que se apresenta com dinamicidade ao mudar consideravelmente de acordo com as faixas etárias e; a de mediação, bastante importante nas relações entre adultos que, usualmente, detêm uma forma final de conhecimentos e, crianças, detentoras da forma inicial a ser desenvolvida. Assim, o meio precisa conter características que favoreçam o desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, trad. MÁRCIA P. VINHA, 2010). Nesse sentido, as narrativas se apresentaram como importante papel para promoção do desenvolvimento, oportunizando boas vivências. Portanto, considerando a rotina da escola e o que já funcionava entre eles, usamos temas com ludicidades, utilizando o rico papel que a mediação possui nas relações, tanto em contextos socioeducativos quanto fora deles.

METODOLOGIA

Toda a intervenção foi planejada a partir das demandas, já citadas, que foram visualizadas nas observações pelos estagiários. Com isso, eles precisaram se envolver e participar das dinâmicas em pares das crianças, a fim de estreitar os “laços” para melhor compreensão acerca das relações entre elas, buscando constatar contradições que pudessem ser desenvolvidas no projeto para novas vivências e, conseqüentemente, significações por parte das crianças. Assim, as quatro fases da intervenção foram pensadas juntamente com a supervisora e orientadora, sempre socializando as ideias e debatendo sobre a relevância de cada uma delas para aquele espaço. Dessa forma, as ações ocorreram na turma com a permissão da coordenadora e da professora, que estavam cientes dos objetivos da intervenção. Com isso, alguns materiais e recursos da escola foram necessários para a realização das fases, tais como: folhas sulfites [4º fase], lápis de cores [4º fase], giz [3º e 4º fases] e Datashow [2º e 4º fases]. Outros materiais, a exemplo de caixas de papelão e recortes de papéis-cartão [para enfeitar tais caixas, na 3º fase], foram levados pela dupla para a realização das atividades que foram idealizadas. Tais fases ocorreram em certos períodos da aula, com a permissão da professora que indicava os melhores horários para as vivências em grupo, buscando não atrapalhar toda a dinâmica já existente. Vale lembrar que cada fase foi planejada a fim de suscitar ressignificações e reorganizações no desenvolvimento de cada criança. Sob essa ótica, as referidas ações serão melhor explicitadas na seção Intervenção.

INTERVENÇÃO

O projeto se chama vivências plurais para crianças plurais. Vale lembrar que três demandas principais surgiram influenciando na dinâmica grupal, nas brincadeiras, conversas e conflitos: as questões de gênero, raciais e falta de autonomia às crianças. Assim, as fases da intervenção visaram ressignificar as relações ali existentes, sempre resguardando o protagonismo infantil. Diante disso, a intervenção se dividiu em quatro fases que se interligam. A primeira foi aquela em que a narrativa, de autoria própria dos estagiários, foi contada às crianças. Vale salientar que a história foi alinhada às demandas observadas em campo acerca do corpo negro e suas respectivas características, bem como a questão de gênero presente no contexto. Com isso, ilustrações foram usadas para maior ludicidade e, conseqüentemente, chamar a atenção das crianças, que tiveram autonomia respeitada ao escolherem o nome da personagem e da própria história durante a narrativa. Já a segunda fase, foi a que a menina da história ia ao zoológico conhecer e imitar os animais, que convivem harmonicamente com suas singularidades. Ademais, as crianças puderam expressar os gestos e sons de cada um dos animais, típicos do cerrado. Por sua vez, a terceira fase consistiu em construção de carrinhos com caixas de papelão, ideia dada pelas próprias crianças ao serem indagadas sobre o que queriam para a próxima fase da intervenção. Destarte, essa atividade possibilitou trabalho em grupo, relação entre pares, bem como movimentação corporal. Por fim, a quarta foi aquela em que nos

despedimos da turma mostrando fotos e relembrando sobre as atividades que fizeram, sugerindo a elas que desenhassem aquilo que mais gostaram dos outros dias.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As intervenções visaram garantir autonomia e espaço criativo e, por fim, as crianças foram menos insistentes em pedir ajuda, desempenhando maior protagonismo. Ademais, tanto na intervenção quanto nas observações, a dupla de estagiários participou das dinâmicas infantis, nas quais as crianças estabeleceram como ocorria. Com isso, a dupla apenas forneceu elementos para possibilitar as ressignificações por parte deles, possibilitando um olhar menos engessado acerca de questões de gênero e étnico-raciais, por meio de representações mais positivas acerca. Assim, os vínculos afetivos existentes oportunizaram um maior aproveitamento do espaço escolar, bem como ações coletivas que prospectaram um estreitamento social entre pares. Portanto, as vivências foram plurais para a participação de cada um presente naquelas dinâmicas não lineares ao respeitar a singularidade e promover uma coletividade, tendo a participação até mesmo daqueles que, usualmente, se ausentavam dos espaços por diversas questões.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os objetivos foram alcançados por meio das intervenções propostas, lidando com mudanças decorrentes da dinamicidade das relações existentes no campo, bem como do objeto-sujeito [criança] do estudo. Assim, ao relacionar as teorias vistas na universidade com aquelas presentes na escola, importantes vivências ocorreram tanto para nós estagiários quanto para os atores da instituição de ensino, respeitando a pluralidade representacional existente. Diante disso, as ações realizadas pelos estagiários podem possibilitar novas condutas, pelos atores escolares, que suscitem transformações na lógica de ensino e, conseqüentemente, no desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Edu. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, mai./ago. 2005.

MARTINS, J.B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: Ci. Sociais/Humanas*, Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, out./dez. 2010.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO BÁSICO I

Café, Pamela Crystina Silva;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Souza, Sarah Carolina Flauzino de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Dra Daniela Barros da Silva Freire

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de descrever a experiência do primeiro estágio básico realizado na Escola Municipal de Educação Básica Silva Freire, do município de Cuiabá, com a turma de educação infantil 1.

OBJETIVOS

A disciplina de estágio básico I, sendo este o primeiro do curso de psicologia, tem o objetivo de inserir os alunos em contextos educacionais de creches, escolas e hospitais, apresentar aos futuros profissionais um dos muitos campos possíveis de atuação do profissional psicólogo, colocar em práticas os conhecimentos adquiridos nas disciplinas de psicologia do desenvolvimento I e II, bem como em outras do curso e promover experiências profissionais para o futuro formando. O estágio está articulado junto ao Projeto de Extensão Rede de Apoio a Educação Infantil que tem por objetivo principal utilizar a narrativa e a ludicidade em espaços destinados à infância, como facilitadores do processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil destacando a autonomia da criança em criar suas próprias narrativas

REFERENCIAL TEÓRICO

Tanto o Projeto de Extensão Rede de Apoio a Educação como o Estágio básico se ancoram na Teoria Histórico Cultural de Lev Vygotsky e na sua concepção integrada de desenvolvimento humano. Segundo a teoria, o desenvolvimento o indivíduo é resultado de um processo sócio histórico, onde a linguagem e a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio desempenham um papel importante. Em sua trajetória de desenvolvimento o homem interage com outros seres por meio da linguagem na tentativa de se integrar ao mundo e compreender a si mesmo. Neste sentido, a linguagem é o meio pelo qual o ser humano constitui-se sujeito, atribui significados aos eventos, aos objetos, aos seres, tornando-se, portanto, ser histórico e cultural (COSTAS; FERREIRA, 2011, p.9). Assim a criança e seu desenvolvimento são concebidos como fruto dos espaços em que está inserida, das relações (e da qualidade dessas relações) que mantém, bem como de seus contextos sociais e econômicos.

O projeto também encontra bases na construção sócio histórica da imagem da criança e sua tendência à invisibilidade sempre pautada em relações adultocentradas que por muito ignoram as narrativas e as brincadeiras infantis como formas de acesso ao mundo das crianças e um poderoso instrumentos de formação e desenvolvimento infantil. As narrativas e as brincadeiras são reinterpretações que a crianças faz do mundo, das regras sociais e das relações com adultos, é por meio delas que se compreende o que e como a criança está internalizando mundo e se colocando nele.

METODOLOGIA

A observação participante foi a metodologia que guiou o trabalho de estágio, estruturado em 4 observações e 4 intervenções, assim durante as observações nosso objetivo era compreender os significados, práticas e discursos da instituição, desvendar a dinâmica entre os agentes da escola, focando principalmente nas relações estabelecidas na sala que estávamos observando, a fim de identificar uma demanda na sala e propor 4 intervenções direcionadas a solucioná-la. A dupla de estagiárias assumiu uma postura de aproximação e interação com os alunos baseadas nas noções de adulto atípico de Corsaro (2005), um adulto que não se reveste de autoridade desnecessária para que desse modo possa apreender, compreender e se integrar o universo infantil.

INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção foi baseada nas demandas encontradas nas 4 observações realizadas, as crianças demonstravam uma dificuldade para aderirem às atividades e de se comportarem como um grupo e uma tendência à agressividade. A primeira intervenção foi contar de uma narrativa de autoria própria, depois com o auxílio de materiais interativos pedimos que as crianças ajudassem a construir os personagens da narrativa. Na segunda intervenção finalizamos a contação da narrativa ressaltando que é nas brincadeiras e aventuras que se pode descobrir seus “poderes” (habilidades interpessoais) e fazer amigos. Depois do conto propomos às crianças que recontassem a história a sua própria maneira por meio da caracterização de um barco que era um elemento da narrativa. Na terceira intervenção pedimos que relembassem a narrativa e vivenciassem a parte da história em que o grupo se une em torno de um objetivo comum, essa intervenção tinha como principal objetivo trabalhar a agressividade. Na quarta intervenção propomos às crianças a confecção de máscaras que pudessem expressar sentimentos e também uma brincadeira em pares para trabalhar coesão de grupo.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

O projeto de intervenção original ia de encontro às demandas da sala no sentido de desenvolver a identidade e o trabalho em grupo e incentivar a autonomia infantil, porém após algumas dificuldades enfrentadas na primeira intervenção por conta da metodologia adotada e numa tentativa de realinhar nosso trabalho com a dinâmica da sala e as novas demandas que se apresentaram mais urgentes, o projeto de intervenção foi reformulado. Começamos a dar mais opções às crianças, pois impor algo mesmo que aparentemente atrativo seria rejeitado pelos alunos pela necessidade de se reafirmar por oposição. Outra atitude frente às demandas encontradas que agiu como facilitadora da intervenção foi a escolha de brincadeiras como atividade guia, principalmente aquelas que exploravam os movimentos. Percebeu-se na turma que pequenas mudanças na realização das atividades possibilitaram grandes resultados, indo dessa forma em oposição ao que é tomado como característico da sala, bagunceira e desatenta.

CONCLUSÃO

A experiência proporcionada pelo estágio em contextos educacionais realizado na EMEB Silva Freire no município de Cuiabá permitiu compreender os desafios, conhecer as demandas desse campo de atuação do psicólogo e tornou palpável quais as atitudes e o trabalho que pode ser desenvolvido em conjunto com outros profissionais da escola. A postura de adulto atípico e o diálogo com a professora são de extrema importância para a condução das intervenções, pois possibilita maior conhecimento da dinâmica das crianças e da sua cultura, bem como o

estabelecimento de um vínculo proveitoso com a pessoa que está com a turma todos os dias e isso é de extrema importância para o sucesso do trabalho.

REFERÊNCIAS

COSTAS, F.A.T.; FERREIRA, L.S. **Sentido, significado e mediação em Vygotsky**: implicações para a constituição do processo de leitura. Revista ibero-americana de educação. n. 55, p. 205-223, 2011.

CORSARO, W. A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educação e Sociedade, v. 26, n.91, p. 443-464. 2005.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO BÁSICO (EB) I EM CONTEXTOS SOCIOEDUCATIVOS: PROJETO “DAS SOMBRAS À LUZ”

Ferreira, Ana Julia Candida;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Lemos, Victor Angelo Monteiro
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Barros da Silva Freire Andrade

INTRODUÇÃO

Embasado na teoria vigotskiana, este relato de experiência apresenta as reflexões e experiências vividas no estágio do terceiro semestre de Psicologia da UFMT (realizado no contexto socioeducativo), e como elas contribuíram para a aprendizagem e formação em Psicologia dos estagiários. Este estágio tem como base a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski (1987) que aponta a criança como sendo amplamente influenciada e moldada a partir do contato com o meio social, retomando a importância dada às narrativas infantis (KISHIMOTO, 2007) neste período do desenvolvimento e possibilitando a análise dos significados apresentados pelas crianças durante a realização do estágio. Ademais, esta experiência foi mediada pelas supervisões em aulas, observações em campo e intervenções sobre as demandas constatadas na escola.

OBJETIVOS

O estágio teve como objetivo elaborar espaços de diálogo entre as crianças e os adultos, permitindo a discussão de seus medos, falhas e vivências no geral, abrindo as portas em seu processo educativo, tornando-o mais fático e frutífero para o aluno e para o professor, visando a promoção da visibilidade social da criança.

METODOLOGIA

Realizado na Escola Municipal de Educação Básica Silva Freire, o estágio se deu por meio de oficinas socioafetivas (ANDRADE, 2018), utilizando os conceitos vigotskianos da Teoria Histórico-Cultural (VIGOSTKI, 1987). Além disso, foram realizadas observações participantes (MARTINS, 1996), mediadas pela figura do adulto atípico (CORSARO, 2005), inspiradas no método etnográfico, e posteriormente seguidas pela realização de quatro intervenções, guiadas pela principal demanda constatada - a saber, a invisibilidade da criança-, totalizando 60 horas, divididas entre prática e supervisões sob a mediação da professora.

Após as intervenções, todo o material coletado foi convertido em um livro, denominado **O Menino Invisível**, narrativa trabalhada nas intervenções, que possibilitou a construção de um forte elo de união e cumplicidade entre as crianças (KISHIMOTO, 2007).

INTERVENÇÃO

O projeto de intervenção **Das sombras à luz: a alfabetização e sua contribuição para a visibilidade da criança no contexto socioeducacional** viabilizou o trabalho das demandas constatadas nas observações em quatro partes. Na primeira intervenção foi rerepresentada a

narrativa da escola, isto é, a dos personagens Rondon, Bugrinho e Cibaé, incorporando a ela uma narrativa semiacabada, adicionando o personagem **Menino Invisível** que mediará às futuras intervenções. Na segunda intervenção foi introduzido na história um cálice que tinha o poder de transformar tudo o que o menino escrevia em algo visível. Já na terceira intervenção trabalharam-se os laços de amizade e atividades em grupo por meio da palavra ‘alegria’. Na quarta intervenção todo o material colhido durante as intervenções anteriores serviu como base para a construção de um corpo para o menino. Foi copiada a silhueta de uma criança da sala em cartaz e, posteriormente, os estagiários e a professora auxiliaram as crianças a recheiar a silhueta do menino com desenhos, cores e palavras encorajadoras ditas pelas crianças.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Houve, inicialmente, a demonstração de curiosidade para com os estagiários, que foi sendo suavizada e substituída pelo sentimento de vínculo que o convívio e submissão às mesmas regras delas proporcionaram. Ao longo das intervenções, as crianças se engajaram na brincadeira por conta do que aquele momento de partilha significava para muitas delas, um momento de dividir os medos, tristezas e de identificação com os colegas. Além disso, as oficinas permitiram a criação de um ambiente que possibilitasse a comunicação clara entre as crianças e os adultos, diminuindo os impactos da invisibilidade social vigente. Constatou-se nessas intervenções que, mesmo que a maioria das crianças tenha dificuldades na leitura e na escrita, muitas se interessaram em ajudar o menino invisível também com as palavras. É conspícuo que algumas crianças apresentam um grau de desenvolvimento mais avançado nesses aspectos, mas foi evidente o progresso quanto à integração e sua influência no processo de alfabetização. Além disso, a questão da invisibilidade da criança na escola e, conseqüentemente, na sociedade é um tema amplamente discutido e foi observado como uma forte demanda na sala. Permitindo que suas habilidades fossem trabalhadas em coletivo, sem descartar a individualidade de cada sujeito, foi aberta uma porta que permitiu às crianças se enxergarem no outro, enxergarem qualidades no outro e, desta forma, respeitá-lo.

CONCLUSÃO

Por meio das vivências no estágio, foi possível experienciar a atuação em um dos inúmeros campos os quais o psicólogo pode atuar. Além da grande contribuição no processo de formação em Psicologia e seu desdobramento no futuro exercício da profissão, a experiência de estar de forma tão próxima às crianças, no contexto em que elas vivem, muda a concepção de mundo na qual estamos inseridos e nos possibilita ter uma visão mais crítica e política sobre ensino e políticas públicas envolvidas no processo de educação básica no Estado.

Ademais, o projeto de intervenção **Das sombras à luz: a alfabetização e sua contribuição para a visibilidade da criança no contexto socioeducacional** viabilizou o trabalho das demandas elencadas nas observações, de forma a evidenciar o tácito empoderamento das crianças, que foram ouvidas e admiradas por suas características únicas, as quais enriquecem a identidade grupal; e também lhes mostrou formas contornarem o estado de invisibilidade social que lhes é imposto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire. **Rede de apoio à infância: interfaces com a Psicologia e Pedagogia**. Projeto de Extensão Universitária. Cuiabá: UFMT, 2018. Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.siox/Projeto/Detalhes?projetoUID=1553>>. Acesso em: 03 set. 2018.

CORSARO, William Arnold. Entrada No Campo, Aceitação E Natureza Da Participação Nos Estudos Etnográficos Com Crianças Pequenas. **Educação e sociedade**, v. 26, n. 91, p. 443-464, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Letícia Ribeiro dos; BASILIO, Dorli Ribeiro. Narrativas infantis: um estudo de caso em uma instituição infantil. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 427-444, Dec. 2007.

MARTINS, João Batista. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. **Semina: Ci. Sociais/Humanas**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

G2 - Estágio Básico II: Contextos Comunitários

Comunicação Oral

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA REALIZADO EM UM CRAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Oliveira, Larissa Rodrigues de Campos;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Fronza, Nathany Alvarenga do Espírito Santo;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Ms. Anny Carolyn de Lima Rodrigues

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O presente relato de experiência tem o objetivo de contribuir nas discussões de como a psicologia enquanto ciência pode colaborar no desenvolvimento da Assistência Social, neste caso, englobando o espaço de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade de Cuiabá-MT. Assim, as estagiárias utilizaram como metodologia a observação participante, com o objetivo de conseguirem identificar as demandas que foram trabalhadas durante o estágio.

O local de realização do estágio no ano de 2017 atendeu 22 bairros da região de Cuiabá. Após a inserção das estagiárias no campo foi possível compreender melhor como funcionava a rotina do CRAS. As estagiárias acompanharam aulas de jiu-jitsu ministrada por um profissional, o público era em média 22 crianças de 6 a 15 anos de idade. Neste período foram realizadas seis observações e aplicadas duas intervenções, sendo estas relacionadas com as demandas encontradas no período de observação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir do contexto histórico apresentado por Cruz, Freitas e Amoretti (2014) é possível compreender o surgimento da Psicologia Social Comunitária no âmbito mundial e brasileiro, entre 1950 e 1960 de maneira individualista e elitista. Porém, por volta de 1960 alguns profissionais socialmente ativos como professores e estudantes de psicologia começaram a desconstruir esse modelo tradicional.

Além disso, para Sposati (2006) o Suas não é um programa, mas sim uma forma de gestão da assistência social como política pública. Como citado “Como responsabilidade de Estado a ser exercida pelos três entes federativos que compõe o poder público brasileiro” (SPOSATI, 2006, p.110).

Assim, para o Suas o Cras deve “ser referência para escuta, informações, apoio psicossocial, encaminhamentos monitorados e de inserção nas ações da rede de assistência social e demais políticas públicas e sociais” (COUTO, p.49).

METODOLOGIA

Para uma melhor adequação no campo de estágio as estagiárias realizaram a observação participante. A qual teve início nas ciências sociais do século XIX, mais especificamente na antropologia. Ou seja, já neste século os pesquisadores realizavam suas pesquisas sobre grupos através das observações diretas.

A observação participante se vale do acompanhamento sistemático de todas as atividades do grupo estudado. O pesquisador se insere no dia

a dia do grupo, participa dele, como se fosse um membro. E procede ao registro sistemático (um diário de campo) de vários tipos de informação: eventos (ações), falas (discursos), gestos (comportamentos) e interações observados. Registra, também, as suas próprias experiências em campo. Quando desconhece as regras, a língua e o universo simbólico do grupo que estuda, o pesquisador recorre a um informante, que funciona como via de acesso e, eventualmente, como mediador cultural. (ABDAL, 2016, p.10)

INTERVENÇÕES

A partir das demandas identificadas foram realizadas duas intervenções. A primeira intervenção teve como objetivo fazer com que as crianças se conhecessem melhor a partir de uma dinâmica de “quebra-gelo”. Assim, as crianças se sentaram em roda junto com as estagiárias e cada criança deveria segurar um rolo de barbante e falar um pouco sobre si, e em seguida jogar o objeto para algum colega.

Já a segunda intervenção propôs que as crianças trabalhassem juntas. Pois as crianças do Projeto Siminina e do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo tinham uma relação de competição. Então, foi realizada uma atividade de “caça ao tesouro” em que as crianças procuraram as figuras escondidas pela unidade, as quais foram usadas para construir uma bandeira do CRAS Unido sem distinção entre os projetos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em síntese, entendemos que o trabalho dentro do CRAS deve ser, em sua maioria, de forma grupal, e para isso é necessário identificar as demandas específicas para assim propor algum tipo de intervenção que trabalhe com o grupo selecionado. Portanto, as estagiárias realizaram seis observações a fim de identificar as demandas.

Além disso, entendemos que na sociedade os adultos tendem a determinar com o que meninos e meninas devem brincar, realizando assim diferenças de gêneros nas atividades que as crianças desenvolvem. Isto é, apenas os meninos podiam jogar bola na quadra, porém até o momento em que uma das estagiárias conseguiu quebrar esta barreira e se inseriu no futsal, com isso outras meninas começaram a jogar também.

CONCLUSÃO

Por fim, observa-se que as estagiárias conseguiram possibilitar um espaço mais unificado para as crianças que frequentavam o equipamento, independente do projeto que elas participavam. Desse modo, a partir da primeira intervenção em que as crianças tiveram a oportunidade de conhecer mais seus colegas, e da segunda intervenção, em que elas desenvolveram uma atividade em conjunto foi notável a mudança de comportamento entre elas, sendo mais colaborativas e respeitadas umas com as outras.

REFERÊNCIAS

ABDAL, Alexandre Et al. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: SESC/CEBRAP, 2016.

COUTO. O sistema único da assistência social - Suas: na consolidação da assistência social enquanto política pública. **Classes subalternas e assistência social**, 1993, p. 40-55.

CRUZ, L.R.; FREITAS, M.F.Q. de; AMORETTI, J. Breve história e alguns desafios da Psicologia Social Comunitária. In: SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (orgs). **Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 76-96.

SPOSATI, A. O Primeiro ano do Sistema Único de Assistência Social. **Serviço Social & Sociedade**, 2006, p. 96-122.

RELATO DE EXPERIÊNCIA ESTÁGIO BÁSICO EM CONTEXTO SOCIAL-COMUNITÁRIO – DEFESA CIVIL MT

Souza, Fernanda Petrilli Coelho de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Moraes, Natália Alves de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Ms. Anny Caroliny de Lima Rodrigues

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O presente relato apresenta as experiências vivenciadas pelas estagiárias de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) atuantes na Defesa Civil Mato Grosso durante o Estágio Básico II. Foi utilizado como aparato teórico de base a Psicologia Social Comunitária e da Psicologia das emergências e dos Desastres; e por meio do método da pesquisa-ação-participante foi realizado um trabalho conjunto com o local de estágio, visando auxiliar as questões levantadas como demandas pela Defesa Civil e ao mesmo tempo, introduzir as acadêmicas à realidade de atuação do profissional psicólogo neste determinado campo.

Tal estágio objetivou que as estudantes pudessem ter contato e se sensibilizassem com uma nova área no escopo da psicologia: a psicologia das emergências e desastres. Por esse motivo, o estágio em contextos comunitários fosse realizado junto à Defesa Civil Mato Grosso, responsável em nível estadual pela atuação em situações emergenciais no que tange o atendimento às populações que se encontram debilitadas devido a desastres de diversas origens e intensidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para o referencial teórico abordou-se quatro grandes grupos: Psicologia Social; Psicologia Social-Comunitária; Psicologia das Emergências e dos Desastres; e Defesa Civil Mato Grosso.

Pode-se definir psicologia social como “o estudo sistemático da natureza e das causas do comportamento social humano” (MICHENER, DELAMATER & MYERS.2004, pg. 3), ou seja, é uma área bastante abrangente que procura entender os diversos comportamentos sociais do ser humano, bem como suas origens e causa. Já a Psicologia Social comunitária se propõe a estudar, compreender, prevenir e intervir nas questões psicossociais pertencentes a uma comunidade (KOCHENBORGER-SCARPARO, 2007).

A Psicologia das emergências e dos desastres ainda é relativamente recente no Brasil (MELO; SANTOS, 2011, p.176), entretanto com a grande demanda todos os anos de serviços que ofertam tais auxílios, principalmente em locais com desastres naturais recorrentes como o Sul do país, se mostra necessário o investimento na área.

Além disso, como exposto por Carvalho e Borges (2009, p.9), é necessário além da atuação dos psicólogos em campo, o estabelecimento de parcerias entre esses e profissionais recorrentemente atuantes em casos de desastres, como a Defesa Civil.

A Secretaria Adjunta de Proteção e Defesa Civil (SAPDEC) é “o órgão responsável pelo conjunto de ações preventivas, de socorro assistencial e recuperativas, destinadas a evitar ou minimizar os impactos de um desastre no âmbito estadual”. (Disponível em: defesacivilmatogrosso.com.br/apresentação). A missão da SAPDEC está centrada no aumento da capacidade de resiliência da sociedade.

METODOLOGIA

Durante o estágio, foi utilizado pelas estudantes como método de atuação a pesquisa-ação-participante, em tal modelo, como citado por Frizzo (2010), utiliza-se de forma diferenciada a relação criada entre o pesquisador e a população investigada, no qual os dois são colocados sob o mesmo patamar, mostrando assim, o nível de igualdade e importância de ambos no processo desenvolvido na comunidade, além de recategorizar a população assistida como pesquisadores internos da própria comunidade em que residem.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com base na interação de pesquisa-ação-participante, as estagiárias relacionaram-se com uma das equipes estruturadas na Defesa Civil de Mato Grosso, que visava a prevenção de desastres e o auxílio às populações afetadas por esses, de forma a analisar as necessidades do local; além de interagir com os funcionários almejando aprender com esses o máximo possível sobre o local e sobre suas atuações na prática. Conforme discutido com a equipe de planejamento e execução da Defesa Civil MT, chegou-se à conclusão que a atuação da psicologia junto às ações das entidades de Defesa Civil se faz extremamente necessária, tanto com os atingidos pelo desastre, quanto com as equipes que prestam socorro. Pode-se concluir que: “A atuação dos profissionais psicólogos e das equipes de saúde mental são fundamentais para restaurar a capacidade dos afetados para resolver a situação de estresse” (MASSING; LISE; GAIO. 2009, pg. 3).

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que através de todo o estágio e interação direta com o trabalho ofertado pela Defesa Civil alguns pontos destacaram-se, como a real necessidade de investimento na área da Psicologia das Emergências e dos Desastres, através do contínuo apoio do CFP na formação de uma capacitação cada vez mais aprofundada e abrangente dos profissionais da área e da sua necessidade de continuar visando a promoção de debates com outros países sobre as experiências e diversas situações enfrentadas por cada time de profissionais de fora, para que possamos agregar também tais conhecimentos. Além disso, soma-se também a necessidade de buscar mudança nas políticas públicas voltadas à área, que atualmente visam investir principalmente no pós-desastres, esquecendo-se da importância do pré; prejudicando assim, as equipes atuantes, os indivíduos e comunidades afetados, e o próprio governo, que precisa financiar as reconstruções que se mostram necessárias pós um desastre. Por fim, deve-se incentivar cada vez mais o trabalho interdisciplinar de psicólogos e todos as outras áreas que se mostram relevantes para a reparação de uma equipe instruída e familiarizada com as situações relacionadas à situações de desastres; potencializando a capacidade de prevenção, ajuda durante os desastres, ofertando atendimento psicológico durante todo o processo e permitindo a reconstrução após o mesmo, visando sempre, auxiliar de forma eficaz as comunidades atendidas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. C.; BORGES, Ilma. **A trajetória histórica e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres**. V Seminário Internacional da Defesa Civil–DEFENCIL, São Paulo. Anais Eletrônicos Defencil. São Paulo: Parque Anhembi-Centro de Eventos e Convenções da cidade, v. 23, 2009.

FRIZZO, Kátia R. **A investigação-ação-participante**. Introdução à psicologia comunitária: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, p. 155-168, 2010.

KOCHENBORGER SCARPARO, Helena Beatriz; DE FÁTIMA GUARESCHI, Neuza Maria. **Psicologia social comunitária e formação profissional**. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 2, 2007.

MASSING, C. R.; LISE, F. A.; GAIO, J. M. **Psicologia das emergências e dos desastres: Intervenções em Guaraciaba-SC**. V Seminário Internacional da Defesa Civil-DEFENCIL, São Paulo. Anais Eletrônicos Defencil. São Paulo: Parque Anhembi-Centro de Eventos e Convenções da cidade, 2009.

MELO, C. A.; SANTOS, F. A. dos. **As contribuições da psicologia nas emergências e desastres**. Psicólogo informação, v. 15, n. 15, p. 169-181, 2011.

MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D.; MYERS, D. J. **Social Psychology** (ed.). Belmont: Thomson Learning, 2004.

TECENDO O FUTURO: A PSICOLOGIA SOCIAL NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO EM UM CRAS

Santana, Natália Santos de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Araujo, Karine dos Santos;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientador: Prof. Dr. Amailson Sandro de Barros

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à experiência obtida no Estágio Básico II - contextos sociais comunitários, disciplina ofertada no quarto semestre do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso e orientado pelo Prof. Ms. Amailson Sandro de Barros. O EB II caracteriza-se por possibilitar a articulação entre teoria e prática, além da integração de competências e habilidades para realizar uma leitura mais crítica do contexto observado. Justifica-se na medida em que, o psicólogo, inserido no contexto social e comunitário, tem a possibilidade de compreender a dinâmica grupal, suas formas de organização e relações de poder, e de forma a posteriori, construir de maneira coletiva ações que venham viabilizar mudanças na realidade dos envolvidos através de um ambiente de reflexão e conscientização da comunidade e de si mesmo. O objetivo geral é analisar os fenômenos sociais e comunitários e realizar um exercício reflexivo sobre o contexto, além de construir um projeto de intervenção que auxilie na transformação da realidade social comunitária.

MÉTODO

O estágio foi realizado em um CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) na cidade de Cuiabá, MT, no ano de 2015, a partir do método de observação participante, que consiste em estabelecer uma inserção adequada dos pesquisadores no grupo observado de modo a reduzir a estranheza recíproca (MARTINS, 1996). Além disso, utilizou-se do diário de campo, definido por Frizzo (2010) como uma técnica específica de registro de dados e autorreflexão, como ferramenta para auxiliar no procedimento de observação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Foi realizada uma contextualização a respeito da história da psicologia social no Brasil e sobre a construção da concepção de psicologia social comunitária. Destacou-se a necessidade de pensar em intervenções psicológicas em comunidades com cunho transformador, a partir da análise das necessidades da comunidade de forma a posteriori, junto com a comunidade e sempre baseada no compromisso social e político da psicologia. Além da concepção de homem sócio historicamente construído para orientar as observações e análises do contexto comunitário (FREITAS, 2001).

Ademais, foi considerada nas análises a noção de identidade social, entendida como papéis sociais naturalizados que causam uma impressão de livre arbítrio. Por isso, é fundamental identificar mediações ideológicas e auxiliar o sujeito e a comunidade no processo de conscientização (LANE, 2006). Além de identificar estruturas de pensamento fatalistas e auxiliar a população no processo de desideologização (ANSARA; DANTAS, 2010).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As observações foram focadas no Projeto de Bordado em Vagonite, realizado no CRAS as sextas-feiras, com um grupo de mulheres que, em sua maioria, já passaram por alguma situação de violação de direitos; este tem o objetivo de fortalecer o vínculo entre elas e ensiná-las uma atividade que possa complementar a renda familiar. A partir disso, foi possível construir um projeto de intervenção em conjunto com as profissionais do CRAS, as mulheres usuárias do serviço e as estagiárias. Foi possível observar que a atividade de bordado exigia muita atenção e concentração por parte das mulheres, o que dificultava a interação entre elas. Dessa forma, o vínculo que teoricamente deveria ser fortalecido, era fragilizado. Ademais, observamos que a facilitadora do projeto também afetava a dinâmica desse processo, uma vez que ela dava maior ênfase a produtividade do que a interação em si.

Foi proposto então um projeto de intervenção que consistia em quatro encontros, que aconteceriam trinta minutos antes da atividade de bordado principal, para a construção coletiva e participativa de um “caminho de mesa” grupal, onde, em meio ao bordado, as mulheres teriam maior possibilidade de conversar, compartilhar experiências e fortalecer a interação e vínculo formado por elas. Nesta atividade, era esperado contar com a participação da facilitadora, para que houvesse reflexão e conscientização sobre seu papel, sobre a possibilidade de realizar uma atividade produtiva e integradora, sendo possível ser produtiva em meio à conversa e interação.

CONCLUSÃO

A experiência no estágio, articulada ao suporte teórico permitiu a compreensão dos fenômenos comunitários e a realização de diversas análises. Foi possível compreender que além das fragilidades relativas aos déficits comuns a gestão pública, existem também fragilidades contextuais relativas a gestão e as relações de poder estabelecidas de forma verticalizada, visando o aumento da produtividade em detrimento das relações interpessoais, e a fragilidade que essas relações podem causar em um grupo. A fim de adquirir e desenvolver habilidades necessárias para uma atuação profissional assertiva e exitosa, foi criado o projeto de intervenção, objetivando a elaboração de ações que viabilizem mudanças na realidade dos envolvidos através de um ambiente de reflexão e conscientização. O curto período de tempo em campo inviabilizou o êxito completo do estágio, que seria melhor aproveitado se houvesse mais tempo, principalmente para realização do projeto de intervenção. O esperado era criar um ambiente propício para refletir sobre a importância do fortalecimento de vínculo entre o grupo e compartilhamento de experiências comuns, objetivando a união, integração e superação de dificuldades.

REFERÊNCIAS

ANSARA, S. & DANTAS, B.S. A. Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. *Psicologia & Sociedade*; 22 (1): 95-103,2010.

FREITAS, M. F. Q. Psicologia Social Comunitária Latino-Americana: algumas aproximações e intersecções com a Psicologia Política. *Revista Psicologia Política/Sociedade Brasileira de Psicologia Política* – vol 1, no 2 – Jul/Dez. São Paulo: SBPP. p. 77- 83. 2001.

FRIZZO, K. R. Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas. In SARRIERA, J. C. & SAFORCADA, T. S. (Orgs). *Introdução à Psicologia Comunitária: Bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, Ed Meridional, 2010, p. 169-187.

LANE, S.T. M. O que é psicologia social. São Paulo: Brasiliense, *Coleção primeiros passos*, 39. p 22-24. 2006.

MARTINS, J. B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. Semin: Ciências Sociais/Humanas, Londrina. v.17 n.3, set. 1996, p. 266-273.

**G3 - Estágio Básico III:
Contextos Organizacionais
e de Trabalho**

Comunicação Oral

APLICAÇÃO DE PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL NA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO TRABALHO EM MATO GROSSO

Borba, Andreza;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Carvalho, Leina de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Goularte, Verônica Borges;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida de Campos

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar a realização da Pesquisa de Clima Organizacional (PCO) no Ministério do Trabalho para levantar dados e ter a visão dos colaboradores em geral e qual foi o impacto dessa pesquisa na instituição e como a partir dela os administradores puderam identificar aspectos a serem melhorados e planejar mudanças.

OBJETIVOS

Apresentar os trabalhos desenvolvidos durante o Estágio Básico III, realizado Superintendência Regional do Trabalho em Mato Grosso.

REFERENCIAL TEÓRICO

O psicólogo no contexto organizacional é uma ponte de comunicação entre os interesses de “patrões e empregados”. Neste mundo globalizado a organização que não investe na qualidade de vida de seus colaboradores não sobrevive. O bem-estar de seus subordinados é fator da mais alta valia em produtividade, dado que um colaborador satisfeito com seu trabalho produz mais e com qualidade. Portanto, a qualidade de vida do trabalhador está diretamente incluída no desenvolvimento organizacional, direcionada para aspectos de satisfação no cargo e valorização do trabalho.

Define-se clima organizacional como sendo as impressões gerais ou percepções dos empregados em relação ao seu ambiente de trabalho. Embora nem todos os indivíduos tenham a mesma opinião, pois não tem a mesma percepção, o clima organizacional reflete o comportamento organizacional, isto é, atributos específicos de uma organização, seus valores ou atitudes que afetam a maneira que as pessoas ou grupo se relacionam no ambiente de trabalho (CHAMPION, 1985).

De todas as estratégias para avaliação de clima a Pesquisa de Clima Organizacional (PCO) é a mais completa. É a que permite à empresa identificar seus pontos fracos, a satisfação de seus colaboradores com relação a vários aspectos da organização. É um trabalho cuidadoso que busca detectar as imperfeições existentes na relação empresa x empregado, com o objetivo de corrigi-las. Ela revela o grau de satisfação dos empregados, em um determinado momento. A pesquisa de clima identifica tanto problemas reais no campo das relações de trabalho como problemas potenciais, permitindo sua prevenção através do aprimoramento ou da adoção de

determinadas políticas de pessoal. A pesquisa representa, também, uma oportunidade para que funcionários expressem seus pensamentos e sentimentos em relação à empresa (LUZ, 2003).

METODOLOGIA

Após coleta de informações por meio de entrevistas informais, foram feitas algumas reuniões com o administrador Carlos Eduardo Santos a fim de obter dados gerais da organização, como os dados de identificação, dados referentes à estrutura organizacional, filosofia, políticas e práticas de gestão de pessoas. Também se discutiu as variáveis mais pertinentes a serem abordadas na PCO e como seria a elaboração, autorização e forma de aplicação. Depois de debatidos esses pontos iniciou-se a elaboração da PCO. Definiu-se o objetivo da pesquisa, público, quem iria conduzir, técnica a ser usada, coleta, momento da aplicação, divulgação, preparação dos colaboradores e abrangência da pesquisa. No total foram elaboradas 45 questões, sendo uma delas aberta e as restantes fechadas com a finalidade de avaliar dez variáveis: saúde; segurança e bem-estar; condições de trabalho; comunicação; liderança; treinamento e desenvolvimento; relacionamento; recompensa e valorização; trabalho realizado; fatores de satisfação e de insatisfação; e imagem. Os cadernos de pesquisa foram montados e validados, com opções de respostas em números pares para que não houvessem respostas indecisas. A forma de divulgação da pesquisa foi por meio de lembretes nos murais, recado presencial de setor em setor e envio de e-mails. A aplicação da pesquisa foi feita por questionário impresso e entregue de mão em mão aos colaboradores pelas estagiárias. Os questionários foram deixados com os colaboradores por um tempo para que eles pudessem responder sem pressa. A data escolhida para aplicação foi o dia 04 de julho de 2018, quarta-feira, por ser um dia da semana com menos falta de colaboradores. Nesse dia as estagiárias ficaram no Ministério em período integral para que pudessem recolher o maior número possível de pesquisas. Um segundo dia de pesquisa foi feito na quarta-feira seguinte com os servidores que não estavam na semana anterior. Após aplicação da pesquisa fez-se a tabulação a fim de obter os resultados percentuais e gráficos da pesquisa. Com os resultados obtidos na PCO foi elaborada uma apresentação com todos os dados, elaboração de hipóteses e sugestões do que poderia ser feito para melhoria da organização, que foi apresentado para o Superintendente do Ministério do Trabalho Amarildo Borges de Oliveira e o Administrador Carlos Eduardo Santos.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Após as análises das informações colhidas nas 25 entrevistas informais que foram realizadas junto aos gestores e os resultados obtidos pela aplicação de 64 pesquisas de clima no dia 04 de julho de 2018 foi obtido o seguinte diagnóstico. Metade dos colaboradores da organização participaram da pesquisa. Do total de 128 servidores, 64 responderam à pesquisa. Amostra dos participantes, 40% são apenas servidores, 16% são auditores, 8% são gestores, 11% estagiários, 9% terceirizados, mas tiveram 19% que não responderam. Em relação ao tempo de serviço, 36% estão há mais de 16 anos na organização, 26% há menos de 5 anos, 17% tem entre 6 e 10 anos, 3% entre 11 e 15 anos e 3% não responderam. 63% dos participantes da pesquisa são mulheres, 34% são homens e 3% não responderam. A média geral da variável treinamento e desenvolvimento foi 57% de satisfação e 43% de insatisfação. Os agravantes são a quantidade de treinamento recebido e oportunidade de desenvolvimento profissional e aprendizado contínuo. O relacionamento dentro da organização teve 91% de satisfação, o que demonstra o contentamento dos colaboradores com o clima de trabalho. A média da variável

recompensa e valorização foi de 86% de satisfação e 14% de insatisfação. Na variável de saúde, segurança, bem-estar e condições de trabalho, no geral, obteve 82% de satisfação e 18% de insatisfação. Na variável de comunicação foi perguntado se há problemas dentro da organização, 52% responderam que não e 36% responderam que sim, o que é um alto índice de insatisfação. A variável de liderança obteve 77% de satisfação e 23% de insatisfação. Os servidores se sentem de forma geral satisfeitos com as tomadas de decisão dentro da equipe, com as orientações que recebem, com o trabalho em equipe e com a avaliação de trabalho pelo supervisor. Em relação à variável de trabalho realizado, 100% dos participantes responderam que entendem que o trabalho que realizam contribui para os objetivos do órgão; 83% sentem autonomia em propor melhorias na execução do trabalho; 75% sentem que suas ideias e sugestões são ouvidas pelo órgão; 86% gostam do trabalho que fazem, mas 9% se abstiveram; e 73% sentem-se satisfeitos com o volume de trabalho, contra 20% que estão insatisfeitos. O agravante principal dessa variável é quanto ao número de colaboradores no setor ser suficiente para cumprir a demanda, pois 67% responderam que não e 27% responderam que sim, o que era esperado por ser uma organização pública que depende da realização de concursos. Na questão sobre os fatores de maior satisfação dentro da organização, foi identificado em primeiro lugar o trabalho realizado seguido da estabilidade financeira, do ambiente de trabalho, da autonomia e do reconhecimento. Levando em conta todas as variáveis pesquisadas, o índice de satisfação geral (ISG) foi de 80%, o que é considerado muito bom. Contudo, é sempre importante observar os pontos que podem ser melhorados a fim de que o ambiente organizacional seja o mais satisfatório possível, uma vez que é fator preponderante para a saúde e qualidade de vida dos servidores e para os resultados organizacionais.

CONCLUSÃO

O estágio III – Contextos Organizacionais e do Trabalho na Universidade Federal de Mato Grosso cumpriu o objetivo de inserção do aluno na área organizacional e a aprendizagem de técnicas de observação, coleta de relatos, entrevistas e questionário, além de discussão sobre o campo de estágio e contexto social em que está inserido. Com a experiência pode-se sentir a importância da psicologia organizacional como um campo que busca refletir e solucionar problemas para os diferentes acontecimentos no ambiente de trabalho e como essa área pode ser intermediadora e ponte de comunicação entre os interesses de chefia x -subordinado.

A Pesquisa de Clima Organizacional obteve resultados importantes, ela foi a primeira realizada tanto para o Ministério do Trabalho em Mato Grosso como para as estagiárias, e foi baseada em um breve conhecimento que obteve-se sobre o campo no período da realização do estágio, mas, apesar disso, trouxe dados que poderão contribuir para a melhoria do ambiente de trabalho. As variáveis em geral foram satisfatórias, mas analisando cada pergunta encontrou-se pontos a serem discutidos como o treinamento, a relação entre pessoas e setores, a comunicação e a liderança.

REFERÊNCIAS

- CHAMPION, D J. A sociologia das organizações. Editora Saraiva. Rio de Janeiro, 1985.
- LUZ, R. Gestão do clima organizacional. Editora Qualitymark, Rio de Janeiro, 2003.
- PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - PROEG. Estágio supervisionado. Disponível em: <<http://www1.ufmt.br/ufmt/un/secao/6186/PROEG>>.

ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL DO TRABALHO E A PRÁTICA NA SEFAZ-MT: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fronza, Nathany Alvarenga do Espírito Santo;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Oliveira, Larissa Rodrigues de Campos;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Dra. Rita Eliana Mazaro

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Campos

INTRODUÇÃO

O curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso - campus Cuiabá, possui o estágio básico III com ênfase em contextos organizacionais e do trabalho ofertado no 5^a semestre. Este estágio se caracteriza como uma das experiências mais importantes para os acadêmicos do curso de psicologia, pois é por meio dele que ocorre o primeiro contato do futuro psicólogo com a área Organizacional e do Trabalho. Além disso, os alunos têm a oportunidade de articular os arcabouços teóricos e as supervisões com as vivências práticas, possibilitando a concretização da aprendizagem.

A partir deste Estágio Básico é possível compreender o papel representado pelo psicólogo organizacional e do trabalho, quais atividades são atribuídas a ele, e quais são seus desafios no dia a dia. O EB III foi realizado na Coordenadoria de Gestão de Pessoas da Secretaria de Estado de Fazenda de Mato Grosso (SEFAZ-MT), localizada na Avenida Historiador Rubens de Mendonça, S/Nº, bairro Centro Político Administrativo, Cuiabá-MT.

OBJETIVOS

As alunas elencaram como objetivos principais do estágio a compreensão de como é realizado o trabalho do psicólogo no contexto Organizacional e do Trabalho, e quais as possibilidades que esse profissional tem para realizar possíveis intervenções, levando em consideração a demanda encontrada no local de trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Dalbosco, Da Rosa e Pisoni (2016), a partir da psicologia organizacional e do trabalho é possível realizar atração e seleção, análise de clima organizacional, resolver conflitos entre colaboradores, organizar treinamentos para aprimoramento de habilidades, desenvolver dinâmicas de grupo entre outros.

Atualmente, grande parte das pesquisas desenvolvidas é relacionada ao fator humano no trabalho, ou seja, são temas como estresse no trabalho, assédio moral, violência psicológica, racismo em ambiente de trabalho entre outros. A partir desse processo histórico da psicologia organizacional e do trabalho foram sendo desenvolvidas várias técnicas com o objetivo de auxiliar o funcionário e a empresa, como a gestão de pessoas por competência. Esta seria um processo que desenvolve as competências técnicas e comportamentais dos colaboradores a fim de atingir as metas de melhorias da empresa (DALBOSCO, DA ROSA & PISONI, 2016).

METODOLOGIA

O EB III em contextos Organizacionais e do Trabalho foi o primeiro estágio vínculo UFMT e SEFAZ-MT realizado na Coordenadoria de Gestão de Pessoas. Desse modo, para que o campo fosse compreendido como um todo, as estagiárias optaram por acompanhar todas as gerências e também a Coordenadoria de Gestão de Pessoas. O cronograma de acompanhamento das gerências foi desenvolvido pela Coordenadora do setor em parceria com as estagiárias, sendo que a cada dia de estágio era destinado a uma gerência já estabelecida.

Para um melhor entendimento de como funcionava o local, as estagiárias utilizaram a observação participante (ABDAL, 2016). Assim, o estágio de forma geral ocorreu na Coordenadoria de Gestão de Pessoas, porém para que esta experiência não fosse superficial, as estagiárias optaram por adentrar mais na Gerência de Desenvolvimento que possui como referencial teórico e prático a Gestão de Pessoas por Competências (CARBONE, BRANDÃO & LEITE, 2009).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As estagiárias identificaram que, na Gerência de Saúde no Trabalho e Qualidade de Vida, existem psicólogas que normalmente fazem um breve acolhimento com os servidores quando necessário, e também assistentes sociais, que trabalham a partir das demandas dos servidores, como acompanhamento médico, busca de laudos entre outros. Entretanto, na prática essas duas áreas não conseguem trabalhar de forma conjunta, o que implica diretamente no desenvolvimento do trabalho e na saúde do servidor. Seria muito relevante que os profissionais da Psicologia e os profissionais do Serviço Social conseguissem acompanhar os servidores que chegam a esta Gerência para identificar que tipo de atenção é necessária e assim prestar um serviço multiprofissional e de boa qualidade.

CONCLUSÃO

A partir desta experiência proposta pelo Estágio Básico III foi possível articular os conceitos de psicologia organizacional e do trabalho estudados com as experiências em campo, assim facilitando a aprendizagem e possibilitando que as estagiárias tivessem contato direto com a rotina e desafios da área proposta. O estágio na Secretaria de Estado de Fazenda de Mato Grosso foi uma experiência rica e gratificante, onde contamos com o apoio de uma equipe empenhada e muito disposta a colaborar com a permanência das estagiárias.

REFERÊNCIAS

- ABDAL, Alexandre Et al. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo. São Paulo: SESC/CEBRAP, 2016.
- CARBONE, Pedro Paulo; BRANDÃO, Hugo Pena; LEITE, João Batista Diniz. Gestão por competências e gestão do conhecimento. In: **Gestão por competências e gestão do conhecimento**. 2009.
- DALBOSCO, Thayla; DA ROSA, Amanda Martinello; PISONI, Kelly Zanon De Bortoli. Evolução Histórica Da Psicologia Organizacional e do Trabalho. **Impacto Científico e Social na Pesquisa**, 2016.
- SEFAZ. Identidade Organizacional. Disponível em: <http://www5.sefaz.mt.gov.br/identidade-organizacional.com> Acesso em: 01/11/2017.

GESTÃO ESTRATÉGICA DE PESSOAS: ATUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL NA DEFENSORIA PÚBLICA

Araujo, Karine dos Santos;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Santana, Natália Santos de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Rita Eliana Mazaro

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à experiência de Estágio Básico III em Contextos Organizacionais e de Trabalho, ofertado no quinto semestre do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso. O estágio foi realizado na Defensoria Pública de Mato Grosso, no Núcleo da Infância e Juventude no ano de 2016 sob supervisão da professora doutora Rita Eliana Mazaro. Este estágio tem como objetivo possibilitar a articulação entre teoria e prática e a integração de competências e habilidades para conhecer as implicações da efetivação de uma gestão estratégica em gestão de pessoas.

METODOLOGIA

Foi adotado o método de observação participante, que de acordo com Martins (1996) trata-se de estabelecer uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados de modo a reduzir a estranheza recíproca. O diário de campo foi utilizado como ferramenta auxiliar no procedimento de observação (FRIZZO, 2010).

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico utilizado possibilitou a realização de uma análise organizacional a respeito da forma de departamentalização da instituição, onde foram identificados os modelos Funcional e Geográfico. Além da metodologia de trabalho, identificados os elementos do modelo de Gestão Diretivo e do modelo de Gestão Participativo (OLIVEIRA e MEDEIROS, 2011). Foi utilizada a noção de Gestão Pública, “O conjunto de forças humanas voltadas para atividades produtivas, gerenciais e estratégicas dentro de um ambiente organizacional” (FRANÇA, 2009, p. 4-5). E de Gestão Estratégica “Um conjunto de planos da alta administração para chegar a resultados consistentes com a missão e os objetivos gerais organizacionais” (OLIVEIRA E MEDEIROS, 2011).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao longo das observações, foi possível identificar a estrutura da instituição e sua forma de organização. O núcleo da Infância e da Juventude era composto por dois defensores, dois assessores e dois estagiários de direito, que atuam na 1ª e 2ª Vara Especializada da Infância e Juventude. A 1ª vara é responsável por medidas de proteção à criança e adolescente e a 2ª responsável pela apreciação e julgamento dos feitos relativos a atos infracionais praticados por crianças e adolescentes.

A inserção no campo de estágio possibilitou a observação e a identificação de diversos elementos e fenômenos que compõem o universo organizacional, em especial a gestão de pessoas, “o conjunto de forças humanas voltadas para atividades produtivas, gerenciais e estratégicas dentro de um ambiente organizacional” (FRANÇA, 2009, p. 4-5). Ao longo das

observações, foi possível identificar aspectos organizacionais referentes à constituição do núcleo da instituição, as respectivas atribuições dos funcionários, além da relação com os usuários dos serviços ali prestados e implicações mútuas. Foi necessário realizar uma análise organizacional de nível macro, pois as demandas observadas eram referentes à uma instância superior de administração. Os elementos da gestão pública observados indicavam fragilidades quanto à estrutura física dos locais, ao sistema demasiadamente burocrático, a quantidade insuficiente de funcionários e seu desenvolvimento na instituição, insuficiência de recursos, etc. (FRANÇA, 2009; OLIVEIRA & MEDEIROS, 2011).

No que se refere as condições de trabalho, o quadro de funcionários era aparentemente reduzido, o que por um lado tornava a rotina dinâmica, facilitando o trabalho em equipe. Contudo, pode causar sobrecarga, prejudicando a qualidade de vida dos funcionários e a realização das atividades (CODO, W., 1999). Em relação a estrutura física dos espaços, existia uma fragmentação dos núcleos e dos funcionários, o que pode influenciar negativamente a Cultura Organizacional da instituição, reduzindo a motivação para determinados comportamentos e comprometendo a realização de um trabalho integrado (CHIAVENATO, I., 2003).

CONCLUSÕES

Foi possível observar alguns dos diversos elementos que compõem o universo organizacional, principalmente da gestão de pessoas e especificamente da gestão pública, e refletir sobre a forma como são percebidos e suas possíveis influências nas relações de trabalho, qualidade de vida e prestação de serviço. Assim, pôde-se pensar na relação entre uma gestão pública pouco estratégica e os possíveis efeitos sobre os elementos organizacionais, que poderiam ser otimizados se fossem geridos de forma mais estratégica. Oliveira e Medeiros (2011) definem estratégia como “um conjunto de planos da alta administração para chegar a resultados consistentes com a missão e os objetivos gerais organizacionais”. Ou seja, seria papel da alta administração desenvolver métodos que possibilitassem um trabalho equilibrado entre a atuação eficiente dos servidores públicos e o atendimento das necessidades dos usuários. Esses métodos poderiam ser desenvolvidos por uma equipe multiprofissional, que incluísse psicólogos, arquitetos, administradores, entre outros profissionais, além dos funcionários e até da participação dos usuários dos serviços. Assim, compreende-se que a atuação de psicólogas/os em Defensorias Públicas é um caminho possível e uma possibilidade nova de trabalho no campo socio jurídico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 7ª Ed. Rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003 - 6ª reimpressão.

CODO, W. & MENEZES, I. V. O que é Burnout? In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANÇA, A. C. L. **Práticas de Recursos Humanos – PRH: conceitos, ferramentas e procedimentos**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FRIZZO, K. R. Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas. In SARRIERA, J. C. & SAFORCADA, T. S. (Orgs). **Introdução à Psicologia Comunitária: Bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, Ed Meridional, 2010, p. 169-187.

MARTINS, J. B. **Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar**. Semin: Ciências Sociais/Humanas, Londrina. v.17 n.3, set. 1996, p. 266-273.

OLIVEIRA, J. A. & MEDEIROS, M. P. M. **Gestão de Pessoas no Setor Público**. Florianópolis: Dpto. De Ciências da Administração. UFSC; Brasília: CAPES: UAB, 2011. 184p.

IMIGRAÇÃO EM FOCO: UM DEBATE SOBRE A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM CASAS DE ACOLHIDA

Sousa, Aline Batista;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Vitto, Ana Beatriz;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Souza, Arianny Ferreira de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Gois, Douglas Santos;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia

Souza, Fernanda Petrilli Coelho de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Silva, Gabriela Ferreira Alves da;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Monteiro, Helena Cristina Canova;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Santos, Monica Maria Silva e;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Moraes, Natália Alves de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Souza, Peter Teylon Rodrigues de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Campos

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar uma diferente modalidade de debate acerca do Estágio Básico III, através da proposta de uma roda de conversa que proponha a interação e debate entre estagiários inseridos no campo do Centro de Pastoral para Migrantes Cuiabá e na Missão Paz, São Paulo, visando a discussão e exposição das experiências vivenciadas. Ressalta-se que ambas organizações realizam trabalhos semelhantes, voltados à acolhida imediata de migrantes e direcionamento dos mesmos para mercado de trabalho e serviços básicos (saúde e educação).

OBJETIVOS

Apresentar os trabalhos desenvolvidos durante o Estágio Básico III, realizado na Organização Centro de Pastoral para Migrantes Cuiabá e São Paulo (Missão Paz), comparando o modo de funcionamento encontrado nas distintas organizações filantrópicas citadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ancorados na Psicologia Organizacional e do Trabalho realizou-se ações voltadas à acolhida e inserção de imigrantes recém-chegados no mercado de trabalho brasileiro. Um dos conceitos importantes para o entendimento deste estágio é o conceito de migração. Segundo o manual VI das nações unidas (1972), entende-se como migração um movimento de curta ou longa distância e de pouco tempo ou muitos anos, em que um grupo ou indivíduo se desloca de um local onde ele tinha uma residência e/ou fosse de sua origem para um local onde pretende se manter. Embasados na Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), um dos focos do Estágio foi a realização de atividades de recrutamento e seleção, sendo que a atividade de seleção foi parcialmente desempenhada pelos estagiários. Segundo Gil (2008), recrutamento é um processo que visa atrair possíveis trabalhadores para uma determinada área de atuação laboral em uma empresa; Marras (2000) vai além e diz que isto é uma atividade de responsabilidade do RH de empresas e tem por finalidade captação de recursos humanos tanto internamente quanto externamente à organização. De acordo com Flatau e Mondini (2013), é imprescindível que haja alguma forma de treinamento para torná-las aptas para o desenvolvimento da função exercida na organização. A prática do treinamento beneficia tanto o funcionário (que agrega conhecimento), quanto a organização (que aumenta a produtividade) e também o consumidor final daquele serviço ou bem (que recebe o produto ou o atendimento com maior qualidade) (FLATAU; MONDINI, 2013).

METODOLOGIA

A coleta de informações no Centro Pastoral para Migrantes tomou como base atuações e observações diretas através do método de observação-ação-participante (MARCONI & LAKATOS, 2002). Em tal método, como citado por Frizzo (2010), utiliza-se de forma diferenciada a relação criada entre o pesquisador e a população investigada, na qual os dois são colocados sob o mesmo patamar, mostrando assim, o nível de igualdade e importância de ambos no processo desenvolvido na comunidade, além de recategorizar a população assistida como pesquisadores internos da própria comunidade em que residem. Desta forma, o trabalho realizado no local de estágio, focou na troca de vivências e conhecimentos, visando auxiliar a supervisora de campo e os demais contratados do local, assim como a população atendida, os migrantes.

INTERVENÇÃO

No trabalho realizado no Centro de Pastoral para Migrantes Cuiabá, foram desenvolvidas intervenções relativas à produção e análise de currículos; apresentação de palestras e formações que focavam apresentar o mercado e ambiente de trabalho brasileiro; desenvolveu-se o contato direto com empresas contratantes, que focaram na captação de vagas, no envio de currículos e convites às empresas, e comparação de competências exigidas pelas empresas e expostas nos currículos produzidos. Durante o Estágio realizado em São Paulo, as estagiárias não realizaram intervenções.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Em relação aos trabalhadores chamados para entrevistas pelas empresas contratantes a maior parte referia-se a cidadãos venezuelanos, visto, entre outros fatores, à similaridade das línguas portuguesa/espanhola. Ressalta-se que durante a análise dos resultados foram encontrados fatores interseccionais que agiram como empecilho no processo de integração desses imigrantes na sociedade, tais como racismo e xenofobia, pontos que estigmatizam e distanciam os membros deste grupo dos direitos igualitários à população nacional assegurados pela lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017 (BRASIL, 2017). No final do estágio, foram

produzidos aproximadamente 50 currículos para migrantes de diferentes nacionalidades e apresentadas mais de 3 tipos de palestras/formações.

CONCLUSÃO

A partir da vivência do estágio, foi possível no âmbito prático aprender técnicas e procedimentos metodológicos da área de Psicologia Organizacional e do Trabalho, assim como ver o real funcionamento de organizações já instituídas, o trabalho com grandes grupos e diversas demandas com um curto período para conclusão de ações. A possibilidade do acolhimento de estagiários na Pastoral de Cuiabá e na de São Paulo permitiu ainda o debate acerca dos métodos de atuação adotados por cada uma das organizações, a discussão de possibilidades de implantação de novas ideias e de um processo mais sistematizado na Pastoral de Cuiabá, por exemplo. Por fim, cabe relatar, a importância vivenciada na realização de ações que promoveram a aproximação dos estagiários com a comunidade através da aplicação dos conhecimentos adquiridos na Universidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante. Diário Oficial, Brasília, DF, 24 maio. 2017. Cap 1, seção 1.

FRIZZO, Kátia Regina. A investigação-ação-participante. **Introdução à psicologia comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, p. 155-168, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Gestão de pessoas: enfoque em papéis profissionais**. 1º ed., 8º impr. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa** (Vol. 2, pp. 35-36). São Paulo: Atlas. 2002.

MARRAS, Jean Pierre. **Administração de recursos humanos: Do operacional ao estratégico**. 3º ed., São Paulo: futura, 2000.

NACIONES UNIDAS. **Estudios de población, nº 47**. Manual VI. Métodos de medición de lamigración interna. Nueva York.1972.

FLATAU, Carolina Alves de Andrade; MONDINI, Luis Cesar. Treinamento e capacitação. **Maiêutica-Processos Gerenciais**, v. 1, n. 1, 2013.

RELATO DE EXPERIÊNCIA ESTÁGIO BÁSICO III: CONTEXTOS ORGANIZACIONAIS E DE TRABALHO

Pereira, Júlia Paes de Barros;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Pereira, Natália Sonza;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida de Campos

INTRODUÇÃO

O EB III: Contextos Organizacionais e do Trabalho ocorre em espaços em que estão formalizadas as atividades de trabalho, como as organizações em geral, empresas, ONGs, hospitais, escolas, órgãos públicos, entre outros. As atividades buscam compreender como o conhecimento produzido em Psicologia pode ser operacionalizado de maneira a explicar os determinantes do desempenho e as implicações da relação com o trabalho na realização pessoal, profissional e qualidade de vida do trabalhador.

Uma vez que o trabalho tem grande participação na construção da identidade do indivíduo, segundo Ribeiro et al (2014) esta é uma atividade fundamental para realização pessoal, o desenvolvimento da autoestima e interação social. Camargo (2014) aponta que o trabalho se tornou central e delineador de condições de qualidade para o existir, o conviver individual e coletivo na história da humanidade. Estar ou não trabalhando pode implicar a experiência de inclusão ou exclusão social no sujeito.

Desse modo, a partir da influência do trabalho em diversos focos da vida em sociedade, nosso estágio tem como objetivo adentrar a Psicologia Organizacional e do Trabalho se dedicando, mais especificamente, à inserção das pessoas com deficiência (PcD) no mercado de trabalho, devido ao fato de serem pessoas que sofrem processos de discriminação e exclusão social (Camargo, 2014).

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho possui uma relação interdisciplinar com a subjetividade do ser humano, caracterizando-se pelas vivências e experiências que são adquiridas e das representações que os trabalhadores fazem desse cotidiano. Para a pessoa com deficiência, em sua maioria, o sentido do trabalho está na saída da condição de isolamento social e da dependência dos outros para criar seus próprios vínculos em outros espaços (Lima et al, 2013).

A inclusão no mercado de trabalho implica na melhora da qualidade de vida e na maior visibilidade das habilidades e competências das pessoas com deficiência (Lima, 2013). Todavia, mesmo com a Lei de Cotas há fatores que dificultam a inclusão desse público no mercado de trabalho, por exemplo a falta de conhecimento de gestores a respeito das competências e habilidades dessas pessoas para o trabalho, sendo a visão do gestor a respeito da deficiência um empecilho para a contratação (Nepomuceno & Carvalho-Freitas, 2008).

Em setembro de 2017, aconteceu na UFMT o primeiro Fórum de Acessibilidade e Inclusão no âmbito da universidade, a partir da iniciativa dos servidores PcDs. O evento teve como objetivo discutir temas como acessibilidade e inclusão com toda a comunidade

acadêmica e, ao final, contribuir para a criação de políticas institucionais voltadas às pessoas com deficiência.

Nesse contexto, surgiu nossa proposta de estágio. A união entre a área de gestão de pessoas da UFMT e o Curso de Psicologia em seu Estágio Básico em contextos organizacionais e do trabalho. Com o objetivo de levantar dados sobre a qualidade de vida no trabalho dos servidores com deficiência da universidade a fim de se pensar em ações de melhoria.

METODOLOGIA

Trata-se de um levantamento de dados com entrevistas e aplicação de questionário aos servidores com deficiência da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) campus Cuiabá. Optou-se por utilizar o Inventário de Satisfação com Fatores de Qualidade de Vida no Trabalho – o ISQVT, desenvolvido pela Profa Maria Nivalda de Carvalho-Freitas, que autorizou a utilização com cópias no formato padrão e outras adaptadas para os servidores que possuem baixa visão. Após o inventário, realizou-se uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi elaborado em conjunto com a Profa Maria Aparecida, supervisora de estágio.

ANÁLISE DOS DADOS

No Inventário de Satisfação com Fatores de Qualidade de Vida no Trabalho (ISQVT) obtivemos uma majoritária taxa de satisfação nos oito blocos presentes no questionário. No entanto, para algumas alternativas, houve maioria de respostas relacionadas à insatisfação.

Em relação à entrevista semiestruturada que tivemos com os participantes após a aplicação do inventário, os pontos “fluxo de trabalho”, “realização pessoal”, “boa utilização do potencial”, “convívio com colegas”, “relação com os gestores” e “recepção quando chegou na universidade”, majoritariamente foram classificados como satisfatórios. Sobre “aspectos que poderiam melhorar” e “o que falta” tivemos 10 pontos que se repetiram em mais de uma entrevista: “Hierarquia entre Docentes e Técnicos”, “Segurança no Campus”, “Gestores”, “Ações de Saúde”, “Processo Seletivo”, “Falta de Recursos”, “Falta Representatividade”, “Falta convivência e conhecimento”, “Consultas as PcDs” e “Infraestrutura e Equipamentos”.

CONCLUSÃO

Sobre o Inventário de Satisfação com Fatores de Qualidade de Vida no Trabalho, podemos concluir que a maioria dos servidores está satisfeita com sua situação atual de trabalho. As principais insatisfações foram em relação ao salário e benefícios, à progressão da carreira, às condições estruturais e de acessibilidade da universidade como um todo, com informações sobre saúde e segurança pessoal, falta de oportunidades para mostrar potencial e habilidades, resolução de conflitos dentro da universidade, empenho e interesse da instituição em implementar melhorias, ações do sindicato e representatividade e equilíbrio entre trabalho e lazer.

Durante as entrevistas pudemos investigar esses pontos de insatisfação, entender por que alguns ocorrem e levantar outras situações. Após a análise de todos os dados, podemos concluir que as melhorias mais demandadas pelos servidores com deficiência são, respectivamente, as referentes à Infraestrutura do Campus e dos Equipamentos, a Consulta às PcDs sobre Adaptações e Obras, aumentar a Convivência e Conhecimento sobre as PcDs,

existência de Representatividade, disponibilidade de Recursos, diminuir o tempo entre a Aprovação em Concurso e o Início das Atividades, ampliar as Ações de Saúde e Atividades de Integração para os servidores e ampliar a Segurança no Campus.

Assim, diante das legislações existentes que asseguram a inclusão e a acessibilidade das pessoas com deficiência no âmbito trabalhista, pensando no significado do trabalho que é atribuído na vida das pessoas com deficiência, que tira o sujeito do isolamento social, contribuindo para a melhora da autoestima, reconhecimento perante à sociedade e na melhora da qualidade de vida; e ainda, levando em consideração os dados levantados nesse estágio, principalmente os relatos dos servidores com deficiência da UFMT a respeito de suas vivências, dificuldades enfrentadas e expectativas de melhoria para o ambiente, concluímos que é fundamental que a instituição trabalhe de forma a garantir o cumprimento e a preservação dos direitos que asseguram às pessoas com deficiência, deixando no passado os processos de marginalização que essas pessoas sofreram com a privação do acesso ao trabalho e educação, garantindo assim, a inclusão.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, M. L.O **Papel da Psicologia Organizacional e do Trabalho no Enfrentamento dos Desafios à Inclusão de Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho**. Mimesis, Bauru, v. 35, n 2, p. 201-222, 2014.

RIBEIRO, A. P; BATISTA, D. F; PRADO, J.M, VIEIRA, K.E; CARVALHO, R.L **Cenário da Inserção de Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho: Revisão Sistemática**.

Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 12, n. 2, p. 268-276, ago./dez. 2014.

LIMA, M. P; TAVARES, N. V; BRITO, M. J; CAPELLE, M. C. A; **O sentido do Trabalho para as Pessoas com Deficiência**. Revista ADM Mackenzie, v. 14. n. 2 - São Paulo - SP, abr. 2013.

NEPOMUCENO, M. F; CARVALHO-FREITAS, M. N; **As Crenças e Percepções dos Gerentes e as Possibilidades de Trabalho das Pessoas com Deficiência**. Psicologia em Pesquisa, UFJF - jan-jun. 2008.

UFMT. **Fórum de acessibilidade e inclusão discute política para PCDs na UFMT**. 2017. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/site/noticia/visualizar/37490/Cuiaba> Acesso em: 21/10/2018.

**G4 - Estágio Básico IV:
Contextos Clínicos
e de Saúde**

Comunicação Oral

HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE DEVIDO VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aguilar, Daniela Martina Alves;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Silva, Kamilla Clausen da;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Érica Nayla Harrich Teibel

Este é um relato de experiência, referente ao Estágio Básico IV, realizado pelas alunas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá, em um Centro de Ressocialização (CR) em Mato Grosso. O objetivo do estágio foi conciliar as teorias psicológicas com a prática nos contextos de saúde mental, além de refinar o olhar das discentes, deixando-as atentas sobre a questão da saúde mental de uma população que é tão segregada, a população carcerária.

Quanto ao histórico do sistema prisional, cabe ressaltarmos que a resposta social de punir aqueles que de alguma forma transgrediram as leis e regras sociais nem sempre foi o encarceramento. Segundo Mameluque (2006), punir os ditos “criminosos” era um espetáculo público, como foi a forca. Entretanto, essas penalidades, pouco a pouco deixaram de ter tal objetivo, pois tinha um cunho negativo fazendo “o carrasco se parecer a um criminoso e os juízes a assassinos” (MAMELUQUE, 2006, p. 624). Assim, em princípios do século XIX, desaparece o grande espetáculo da punição física, passando-se para uma penalidade de detenção. “O até então denominado processo punitivo, ligado à ideia de castigo, transformou-se com a introdução e evolução do sistema carcerário em técnica penitenciária, agora direcionada à ideia de adestramento” (FOUCAULT apud MAMELUQUE, 2006, p.623). Dessa forma, ligando-se a ideia de punir à de educar, os internos eram submetidos a trabalho forçado, instrução primária e religiosa. Mameluque (2006) afirma que o que fez surgir o encarceramento foi o progresso das ideias e a educação dos costumes.

Nessa perspectiva, de modo a tentar suprir as novas demandas que foram surgindo e melhorar o sistema penitenciário, passou-se a requisitar a atuação de diversos profissionais, dentre eles, os psicólogos. Segundo Fernandes (1998), o psicólogo passou a ser reconhecido legalmente pela instituição penitenciária a partir da promulgação da Lei de Execução Penal (Lei Federal nº7.210/84) (BRASIL, 1984). Assim, Direito e Psicologia se aproximaram, principalmente em razão da preocupação com a conduta humana (LAGO et. al, 2009).

Inicialmente, e devido ao momento histórico que a psicologia passou, o trabalho dos psicólogos nestas instituições era basicamente o psicodiagnóstico. Porém, outras formas de atuação foram ganhando força. Para além das avaliações psicológicas, que é a principal demanda dos operadores do Direito, os psicólogos passaram a implantar medidas de proteção e socioeducativas, como acompanhamento e orientação dos detentos, entre outros (LAGO et. al, 2009).

Para a realização do estágio básico no CR, a metodologia utilizada foi a observação participante, visto que, conforme Martins (1996), ela é uma metodologia qualitativa etnográfica, que permite ao pesquisador contato direto com os pesquisados, buscando tornarse membro daquela cultura, para assim fazer um relato de cunho interpretativo sobre o movimento da mesma. No CR foi acompanhado o trabalho dos psicólogos da instituição, os quais

desenvolviam atendimentos individuais e trabalhos com grupos terapêuticos, sendo um deles relacionado aos crimes de violência doméstica, que, como já mencionado, é o foco deste relato. Tal grupo encontrava-se semanalmente e utilizava como metodologia a Roda de Conversa, nas quais, juntamente com o mediador, os reeducandos discutiam e refletiam sobre o tema, além de trazerem também demandas pessoais.

A partir da observação do referido grupo, pôde-se traçar apontamentos a respeito dos crimes, relacionando-os com os fatores culturais e sociais que os atravessam, como o machismo. A partir dos relatos destes homens ali privados de liberdade, sugere-se que os mesmos haviam colocado em prática aquilo que aprenderam ao longo da vida: a mulher submissa ao homem. Dessa forma, aceitar que há motivos “lógicos” e legais para estarem reclusos de liberdade devido a um crime contra a mulher, se torna difícil. Além disso, aceitar uma nova forma de se relacionar com mulheres traz para estes homens sentimentos de inferioridade e de submissão, como mencionado por alguns deles. Ficou evidente a dificuldade em avançar nas discussões grupais, pois elas sempre voltavam para o ponto de partida: a Lei Maria da Penha e sua finalidade; visto que, eles a consideravam um instrumento jurídico com pouco fundamento, existindo apenas para punir aos homens que exerceram “seu papel de homem” e, muitas vezes, servindo de ferramenta de chantagem por parte das mulheres. Outra demanda importante analisada foi a dificuldade relatada em manter diálogo com suas parceiras (o que levava às brigas/agressões), bem como romper o vínculo com as mesmas; alegavam que o rompimento não garantia que o homem deixaria de fazer valer seu “papel de homem” em outros relacionamentos, pois as mulheres são iguais (submissas aos homens) e precisam ser tratadas como tal. Como se percebe, a comunicação, o diálogo e o respeito são fatores que os homens ali reclusos não vislumbram em suas relações afetivas.

Por fim, a alta frequência de reincidência observada nesses crimes aponta que o cárcere não reeduca. As questões de violência contra a mulher encontram diversos atravessamentos culturais e sociais. Assim, é imprescindível a análise dessa questão como prioridade na saúde pública, gerando políticas para seu combate. Conclui-se então que, para além de repensar a judicialização e o rigor punitivo, deve-se, principalmente, refletir sobre as possibilidades de restauração do equilíbrio familiar e social das pessoas envolvidas.

Como profissionais da Psicologia, deve-se ter um olhar mais refinado e crítico. É preciso enxergar o sujeito para além do seu crime. Cada indivíduo tem sua história de vida, suas dificuldades, seus medos, suas ambições, entre outros. Assim, precisa-se ver os indivíduos como sendo históricos e sociais, proporcionando um atendimento integral e sem preconceitos. É nessa perspectiva que a Psicologia atualmente vem se posicionando, levando em conta as condições sociais, históricas, políticas e econômicas para analisar e problematizar a questão da criminalidade contemporânea e suas múltiplas formas de penalização (CFP, 2012).

Tendo em vista os aspectos observados, a participação no grupo sobre violência doméstica no CR proporcionou o contato com o trabalho do psicólogo, seus embates e possibilidades nesses contextos. Tal experiência proporciona vivências únicas e de suma importância para a formação dos futuros profissionais da área. Contudo, isso não seria possível sem o acolhimento de todos os participantes e da liberdade que nos proporcionaram para conhecermos suas histórias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Execução Penal. Lei nº 7.210 (1984). Recuperado em fevereiro, 2018, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L7210.html>.

Conselho Federal de Psicologia. REFERÊNCIAS TÉCNICAS PARA ATUAÇÃO DAS (OS) PSICÓLOGAS(OS) NO SISTEMA PRISIONAL. Conselho Federal de Psicologia. - Brasília:

CFP, 2012.65 p.ISBN: 978-85-89208-49-9. 1. Psicólogos 2. Políticas Públicas 3.Sistema Prisional I. Título. BF76.

DE MEDEIROS LAGO, Vivian et al. Um breve histórico da psicologia jurídica no Brasil e seus campos de atuação. **Estudos de Psicologia**, v. 26, n. 4, p. 483-491, 2009.

FERNANDES, Magaly Andriotti. **O trabalho do psicólogo junto ao sistema penitenciário: tratamento penal**. 1998.

MAMELUQUE, Maria da Glória Caxito. A subjetividade do encarcerado, um desafio para a psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, n. 4, p. 620-631, 2006.

MARTINS, João Batista. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. **Semina: Ciências, Sociedade e Humanidade**, v. 17, n. 3, p. 266-273, 1996.

Pesquisa Saúde Mental na Greve Estudantil da UFMT em 2018

Arruda, Ana Victória Alvarenga de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Bittencourt, Barbara Vital;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Brunca, Camila Garcia;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Lopes, Icaro Merquides de Leon;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Ghisi, Lenise Santos;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Arruda, Lucas Moreira;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Oliveira, Rafaela Nicoli de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientador: Prof. Me. Lucas Guerra

INTRODUÇÃO

A greve estudantil realizada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) em 2018 ocorreu em resposta ao anúncio realizado pela Reitoria quanto ao aumento do valor do Restaurante Universitário (RU) e pleiteou a manutenção do acesso a esse serviço pelo mesmo valor (R\$ 1,00), garantindo-se o caráter universal. A contar da data da suspensão do calendário acadêmico até o dia 25 de junho daquele ano, quando diversos cursos reiniciaram suas atividades em sala de aula, a greve perdurou por 65 dias, além do período anterior de ocupação das guaritas e posterior continuidade da greve em determinados cursos. Assim, tendo havido uma disrupção tão importante na rotina da universidade, torna-se imprescindível avaliar de que forma o corpo discente vivenciou esse cenário e as implicações para a saúde mental de seus estudantes.

O movimento grevista na UFMT está temporalmente vinculada a um momento histórico, social e político que prevê uma agenda de retirada de direitos nos âmbitos da saúde e educação, o que, nos parece, evidencia a complexidade de analisar o fenômeno cuidado-saúde-doença para além da via individual e patologizante, assim como pautar a saúde como bem de uso e não mero bem de troca. Daí a importância de voltar a olhar da Psicologia para um contexto que integra saberes e fazeres diversos e em que se tensiona as instituições por meio da participação política, com o objetivo de alterar o curso das decisões relativas às políticas de alimentação e permanência na universidade, sem deixar de atentar para os impactos desse movimento na saúde mental dos estudantes.

Neste sentido, o presente trabalho se desenvolveu frente a essa demanda por meio de atividades realizadas na disciplina de Estágio Básico IV: Contextos Clínicos e de Saúde, sob orientação do Prof. Me. Lucas Guerra. Ressalte-se que as observações e coletas de dados ocorreram duas semanas antes de ser declarado o final da greve, com o objetivo de compreender as consequências e os possíveis efeitos psicológicos do longo período de greve, traçando um panorama da saúde mental dos estudantes universitários da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dallari (1994) pondera que “quem não pode defender seus direitos está na mesma situação de quem não tem direitos” e por isso afirma que para que direitos tenham significação prática é preciso que as pessoas possam exercê-los, isto é, “é necessário que as condições políticas, econômicas e sociais garantam a todas as pessoas as mesmas possibilidades de ter e de usar os direitos” (pp. 53-63).

Na mesma toada, Dallari (1984) e Demo (1988) tratam da participação individual, coletiva, eventual ou organizada como processo de organização autônomo de pessoas de uma comunidade no sentido de ajudar a construir mecanismos de conscientização e organização política. A seu tempo, Almeida Filho (2011) aponta a necessidade de reflexão sobre a construção histórica do conceito da saúde como estado de ausência de doença, enquanto Spink (2017) discorre sobre a doença como um fenômeno construído socialmente e, logo, um fenômeno coletivo sujeito a pressões ideológicas da sociedade. Dessa perspectiva, os sujeitos são, a um mesmo tempo, capazes de atuar sobre a realidade social e serem afetados pelas formas de organização social.

Entendido o direito à greve como um movimento para manter direitos, e partindo da compreensão de sujeito como produto e produtor da realidade social, o movimento deflagrado em 2018 pelos estudantes da UFMT para reivindicar a gratuidade e a universalidade do Restaurante Universitário, pode ser concebido como o principal instrumento de garantia de direitos do qual os estudantes dispunham à época para pautar a política de alimentação e a assistência estudantil na universidade. A articulação do movimento grevista se constituiu a partir da organização autônoma de estudantes universitárias e atuou no sentido de construir mecanismos de consciência na comunidade acadêmica para expor a gravidade do momento político vivenciado no país; denunciar a ausência de paridade nos espaços deliberativos institucionais; e, em última instância, pautar a defesa da universidade pública e de qualidade.

MÉTODO

A metodologia consistiu na confecção de um formulário com o objetivo de coletar dados para compreender a situação da saúde mental dos estudantes universitários tendo em vista seu movimento grevista. Tal formulário foi composto por dezoito itens, divididos em 6 perguntas com respostas abertas; 9 perguntas com respostas fechadas de única escolha; e 3 perguntas com respostas fechadas de múltipla escolha. Dessas, apenas duas questões eram opcionais e o restante, obrigatórias. Tais perguntas foram divididas em 3 seções: “Perfil”, buscando estabelecer o contexto no qual o discente estava inserido; “Sobre a greve”, com o objetivo de compreender o posicionamento do discente sobre a greve; e “Efeitos da greve”, que procurava investigar os possíveis impactos da greve no quadro emocional e psicológico.

De caráter anônimo, o formulário esteve disponível de 12 a 20 de julho de 2018 e foi divulgado através de e-mails, redes sociais, além de cartazes espalhados em pontos de grande circulação de estudantes na UFMT. Além disso, uma versão física também foi oferecida aos discentes nos eventos relacionados à greve. Estes formulários preenchidos à mão foram posteriormente transcritos pelos estagiárias e estagiários para a versão online.

Para além disso, entre 10 e 20 de julho foram realizadas 18 entrevistas semiestruturadas, baseadas nas perguntas do formulário. As entrevistas foram realizadas pelas estagiárias e estagiários, que por sua vez ofereceram aos entrevistados o termo de consentimento livre e esclarecido. Por fim, também foram realizadas observações de eventos ligados à greve, como reuniões com a reitora, reunião da comissão de ética com requisitantes da Psicologia, etc. Tais dados de entrevista e observação foram ao final transcritos no relatório de estágio, que contou também com o autorrelato de todos os integrantes.

RESULTADOS

O formulário obteve um total de 322 respostas, que foram posteriormente analisadas quantitativamente e condensadas em gráficos. Em vista da dimensão e quantidade de informações levantadas, será apresentado abaixo apenas um breve resumo dos dados obtidos. No entanto, os gráficos e respostas abertas obtidas foram disponibilizadas online e podem ser visualizados em sua plenitude pelo link: <https://tinyurl.com/dadossaudentalnagreve>.

Na seção “Perfil” identificou-se que estudantes de mais de 25 cursos responderam ao questionário, sendo a maioria da amostra composta por discentes com idade entre 20 e 23 anos, do sexo feminino (59%), autodeclarados(as) brancos(as) (51%), cursando o 3º ano da graduação (28%) e que frequentemente ou sempre (65%) utilizavam o Restaurante Universitário (RU). Na seção “Sobre a greve”, verificou-se que a maior parte da amostra era contra o aumento (87%), apoiava a greve estudantil (63%), não modificou seu posicionamento no decorrer da greve (66%) e se sentia representada pelo movimento estudantil do seu curso (57,5%). Na questão em que podiam responder sobre como o aumento proposto pela reitoria impactaria em sua vida, notou-se a recorrência de respostas sobre deixar de utilizar o RU e o abandono da universidade.

Na seção “Efeitos da greve”, a maior parte da amostra marcou ao menos um impacto emocional sentido devido à greve, tendo como predominância a frustração, o estresse e a ansiedade. Vale ressaltar que 26 discentes alegaram terem ideação suicida em função da greve. E quando questionados sobre as estratégias utilizadas para atenuar os quadros emocionais causados pela situação de greve, as respostas mais frequentes foram “assistir séries e filmes” (195), “dormir” (194) e “se afastar das atividades grevistas” (154). Destaca-se ainda a ocorrência de estratégias como “consumir bebidas alcoólicas” (74), “fumar cigarro” (45) e “uso de drogas ilícitas” (42). Averiguou-se também que a maior parte da amostra (160) não sofreu nenhum tipo de constrangimento em função de seu posicionamento a respeito da greve, entretanto, quando isso ocorreu foi predominantemente por parte de colegas do curso (69), por outros universitários (67), e também por parte da família (51).

Constatou-se, ainda, que 128 discentes declararam não precisar de nenhum suporte emocional e 84 tiveram o apoio necessário. Em contrapartida, 110 discentes disseram que não puderam contar com nenhum suporte emocional. Somente 50,2% da amostra ofereceu algum tipo de apoio durante a greve. Sendo que ao menos 36% percebeu que teve necessidade de ter acompanhamento psicológico. Por fim, os discentes puderam optar por responder sobre o que poderia ter amenizado os sintomas e, apesar de bem variadas, observou-se a recorrência de respostas que apontam como solução ocupar-se com outras atividades além da greve, ter procurado atenção psicológica e a negociação com a reitoria para a resolução do impasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se tornou uma referência ao proporcionar a compreensão de concepções de cuidado, saúde e doença além das forjadas e convencionadas socialmente. As leituras, experiências e discussões sobre saúde mental propiciadas pelo movimento de greve

estudantil na Universidade Federal de Mato Grosso contribuíram para o enriquecimento dos componentes curriculares do curso de Psicologia e auxiliaram a fomentar a criticidade dos estudantes nos campos de estágio.

Este cenário possibilitou o contato com uma ampla variedade de vivências, destacando a necessidade de ampliar a compreensão do fenômeno saúde-doença e atentar às formas de construção da saúde mental, ainda que em situações adversas.

Ainda que tenhamos prezado pela pluralidade, temos consciência de que os dados coletados não abarcam toda a comunidade acadêmica e, portanto, não são representação fiel da opinião de toda a universidade, no entanto, ajudam a desenhar um panorama do contexto em que os estudantes universitários estavam imersos durante a greve estudantil de 2018.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar de. O que é saúde? Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

DALLARI, Dalmo de Abreu. O que são direitos das pessoas? 10 ed. rev.. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DALLARI, Dalmo de Abreu. O que é participação política? São Paulo: Brasiliense, 1984.

DEMO, Pedro. Participação é conquista. São Paulo: Autores Associados, 1988.

SPINK, Mary Jane. Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos. 9 ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS ACADÊMICOS DURANTE GREVE ESTUDANTIL NA UFMT

Carvalho, Felipe Sena Barbosa de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Silva, Jeise Letícia Ferreira da;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Nunes, Leidiany dos Santos;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Almeida, Nathália Paz Melo de Almeida;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Rodrigues, Neo Ramos;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Santos, Patrícia;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Ferreira, Rogélio Gonçalves;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Orientador: Prof^o. Me. Lucas Guerra da Silva

INTRODUÇÃO

O estágio básico IV em contextos de saúde é realizado por estudantes regularmente matriculados neste componente curricular ofertado no sexto semestre do curso de psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso. O campo de estágio é uma ferramenta que possibilita a imersão dos discentes em diversos contextos nos quais são feitas observações, descrições, análises e intervenções de acordo com os fenômenos psicológicos visualizados naquele contexto. No ano de 2018 os estudantes da UFMT foram surpreendidos com a disposição de mudança da política de alimentação da Universidade, e essa mudança possibilitou que estudantes de diversos institutos diferentes se mobilizassem para decretar em assembleia geral greve discente, que durou cerca de quatro meses. Para realização do estágio no contexto da greve, o professor orientador Lucas Guerra da Silva solicitou da Comissão de Ética do Comando de Greve discente do curso de Psicologia autorização para realizar com um grupo de estudantes estagiários um levantamento de dados acerca das afetações produzidas por aquele processo, e o pedido foi deferido, e o estágio realizado. Na realização dividiu-se os estudantes em dois grupos, um com catorze e outro com sete. O primeiro grupo participou de várias movimentações durante o período da greve, entre reuniões, assembleias, construindo um questionário virtual para concentrar respostas, e realizando entrevistas com participantes da greve de diversos cursos. Foi uma pesquisa de levantamento de dados, que mostrou os principais impactos da greve na saúde mental dos estudantes da UFMT. O segundo grupo, autor

desta intervenção aqui descrita teve como prática de estágio construir uma estratégia de devolutiva destes dados a comunidade acadêmica da universidade, com vistas a levar ao grande público algumas considerações de identificação de questões relacionadas a saúde mental, e também uma apresentação da rede de saúde mental da cidade de Cuiabá e seus contatos.

OBJETIVO

O objetivo desta prática de estágio foi, portanto, produzir estratégias de devolutiva que pudessem contribuir para o reconhecimento dos principais sintomas relatados durante a greve, bem como garantir o conhecimento da comunidade acadêmica das portas de saúde mental do município.

METODOLOGIA

Como estratégia de devolutiva o grupo de estágio decidiu pela confecção de um material informativo, na característica de um *folder*, que abrangesse alguns resultados dados relevantes, e que incluísse algumas orientações e encaminhamentos para o atendimento na Rede de Atenção Psicossocial, do município de Cuiabá. O intuito do folder era atingir os estudantes de forma preventiva e não patológica, trabalhando na promoção de saúde, indicando quando é hora de procurar ajuda. O folder foi dividido em três seções: 1. a primeira com dados coletados pelo primeiro grupo no levantamento: os cursos que participaram da pesquisa, dados de principais sintomas como depressão e ansiedade, e trechos de discursos de acadêmicos relatando sofrimento; 2. a segunda sessão contou com transformar o discurso patológico em reconhecimento do momento de buscar por ajuda – por exemplo, quando algo que gostava muito de fazer agora não produza mais prazer –, para que tivesse efetividade de entendimento do público; 3. O mapeamento da rede de Saúde Mental de Cuiabá, que conta com mais de 15 serviços com seus os contatos, para conhecimento da comunidade acadêmica.

BASE TEÓRICA

O aporte teórico que sustentou a prática de estágio buscou levar em conta questões de saúde em vínculo com debates sociais, para garantir o reconhecimento da integralidade de fenômenos psicológicos. Para tanto, a autora que contribuiu para a construção desta visão foi a Dra. Mary Jane Spink, que trata as questões de saúde vinculadas a concepção de uma psicologia também social. Seu sólido posicionamento garante um norte através da chamada Psicologia Social da Saúde que, de acordo com Spink (2003), deve ter uma intervenção de forma contextualizada, compreendendo a história e contexto da instituição em que está sendo implementada tal ação, além do público-alvo que compõem esses espaços. Além disso o entendimento de que a concepção de saúde e doença é um fenômeno multidimensional interpelado pela sociedade e período histórico vigente. Sendo ainda de grande importância destacar para as finalidades do objetivo desta parte de devolutiva de estágio o que é proposto por Scortegagna, et. al (2014) de que a pesquisa não se finda em si mesma, deve ser garantido benefícios aos participantes, produção de conhecimento baseada na ética profissional, no rigor científico, para que, deste modo, possa contribuir para o avanço da ciência.

INTERVENÇÃO

Realizada entre os meses de setembro e outubro de 2018, foi dividida em cinco momentos: 1. Debate de deliberação da estratégia de devolutiva, na qual o grupo optou pelo folder informativo; 2. Seleção de conteúdos que comporiam o folder, e a decisão de, portanto, dividi-lo nas três sessões temáticas indicadas; 3. Distribuição do material informativo em pontos estratégicos da universidade, como a fila do Restaurante Universitário, e na abertura do evento “Desinstitucionalizando a loucura”, ocorrido no segundo semestre de 2018 na UFMT;

4. Devolutivas em salas de aula de alguns cursos de graduação, nos institutos de Educação e de Linguagens, bem como em eventos científicos sobre saúde mental da qual professor orientador e acadêmicos estagiários foram convidados para contribuir com a discussão sobre os dados; e,
5. Avaliação final do processo, tido como exitoso tanto no sentido da qualidade da coleta de dados, quanto na devolutiva.

ANÁLISE

Como este processo de estágio foi complementar a uma etapa prévia, é notória a necessidade de reconhecimento daquele momento, em que foram possíveis coletar discursos e demandas de mais de duas centenas de estudantes da UFMT. O fato de em pouco tempo o primeiro grupo ter conseguido mobilizar tantos discursos indica a necessidade que estudantes tinham de encontrar um canal que ouvisse suas demandas. Alguns discursos remetiam a ideação suicida, a quadros de depressão, ansiedade, aumento no uso ou abuso de substâncias, interferências na qualidade do sono e da própria visão de futuro – considerando que muitos estudantes destacam que o aumento no valor do Restaurante Universitário seria um impedimento materialista de permanecer na instituição –, tudo potencializado em função das motivações e o processo de greve. A devolutiva então, analisamos como parte fundamental para fazer com que estudantes encontrassem formas de reconhecer os momentos em que podiam estar demandando ajuda psicológica, e que caminhos tem na rede de atenção psicossocial de Cuiabá. As devolutivas foram bem recebidas pela comunidade acadêmica em todos os contextos em que foi levada, e abriu margem para reflexões outras, como a necessidade de ampliar o questionário, e poder verificar de forma mais sistemática os impactos produzidos por essa instituição na situação de saúde mental de seus estudantes, mas também seus técnicos, funcionários e docentes. Devido ao tempo de realização de estágio, e recursos humanos limitados ao grupo supervisionado, não foi possível abarcar um público mais plural que sabemos que também foi afetado durante o processo de greve, e tinha demandas psicológicas a serem levadas em conta, e essa é uma fragilidade deste processo, que analisamos, poderia ser melhor trabalhada em trabalhos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da prática deste estágio, o grupo de estágio avalia que foi possível ressignificar o fazer psicológico, visto que houve a alternativa de atuação na própria instituição em um momento extraordinário, nos espaços coletivos por meio da devolutiva da pesquisa de levantamento produzida pelo grupo anterior. Com as estratégias construídas foi possível sistematizar dados coletados, transformar linguagem da psicopatologia em linguagem acessível e que visasse um reconhecimento por parte da comunidade acadêmica, reconhecer a rede de saúde mental, e também abrir diálogos ao longo dos momentos de devolutiva sobre as queixas encontradas ao levarmos as informações e fornecer orientações sobre possíveis angústias, conflitos relacionados ao contexto da greve estudantil e auxiliar a promoção de saúde. Possibilitando assim, a reflexão sobre as atuações do psicólogo e a prestação de auxílio enquanto acadêmicos de Psicologia, que pensam essa área sobretudo a partir de uma perspectiva social, inclusive aos fenômenos de saúde.

REFERÊNCIAS

SCORTEGAGNA, Silvana Alba. et al. Relações entre bioética, pesquisa e psicologia. In: PICHLER, Antônio Nadir; GIACOMINI, Ana Cristina. (Orgs). Ética em pesquisas com animais e humanos bem-estar e dignidade. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014. p. 197-207.

G5 - Estágio Supervisionado Específico em Processos de Saúde e Sofrimento Psíquico

Comunicação Oral

ATENDIMENTO A CRIANÇAS EM PROGRAMA DE ATENDIMENTO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL: ATUAÇÃO CLÍNICA EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Oliveira, Jamille Silva de

Apodaca, Ana Carolina

Marchi, Geizi da Silva Sales de¹

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro

INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseia-se em um relato de experiência referente aos atendimentos realizados com crianças, de até 12 anos, no contexto do Programa de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual (PAVVS), desenvolvido pela Unidade Psicossocial do Hospital Universitário Júlio Muller, em Cuiabá-MT, como parte da Rede de Atenção Integral a Mulheres em Situação de Violência e a Rede de Atendimento a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual, esta última baseada no Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil. A violência sexual contra crianças e adolescentes, configura-se historicamente como um problema presente em diversos países. No Brasil, tal forma de violência possui altos índices de incidência, sendo considerado um problema de saúde pública (Amazarray & Koller, 1998). Estima-se que os dados estatísticos existentes acerca do fenômeno podem não representar a real frequência com que a violência ocorre, seja pela omissão da denúncia, a naturalização de certas situações de abuso, entre outros prováveis intervenientes.

OBJETIVOS

O PAVVS objetiva atender, de maneira imediata, integral e humanizada pessoas, primordialmente crianças e mulheres, vítimas de violência sexual, vislumbrando reduzir os agravos deste tipo de violência (HUJM, s.d). Desta maneira, pretende-se caracterizar o trabalho realizado junto aos usuários do programa supracitado, bem como, relatar as implicações desta vivência no processo formativo do futuro profissional de Psicologia.

METODOLOGIA

No contexto do Estágio Supervisionado Específico (ESE) - Intervenção em Processos de Saúde e Sofrimento Psíquico, realizou-se o atendimento clínico das crianças atendidas pelo PAVVS e o atendimento dos responsáveis, quando identificada a necessidade ou quando solicitado. No primeiro caso, usualmente nas duas primeiras sessões, estabelece-se contato com os responsáveis da criança, com o objetivo de coletar dados sobre a história de vida da família, incluindo a criança, do desenvolvimento desta, dos fatos conhecidos a respeito da violência e de possíveis implicações comportamentais e emocionais na criança. Posterior a isso, faz-se contato com a criança, a qual é atendida a partir da perspectiva psicanalítica, sendo o brincar uma das principais ferramentas utilizadas. Durante os atendimentos da criança podem também ser realizadas sessões com os responsáveis, com foco no bom andamento do caso e nos preceitos éticos da profissão.

Em relação ao atendimento ofertado aos responsáveis, enquanto as crianças são atendidas, é feita a escuta dos mesmos por outra estagiária. Costuma-se abordar neste setting

as implicações da notícia da violência no contexto familiar, o manejo frente a determinados comportamentos da criança, e de forma geral abrir espaço para a expressão de angústias e outros aspectos que direta ou indiretamente contribuam para a redução de danos possivelmente ocasionados pela violência.

RESULTADOS

Como dados relevantes aponta-se que, entre Janeiro e Julho de 2018, 36 crianças (0 a 12 anos) deram entrada na lista de espera para atendimento, tendo sido que duas encontravam-se na iminência de completar 13 anos e foram encaminhadas para outra profissional da instituição. As idades variaram entre 1,1 e 12 anos (M=6,05 anos), sendo o público majoritariamente do sexo feminino (n=28), em detrimento do masculino (n=6). Foram atendidas no ano de 2018, pelas três estagiárias, 17 crianças e 4 genitores, totalizando 173 atendimentos infantis e 52 de orientação e escuta dos genitores. Em relação aos responsáveis, ressalta-se que todos os responsáveis frequentes eram do sexo feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiências envolvendo o atendimento de crianças vítimas de violência sexual foram um importante meio de aprimoramento da escuta clínica, contextualizada socialmente, dando às estagiárias envolvidas a possibilidade de pensar a violência como um fenômeno complexo com possíveis reverberações não apenas para a criança, mas para sua rede de apoio. Para além da experiência com a demanda específica do programa, nota-se que o hospital, enquanto instituição de saúde/doença, é um local atravessado por inúmeros por aspectos sociais, burocráticos, subjetivos, fisiológicos que situam o estagiário da necessidade de manejo e sensibilidade fora do setting clínico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZARRAY, M. R. & KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 559-578, 1998.

HUJM. Programa de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual do HUJM. s/d.

ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO FUNDAMENTADO PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Ronchi, Rose Mary de Oliveira – UFMT

Araujo, Djeniffer Vaz – UFMT

Nascimento, Raul Bruno Tibaldi – UFMT

Marchett, Alice – UFMT

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rafaela Pecora-Calhao

A partir de reflexões acerca da maneira como se configura a sociedade moderna, é possível compreender o Plantão Psicológico enquanto uma modalidade de atenção psicológica de relevante potencial mobilizador para a promoção de saúde na contemporaneidade, que pode contribuir na resposta a demandas institucionais, por seu caráter democrático com grande amplitude social, sua viabilidade econômica, autonomia e adequação a sofrimentos que emergem cotidianamente. A fim de verificar a relevância prática desse tipo de cuidado ao outro, este trabalho apresenta conceitos e características do Plantão Psicológico e descreve uma experiência de sua aplicação no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá, por um grupo de graduandos em Estágio Supervisionado Específico, com ênfase em Intervenções em Processos de Saúde e Sofrimento Psíquico, que vivenciaram tal prática entre os meses de abril a julho de 2018. O Plantão, por ser um serviço em que o profissional se coloca à disposição de quem o procura em dia e horário previamente estabelecido, tende a receber as pessoas no momento de sua necessidade emergencial, podendo o assistido retornar ou não a outro Plantão, dependendo de acordos com o plantonista. Na prática, a ajuda possibilitada pela atividade permite com que o cliente tenha uma percepção mais clara de si e de sua perspectiva frente a problemática experienciada. Na prática do Plantão algumas questões necessitam ser observadas: (1) Primeiramente, o profissional psicólogo se disponibiliza a acolher e focalizar a experiência e não o problema do cliente em determinada situação, o que significa um enfoque a partir do próprio referencial do cliente, que participará efetivamente do processo, em conjunto com o plantonista; (2) permite-se à pessoa que procura o Plantão um atendimento de sua demanda no momento presente e concreto da situação do encontro com o profissional; (3) as mesmas atitudes psicológicas – congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática – consideradas para a criação de um clima facilitador em psicoterapia, e em quaisquer outras relações de ajuda psicológica na ACP, definem o manejo clínico. Pressupõe-se, assim, uma disponibilidade incondicional para o atendimento, em forma de uma atitude de abertura ao desconhecido, ao inesperado, suscitado por aquele que procura ajuda. Isso está ligado à chamada consideração positiva incondicional, descrita por Rogers. Em seguida, o plantonista se propõe a oferecer uma escuta esclarecedora e facilitadora. Nesse caso, esclarecimento se refere a compreender e devolver o modo como a demanda é percebida pelo outro – seu sentido –, e a facilitação delinea o acesso às possibilidades decorrentes da apropriação pela pessoa atendida do sentido da sua demanda. Essa escuta corresponde à compreensão empática necessária numa relação centrada na pessoa. Por fim, identifica-se um momento de desdobramentos do processo de encontro, cuja contribuição mais importante se revela na ressignificação perceptiva por parte de quem procurou o atendimento. Assim, não há acordos previamente estabelecidos quanto a sua continuidade, e quaisquer encaminhamentos, quando estabelecidos, são secundários ao

processo. No Serviço de Psicologia Aplicada da UFMT, a oferta desta modalidade de atendimento foi idealizada em meio à alta procura por atendimento psicoterápico e pela necessidade de um espaço de acolhimento para questões urgentes que mobilizam os indivíduos a buscarem ajuda. Disponibilizado em três dias da semana em horários definidos, o Plantão psicológico foi/é aberto a comunidade externa e interna da Universidade, e os usuários podem retornar para outro Plantão até três vezes consecutivas, em dia e horário de sua preferência, independente da escala de plantonista. A duração média dos acolhimentos foi de 1:20 horas, mas eles poderiam se estender por até 2 horas, conforme carga horária dos plantonistas escalados. Após o atendimento, os estagiários elaboravam relatório que abordava, entre outras questões, sentimentos emergentes presentes no acolhimento, percepções da experiência e sobre a pessoa, de como ela chegou e saiu do acolhimento, intervenções realizadas e encaminhamentos construídos com o usuário, quando pertinentes. Os casos acolhidos em Plantão eram relatados e discutidos em supervisão, procurando tecer reflexões teóricas e práticas que contribuam para aprendizado do grupo. Revisitando as experiências possibilitadas pelo atendimento em Plantão psicológico, percebem-se alguns aspectos que perpassam os atendimentos compartilhados pelos estagiários. Em primeiro lugar, percebeu-se um momento inicial de tensão, marcado pela ansiedade e por questionamentos sobre a capacidade em lidar com o imprevisível, antes de se dar conta de que isso apenas favorece processos de rigidez e de autocentrismo, mas que, aos poucos, foi dando lugar ao verdadeiro objetivo do cuidado: a centralidade no usuário/cliente. Vivenciar este processo gradual possibilitou a construção, entre os estagiários, de uma maior segurança no decorrer dos atendimentos, especialmente pelas mudanças facilitadas pela relação horizontal que se busca estabelecer em qualquer encontro norteado pelos fundamentos da Abordagem Centrada na Pessoa. Em segundo lugar, os atendimentos em Plantão psicológico proporcionaram experiências nas quais foi possível facilitar mudanças de percepção e, conseqüentemente, clarificação das demandas das pessoas que buscavam ajuda. A oferta de uma escuta empática, por plantonistas dispostos a considerar essas pessoas incondicional e positivamente e lhes comunicar os afetos decorrentes desse contato, se revelou significativa para que os indivíduos se posicionassem em seu sofrimento e empreendessem esforços no intuito de delinear soluções conforme a apreensão de sua problemática. Destarte, o atendimento em Plantão psicológico se mostrou relevante tanto em termos de processos de aprendizagem e articulação teórico-prática, quanto em relação à promoção de saúde mental. Apesar de limitações inerentes à própria modalidade de atenção psicológica e ao serviço em questão no qual ela foi ofertada, como a restrição do número de atendimentos, por exemplo, trata-se de uma ferramenta bastante útil no cuidado e intervenção em processos promotores de saúde psicológica.

Palavras-chave: Plantão Psicológico. Abordagem centrada na Pessoa. Estágio Supervisionado.

PERSPECTIVA TEÓRICA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA EM CONTEXTO HOSPITALAR

Arruda, Luana Dantas – UFMT

Passos, Sthephanny B. dos – UFMT

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rafaela Pecora-Calhao

O presente relato de experiência é fruto do Estágio Supervisionado Específico I, na ênfase em *Intervenções em Processos de Saúde e Sofrimento Psíquico*, componente curricular do curso de graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá. O estágio tem por objetivo proporcionar aos estudantes de Psicologia do 9º semestre da UFMT uma prática supervisionada de intervenções psicológicas, com fundamentos técnico-científicos sobre a atuação do psicólogo nos processos de saúde, de sofrimento psíquico e de subjetivação. O local de realização do mesmo foi o Hospital Universitário Júlio Muller (HUJM), na unidade da Clínica Médica, que conta também com o apoio de residentes de psicologia inseridas em um Programa de Residência Multiprofissional. As estagiárias realizaram suas atividades no HUJM de dois a três períodos semanais, perfazendo uma média relativa a 10h semanais em campo. A cada atendimento o estagiário precisa realizar evolução no prontuário do paciente, bem como produzir um relatório, que fica arquivado no sistema online da Psicologia/Núcleo Psicossocial do HUJM, de acesso restrito, respeitando o código de ética do Psicólogo. No prontuário registra-se as informações que possam ser prestantes a compreensão da equipe sobre o estado psicológico do paciente. No relatório do atendimento, de acesso restrito, registra-se as ocorrências mais importantes, o estado psicológico da pessoa assistida, bem como dos conteúdos e mobilizações ocorridas durante os atendimentos. Além dos atendimentos e relatórios, os estagiários mantêm encontros/supervisões semanais com seu professor/orientador e com seu grupo de estágio, onde os casos são discutidos à luz da ACP. A prática foi fundamentada pela perspectiva da Psicologia Humanista de Carl Rogers, conhecida como Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), que estabelece a necessidade de criação de um clima facilitador, por meio de atitudes psicológicas de congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática, a fim de que uma relação de ajuda psicológica possa ser eficaz. O tripé assistencial de atuação do Psicólogo Hospitalar constituído por paciente, familiar e equipe foi considerado, permitindo a vivência das seguintes atividades no âmbito hospitalar: *visitas ao leito*, *reuniões multiprofissionais*, *atendimentos aos pacientes e/ou familiares*, práticas que são distintas, mas interligadas. As *visitas ao leito* são realizadas com a presença de uma das residentes de psicologia, uma enfermeira, nutricionista e assistente social, que compõem parte da equipe multiprofissional, sendo caracterizada como uma forma de anamnese, levantamento das demandas e necessidades de cuidado de cada paciente, e, assim, a atividade possibilita o contato com todos os pacientes da Clínica Médica. As *reuniões multiprofissionais* se dão uma vez por semana com toda a equipe da Clínica, constituída por professores/médicos, residentes, internos e estagiários da medicina, psicologia, enfermagem, nutrição, serviço social e fisioterapia. Nesse espaço é discutido os casos que precisam de uma maior atenção por parte da equipe, e também ponderar acerca de formas mais eficazes de tratamento. É o momento também em que a equipe mais solicita o atendimento psicológico a algum paciente específico, como também demandam uma devolutiva da equipe da psicologia quanto às pessoas em acompanhamento. Quanto os *atendimentos aos pacientes e/ou familiares*, vale ressaltar que no hospital, os atendimentos às pessoas hospitalizadas são geralmente

realizados nas enfermarias, à beira do leito, e podem ser interrompidos por outros profissionais ou até mesmo por outros pacientes e familiares. Em nossa prática isso não foi diferente. Com os familiares, além das enfermarias, utilizamos os corredores e a praça interna do hospital para realização dos atendimentos – destaca-se que a praça, em circunstâncias específicas, também foi utilizada como *locus* para os atendimentos dos pacientes, quando autorizados a caminhar e deixar o leito. Os atendimentos aos pacientes e/ou familiares foram/são realizados após as visitas ao leito de acordo com a demanda observada e discutida com as residentes de psicologia. Ao trabalhar com os fundamentos da ACP, a pessoa e não a doença é posta em foco. Os atendimentos, assim, mediante os ensinamentos de Rogers, se estabelecem a partir do pressuposto que as pessoas possuem um potencial inerente ao crescimento, designado pelo autor de Tendência Realizadora, uma tendência promotora de crescimento, expressa como potencial de desenvolvimento. Cabe ao psicólogo, mediante esse pressuposto, criar um clima facilitador, por meios das atitudes psicológicas facilitadoras, a fim de que o cliente possa ter uma maior compreensão de si e de sua experiência, modificando seus conceitos pessoais e comportamentos, permitindo enfrentar seus problemas atuais e os futuros de maneira mais integrada. Notamos que no contexto hospitalar, particularmente, adotar uma escuta atenta e postura acolhedora, é de fundamental importância. Assim, observamos ser importante que todas as relações estabelecidas durante o estágio, quer fossem com a equipe, paciente, acompanhante/familiar, tivessem a observância do clima facilitador. Concluímos que o estágio foi uma experiência significativa, que nos possibilitou criar um ambiente psicológico acolhedor e favorável ao enfrentamento do processo de hospitalização.

Palavras-chaves: Abordagem Centrada na Pessoa. Psicologia Hospitalar. Atitudes Facilitadoras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. **A prática da psicologia da saúde**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro , v. 14, n. 2, p. 183-202, dez. 2011 .

ANGERAMI-CAMON, V. A; KNIJNIK, R. B; SEBATIANI, R.W; TRUCHARTE, F. A. R. **Psicologia Hospitalar: teoria e prática**. São Paulo: Cengage Learning , 2010.

AVOGLIA, H.R.C; CUSTÓDIO, E.M; GIANELLI, M; SOUZA, F.Y. **Estratégias de atuação psicológica de estagiários em hospitais da região do grande ABC/SP**. Universidade Metodista de São Paulo.

BRUSCATO, W. L (org). O cotidiano do psicólogo no Hospital Geral. In: BRUSCATO, W. L; BENEDETTI, Carmen; Lopes, Sandra Ribeiro de Almeida. **A prática da psicologia hospitalar na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo: novas páginas em uma antiga história**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 43-51.

CASTRO, Elisa Kern de; BORNHOLDT, Ellen. **Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional**. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 24, n. 3, p. 48-57, set. 2004.

MARCON, Claudete; LUNA, Ivana Jann; LISBOA, Márcia Lucrécia. **O psicólogo nas instituições hospitalares: características e desafios**. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 24, n. 1, p. 28-35, mar. 2004 .

MIRANDA, Carmen Silvia Nunes de; FREIRE, José Célio. **A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa.** Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro , v. 64, n. 1, p. 78-94, abr. 2012 .

MOREIRA, Virginia. **Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa.** Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 27, n. 4, p. 537-544, 2010 .

TASSINARI, Marcia Alves et al . **A inserção da abordagem centrada na pessoa no contexto da saúde.** Rev. NUFEN, São Paulo , v. 3, n. 1, p. 183-199, 2011 .

TELLES, Thabata Castelo Branco; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia. **O conceito de tendência atualizante na prática clínica contemporânea de psicoterapeutas humanistas.** Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 20, n. 1, p. 13-20, jun. 2014 .

**PERSPECTIVA TEÓRICA E PRÁTICA EM ATENDIMENTO PSICOTERÁPICO
NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA**

Ronchi, Rose Mary de Oliveira – UFMT

Araujo, Djeniffer Vaz – UFMT

Nascimento, Raul Bruno Tibaldi – UFMT

Marchett, Alice – UFMT

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rafaela Pecora-Calhao

Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de um grupo de estagiários, em suas atividades de Estágio Supervisionado Específico, fundamentado pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), prática realizada no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá, por alunos do último ano do curso de Psicologia. A atividade de estágio foi desenvolvida entre os meses de março e outubro de 2018, contemplando o semestre letivo 2018/1 e o período de greve estudantil, em que cada estagiário, na modalidade de psicoterapia, acompanhou de duas a três pessoas, totalizando nove atendimentos realizados pelo grupo – cabe ressaltar que, além da atividade de psicoterapia, o grupo realizava Plantões Psicológicos, atividade que será apreciada em outra proposição de trabalho. Os atendimentos tinham a característica de serem semanais, realizados nos horários de funcionamento do serviço (segundas as sextas-feiras, das 08h às 20h), com duração das sessões em um tempo relativo a 50 minutos. A cada atendimento o estagiário é solicitado a produzir um relatório, que fica arquivado no sistema online do SPA, de acesso restrito, respeitando o Código de Ética do Psicólogo. O relatório se destina a descrição do estado psicológico da pessoa assistida, bem como dos conteúdos e mobilizações ocorridas durante os atendimentos. Além dos atendimentos e relatórios, os estagiários mantêm encontros/supervisões semanais com seu professor/orientador e com seu grupo de estágio, nos quais os casos são discutidos à luz da ACP. Essa abordagem foi desenvolvida pelo psicólogo norte americano Carl Rogers e tem influência tanto do movimento humanista fenomenológico, quanto do positivismo acadêmico norte-americano no qual Rogers fora educado, o que permitiu ao autor propor algumas teorias como a Teoria de Psicoterapia, de Personalidade, do Funcionamento Ótimo da Personalidade, das Relações Interpessoais Humanas e dos Grupos. Rogers estabelece que a pessoa assistida, a quem prefere usar a designação de cliente ou pessoa, ao invés de paciente, é o protagonista da relação, mantendo-se ativa durante o processo de psicoterapia, mobilizada por sua tendência ao crescimento, desenvolvimento e atualização de seus potenciais e recursos pessoais, que não

são criados pelo terapeuta. Esse, ao contrário, não dirige o processo, mas cria as condições para que o potencial e recursos criativos e adaptativos do cliente se expressem, levando o autor a batizar sua proposição de psicoterapia como “centrada na pessoa”. Tal visão privilegia olhar o indivíduo através de suas potencialidades, saúde e pela busca do bem-estar, distanciando-se do modelo médico e do olhar psicopatológico. Esta abordagem passa a considerar a pessoa como foco e desfoca, por assim dizer, do “problema”. Rogers fundamenta, assim, sua proposta na existência de duas forças atuantes que garantem a manutenção dos ciclos vitais e do impulso da vida: a primeira é designada de tendência à realização/atualizante, característica de todo organismo, e a segunda, a tendência formativa, característica do universo. A hipótese central do autor, e que mobiliza todo o processo de psicoterapia, é que as pessoas são portadoras de recursos (tendência atualizante) para modificação de suas atitudes e comportamentos, desde que haja a oferta de um clima psicológico favorável para que esse potencial se expresse, um clima permeado por atitudes de congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática. Por congruência Rogers entende um estado de acordo interno, em que há uma harmonia entre sentir, pensar e expressar/agir; em ser genuíno, verdadeiro na relação e isto envolve dizer ao outro o que se sente no presente momento, quais pensamentos, comportamentos e atitudes estão sendo vivenciados. Esta condição pode proporcionar ao outro a realidade que tem em si, pois ser genuíno é ser real, mesmo que sinta e expresse atitudes ou comportamentos pelos quais se sinta insatisfeito ou os quais não aprove – mas somente aceitando-os e sendo verdadeiro em relação a estes é que se pode transformá-los. Na atitude de consideração positiva incondicional não cabe nenhum tipo de julgamento, e sim o respeito fundamental ao outro. Essa condição proporciona um clima de segurança e afeição, pois o outro sente que, independente do que expressa, diz e faz, é considerado como um ser único. Por meio da terceira atitude, a de compreensão empática, o terapeuta, pelo exercício de se colocar no lugar do outro, pode compreender as ocorrências como o cliente os vê, e estabelece tal condição a partir da comunicação desta compreensão. A vivência e a oferta desse clima facilitador, por meio do desenvolvimento das atitudes psicológicas facilitadoras, foi/é o grande desafio dos estagiários em ACP, tendo em vista que essa abordagem não trabalha com técnicas, mas sim com a oferta desse clima, o que implica em um desenvolvimento pessoal/profissional constante. A cada atendimento realizado uma descoberta, a cada atitude acolhedora, foi possível verificar o fortalecimento do vínculo pelo respeito e abertura; a cada movimento de presença real e de inteireza, observou-se o ensaio do cliente em fazer o mesmo, acessando-se de forma mais verdadeira e genuína; a cada oferta compreensiva, uma possibilidade nova de

significação da experiência por aqueles que procuraram ajuda psicológica; de forma a notar que o que se empreendia, como o próprio Rogers aponta, era oferecer as condições de uma relação de ajuda e, por meio desse clima favorecedor de abertura, ajudar as pessoas a se desenvolverem para poderem lidar com seus questões e problemas de uma maneira mais integrada. Essa oferta foi realizada procurando-se estabelecer uma relação horizontal entre cliente e terapeuta, na qual o cliente é convidado a compartilhar seus incômodos e mobilizações, sobre os quais o estagiário faz apontamentos de compreensão empática, a fim de proporcionar um espaço de desenvolvimento pessoal através da relação estabelecida. De maneira geral, este estágio tem se mostrado relevante e eficaz ao possibilitar que os estagiários experienciem aspectos teóricos e vivenciais, além de prestar ajuda psicológica a usuários do serviço. Por meio desta atividade acadêmica, foi/é possível perceber o potencial de ajuda das atitudes facilitadoras desenvolvidas por Rogers, não apenas no âmbito da psicoterapia, mas perpassando também outras relações humanas.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa. Psicoterapia. Atitudes Facilitadoras.

Referências:

Rogers, C. (1976). *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes. (obra original publicada em 1961).

Rogers, C. & Kinget, G. (1977). *Psicoterapia e Relações Humanas. Teoria e prática da terapia não diretiva*. Belo Horizonte: Interlivros. (obra original publicada em 1967).

Rogers, C. (1978). *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (obra original publicada em 1977).

Rogers, C. (1983). *Um Jeito de Ser*. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária. (obra original publicada em 1980).

Rogers, C. (1994). As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica de personalidade. In Wood, J. K. (org.) *Abordagem Centrada na Pessoa*. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida e Universidade Federal do Espírito Santo.

GT 6 - Estágio Básico I: Contextos Socioeducativos

Painel

PACIÊNCIA, CIÊNCIA E FÉ: CONVERSAS COM ACOMPANHANTES DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS - ESTÁGIO BÁSICO EM CONTEXTOS SOCIOEDUCATIVOS

Julia Teodoro Inouye
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Lorena Elci Oliveira Coelho
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Barros da Silva Freire Andrade

INTRODUÇÃO

O estágio foi realizado na ala pediátrica do Hospital Universitário Julio Muller (HUJM), mais especificamente na brinquedoteca, no período de março de 2017. O mesmo, ocorreu durante o terceiro semestre do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso.

O estágio está inserido no Projeto Rede de Apoio em Educação Infantil que visa intensificar a metodologia de formação dos profissionais, acadêmicos de cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, em serviço da área de Educação Infantil. Neste projeto, o desenvolvimento e a aprendizagem se dão através do método da narrativa e da ludicidade. O projeto em questão é realizado por intermédio do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN).

Foi, também, desenvolvido com base na concepção de desenvolvimento humano segundo a Teoria Histórico Cultural de Vigotski. Para ele, o desenvolvimento humano é permeado através das dimensões tanto histórica quando cultural.

OBJETIVOS

O Estágio Básico em Contextos Socioeducativos apresenta como objetivo a inserção do psicólogo em uma instituição de ensino, para que possa compreender os processos sociais que se dão nos espaços de aprendizagens, onde se dá a produção e circulação de significados que orientam a construção de diferentes identidades pessoais e sociais.

O intuito desse estágio foi voltado para um acolhimento dos acompanhantes que se encontram com as crianças internadas no hospital, tanto os que já estão lá, quanto os que ainda irão chegar. Por meio de um questionário coletamos dados que nos permitiram ter acesso a algumas informações dos acompanhantes, sobre como eles lidam com a situação de suas crianças na condição de hospitalizadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

As teorias utilizadas de base para a realização do estágio retratam o desenvolvimento como fenômeno histórico-cultural e a construção social da infância. Segundo Vigotski, o desenvolvimento do indivíduo se dá através da sua relação com os outros, assim como com a cultura historicamente estabelecida, ou seja, sua evolução é dada de maneira contextualizada. A fundamentação dessa abordagem, sócio histórica, é baseada na Lei Geral Genética do Desenvolvimento Cultural.

Na Lei Geral Genética do Desenvolvimento Cultural o processo de internalização fundamental. Este, por sua vez, é caracterizado por alterações na forma de ser e se fazer presente no meio em questão, ou seja, no enraizamento de novas funções sistêmicas que são adquiridas por meio do convívio social. Portanto, essa lei tem o entendimento do

desenvolvimento do indivíduo, no que diz respeito às suas funções psicológicas superiores, por meio de sua interação e, conseqüentemente, apropriação cultural.

Sarmento (2007) e Sayão (2000) trazem um olhar acerca da invisibilidade social, cívica e científica da criança quando abordam o etnocentrismo dos adultos como causa desse estado, pois esse viés etnocêntrico impede o reconhecimento da produção de cultura e de conhecimento elaborada pelas vivências infantis. Esse adultocentrismo também é causa da exclusão das crianças da ação política, caracterizada pela ausência da consideração dos impactos das decisões políticas sobre a geração infantil. De acordo com a autora, para que a infância tenha visibilidade, faz-se necessário considerar o contexto histórico e o meio cultural em que a criança está inserida, atentando-se a conceitos, referentes à diversidade e miscigenação, como sexo, etnia, crença religiosa, entre outros.

METODOLOGIA

Durante a realização do estágio, a forma de lidar com as crianças teve como embasamento teórico as concepções de adulto atípico, observação participante e as oficinas socio afetivas. A observação participante, segundo Martins (1996), permite que o psicólogo interaja com a instituição e com as crianças de forma ampla, favorecendo uma maior interação com as mesmas.

Corsaro (2005), comenta sobre a concepção de adulto atípico. Esta, por sua vez, seria a melhor forma de se aproximar de crianças em seu ambiente escolar, visando uma relação igualitária, sem que a criança se sinta submissa ou rodeada por ordens.

O estágio utiliza também as oficinas socio afetivas como meio de interação com as crianças. Elas são consideradas intervenções psicológicas em um determinado grupo, que tratam da significação de cada um, levando sempre em consideração as vivências dos integrantes da oficina.

INTERVENÇÃO

A intervenção desse estágio foi direcionada para os pais/responsáveis das crianças hospitalizadas no Hospital Universitário Julio Muller. O motivo da intervenção estar voltada para eles se deve ao fato de que nós, como estagiárias, não possuíamos contato constante com as crianças, além de que estas não eram sempre as mesmas. Entretanto, ao ser desenvolvida, a intervenção poderá atingir também as crianças através dos efeitos causados nos pais/responsáveis, pois os mesmos são suas principais referências.

O objetivo final da intervenção foi a produção de um livro, intitulado “Paciência, calma e fé: conversas com acompanhantes de crianças hospitalizadas”, que possui conteúdos que mostram a realidade de ser um acompanhante para os futuros pais/responsáveis que se encontram com as crianças hospitalizadas na ala pediátrica. Tal livro, pode vir a auxiliar na significação acerca da condição de acompanhante hospitalar.

CONCLUSÃO

O intuito desse estágio, foi voltado para um acolhimento dos acompanhantes que se encontram com as crianças internadas no HUIJM, tanto os que já estão lá, quanto os que ainda irão chegar. Por meio de um questionário coletamos dados que nos permitiram ter acesso a algumas informações dos acompanhantes, sobre como eles lidam com a situação das crianças na condição de hospitalizadas. Após a realização de todas as entrevistas, confeccionamos um livro intitulado como “Paciência, calma e fé: conversas com acompanhantes de crianças hospitalizadas”.

Portanto, pode-se concluir que, a Psicologia, inserida no contexto educacional é de suma importância, pois auxilia no desenvolvimento da criança de forma significativa. Na

pediatria do HJUM, estão inseridos profissionais tanto da pedagogia quanto da psicologia. A união das duas reflete em melhores condições das crianças durante o período em que as mesmas se encontram hospitalizadas.

REFERÊNCIAS

- Junqueira, W. M., & Ozella, S. (2006). **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos.** *Psicologia ciência e profissão*, 26(2), 222-245
- Sarmento, M. J. (2007). **Visibilidade social e estudo da infância.** *Infância*, 25-49.
- Kishimoto, T. M., Santos, M. L. R. D., & Basílio, D. R. (2007). **Narrativas infantis: um estudo de caso em uma instituição infantil.** *Educação e pesquisa*, 33(3), 427-444.
- Martins, J. B. (1996). **Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar.** *Semina: Ciências, Sociedade e Humanidade*, 17(3), 266-273.
- Corsaro, W. A. (2005). **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas.** *Educação e sociedade*, 26(91), 443-464.
- Sayão, D. T. **Crianças: Substantivo Plural.** In: **II Seminário Educação Infantil em Debate. Anais...** Rio Grande/RS, out/2000.
- Molon, S. (1999). **Subjetividade e constituição do sujeito em Subjetividade e constituição do sujeito em Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky.** *São Paulo: EDUC.*
- Vigotski, L. S. (2001). **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo.
- Prestes, Z. R. (2011). **A brincadeira de faz-de-conta como atividade-guia.** In *CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA* (Vol. 4, pp. 1-4).

RELATO DE EXPERIÊNCIA CRECHE MUNICIPAL DONA MICAELA HENRIQUE SOUZA LIMA

Souza, Fernanda Petrilli Coelho de
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Cruzeiro, Raíssa Morais
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Paula Figueiredo Poubel

INTRODUÇÃO

O Estágio Básico I é inserido no curso de Psicologia da UFMT como campo obrigatório do terceiro semestre de graduação, é realizado em contextos socioeducativos em geral, sendo permitido ao estudante escolher entre creches, escolas ou hospitais parceiros do projeto. É organizado de forma que permite práticas supervisionadas a fim de aproximar os estudantes de um possível campo de atuação do psicólogo de maneira ética e orientada por profissionais experientes na área. Permite que os estudantes compartilhem suas experiências em supervisão, proporcionando um maior repertório de relatos práticos, bem como conhecimento das diversas formas escolhidas pelos outros estudantes para se inserir de maneira ética e responsável nas instituições escolhidas. Também durante a supervisão, destaca-se a possibilidade de criar coletivamente intervenções que busquem suprir as demandas levantadas pelos estudantes, destacando a importância da aprendizagem proporcionada por este processo reflexivo.

OBJETIVOS

O presente estágio básico I propõe-se a discutir a construção social de infância e sua invisibilidade dentro dos diversos campos sociais, juntamente com a possível relação entre o desenvolvimento infantil e a criação de narrativas, o espaço narrativo e a pedagogia da infância através da educação infantil como um espaço de narrativas. A imagem que propõe-se é a da criança cidadã, de um ser que atua no presente, buscando a interface da Educação com a Psicologia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dentre o referencial teórico adotado, destaca-se a contribuição da teoria histórico-cultural vigotskiana, e em meio a esta os conceitos de mediação social e mediação semiótica; Sarmento, com os estudos de visibilidade social na infância; Sayão: criança substantivo plural; e Corsaro, com relatos de entrada no campo infantil, aceitação e participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas.

METODOLOGIA

Para a realização deste estágio, buscou-se assumir postura semelhante a de Corsaro frente as crianças, portando-se de maneira a respeitar o tempo e a autonomia das crianças, tendo ciência da imagem de criança-cidadã e inserindo-se no local selecionado analogamente à estas, de modo que as estagiárias compartilhassem, em seu devido tempo, da rotina e regras das crianças. Foram realizadas cinco tardes de observações junto às crianças, seguidas por quatro tardes de intervenções, encontros estes que ocorriam semanalmente.

INTERVENÇÃO

Para a execução das intervenções, foram pensadas atividades colaborativas e ligadas à narrativa da instituição, que permitissem movimentação corporal das crianças e também escuta e inclusão de suas falas em todas as atividades, buscando a integração de todos da turma e também das TDIs presentes. A mediação das estagiárias ocorreu de forma lúdico-narrativa e focou-se, como dito acima, no desenvolvimento de um maior repertório de possibilidades de resposta por parte das crianças. Buscou-se assim mostrar-lhes outras possibilidades de solução para seus conflitos, bem como um reconhecimento de expressões do outro, para que assim, sabendo identificar o que este sente/deseja naquele momento, possa-se chegar ao aprendizado dos limites eu-outro e o respeito ao próximo.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em relação às crianças foi possível em diversos momentos observar seu desenvolvimento em relação ao campo funcional da afetividade e também na compreensão e respeito ao outro, de acordo com a proposta das estagiárias. Notou-se também ampliação na perspectiva dos adultos envolvidos, tanto TDIs e funcionários da creche quanto estagiárias, aproximando o olhar destes a algo cada vez mais coerente a imagem da criança cidadã.

CONCLUSÃO

Foi possível perceber a contribuição da psicologia ao contexto educacional pela possibilidade de pensar questões além do simples aprendizado técnico-científico, com esta inserção busca-se também o olhar interior, o desenvolvimento do ser e do coletivo sem uma formulação padrão, possibilitando ilimitados formatos particulares de cada grupo e indivíduo. Foi possível aprender que em qualquer contexto faz-se importante reconhecer que cada um possui um repertório próprio e que não pode ser classificado qualitativa ou quantitativamente, mas que pode ser compartilhado com o todo para fortalecer o desenvolvimento comum.

REFERÊNCIAS

CORSARO, W. A. **Entrada no Campo, Aceitação e Natureza da Participação nos Estudos Etnográficos com Crianças Pequenas**. Ed. Social Campinas, Vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ; Ed. Vozes, 1995.

KISHIMOTO, T. M.; SANTOS, M. L. R.; BASÍLIO, D. R. **Narrativas infantis: um estudo de caso em uma instituição infantil**. Educação e Pesquisa, v 33, n.3, p. 427-444, 2007.

MARTINS, J. B. **Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar**. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/HUMANAS, Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set 1996.

SAYÃO, D. T. **Crianças: Substantivo Plural**. In: II SEMINÁRIO EDUCAÇÃO INFANTIL EM DEBATE, organizado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Infantil da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande – RS, 2000.

SARMENTO, M. J. **Visibilidade Social e Estudo da Infância**. Ed. Junqueira e Martins, São Paulo, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o desenvolvimento psíquico da criança.** Trad. Zoia Prestes. Rio de Janeiro: UFRJ, Revista GIS nº11, 2008, pp. 23-36. Disponível em <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>

PROTAGONISMO ESTUDANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS INTERVENÇÕES EM UM CONTEXTO EDUCACIONAL

Souza, Alison Willian da Costa
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia

Ananda Alves
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Victor Felipe Oliveira Peres
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Jane Teresinha Domingues Cotrin

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado básico I do curso de psicologia ocorre no terceiro semestre com carga horária de 30 horas de atividades teórico-temáticas e 30 horas de atividades formativas. As atividades desenvolvidas são de observação, descrição, avaliação, entrevista, coordenação de grupos e transcrição de diferentes situações. As práticas foram realizadas na escola estadual Prof. Paciana Torres de Sant'ana, sob orientação da profa. Dra. Jane Teresinha Domingues Cotrin.

Após o período de observações, foi possível identificar que os alunos conseguem apontar elementos que consideram desfavoráveis na escola, neste sentido, foi pensado um projeto que proporcionasse formas de atuar tornando aqueles integrantes capazes de transformar e melhorar aquele espaço escolar. O projeto proposto para a escola se intitula "Protagonismo estudantil: Pensando nossa escola" foi realizado com a turma do 5ª A, com 27 alunos do período vespertino no ano de 2016.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) nos revela que o Protagonismo Estudantil após a implementação da reforma curricular do ensino médio, tem sido bastante discutida. Refere-se a um projeto inovador que tem sido pensado para os planos políticos pedagógicos das instituições de ensino. Segundo Costa (1998), o Protagonismo Estudantil tem o objetivo de tornar o aluno participante e provedor de iniciativas de forma que possa responder trazendo soluções para os problemas relevantes da escola, destaca o exercício da cidadania, iniciativa e liberdade. De acordo com essa concepção, significa, tecnicamente, que o estudante deve participar como ator principal em ações que não dizem respeito à sua vida privada, familiar e afetiva, mas a problemas relativos ao bem comum, na universidade, na comunidade ou na sociedade mais ampla (Costa, 1998). Fazer essa articulação entre aluno, professor e escola estimula discussões e possibilita o estudante ser capaz de tomar decisões em prol do grupo. Pensar nos problemas da escola, o que podem fazer para melhorar, onde e como podem começar e pensar em formas de se articular, estas são estratégias fundamentais. O aprofundamento dessas referências teóricas nos leva a pensar em como a instituição e os planos pedagógicos influenciam em como os alunos vão atuar nesse espaço.

METODOLOGIA

As observações foram realizadas em quatro dias. No primeiro momento, no dia 11 de março de 2016 teve início nossas observações na Escola Estadual Profª. Paciana Torres. Os

estagiários foram recebidos pela coordenadora e pela diretora da instituição. Como método, utilizou-se a observação participante e entrevista semiestruturada que foi realizada com funcionários e alunos. Após as observações, os estagiários elaboraram e executaram o projeto de Protagonismo Estudantil com uma turma específica.

INTERVENÇÃO

Após a observação foi proposto um projeto de intervenção intitulado “Protagonismo estudantil”. Este projeto convidou os alunos do 5º ano A do Ensino Fundamental da escola estadual Profª. Paciana Torres de Santana a pensar sobre a instituição, apontando seus aspectos positivos e os problemas que vivenciam no dia a dia. Durante as observações, utilizou-se um questionário semiestruturado que revelou algumas demandas. Partindo do princípio de que os problemas institucionais são produtos das relações grupais que se estabelecem na rotina da escola, neste sentido, os alunos poderiam contribuir diretamente para pensar esta instituição atuando como protagonistas nesse processo. Observou-se que os alunos que participaram das entrevistas conseguiram pontuar aspectos que precisam ser pensados pelo grupo para que seja possível melhorar o espaço.

O objetivo das intervenções foi proporcionar aos alunos condições de exercer protagonismo no espaço escolar, promovendo discussões e atividades. As atividades foram realizadas em forma de rodas de conversa e confecção de cartazes. Acreditamos que a articulação de ações nesse espaço contribuiria conforme o plano político pedagógico, como uma oportunidade para os alunos exercerem sua autonomia na escola, tornando-os mais atuantes e participativos fazendo com que essas atividades promovam discussões e novos projetos para a escola.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir de uma sistematização, conforme os dados foram coletados, as observações realizadas e a produção do projeto demonstram que houve uma organização satisfatória que foi possível através de um levantamento detalhado. O projeto foi embasado principalmente na proposta do Protagonismo Estudantil, a utilização dessa linha teórica de forma simples mostrou durante as atividades de intervenção a relação entre o fazer científico e sua aplicação na realidade observada. Todos os alunos da turma participaram do processo de confecção dos cartazes de conscientização sobre o problema recorrente da organização e higiene escolar. Esses cartazes foram colados nos murais da escola e foi proposto que em grupos, os alunos explicassem para os outros alunos da escola o objetivo do projeto e sua importância. De modo geral, os participantes corresponderam muito bem à proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo geral do Estágio Básico I em contextos socioeducativos, acreditamos que foi realizada grande parte das atividades necessárias. Realizamos visitas na instituição, conhecemos a estrutura física e o grupo de funcionários que pertencem a aquela organização. O levantamento de dados foi realizado através das observações cujos resultados foram apresentados em relatórios individuais conforme solicitado pela supervisora, além disso, realizamos entrevistas como forma de conhecer a organização do grupo e identificar demandas. Depois de relatadas as observações, junto com a orientadora de estágio, organizamos os materiais e interpretamos os acontecimentos de forma sistemática nos embasando nas fundamentações teóricas que foram trabalhadas durante todo estágio. Depois de sistematizar os dados, pensamos na elaboração de um projeto viável que promovesse a realização de atividades em formas de discussões e oficinas.

REFERÊNCIAS

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil**. Fundação Odebrecht, 1998.

FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar ML; TARTUCE, G. L. B. P. **Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, p. 411-423, 2004.

GT 7 - Estágio Básico II: Contextos Comunitários

Painel

BULLYING NO CRAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO BÁSICO II - CONTEXTO COMUNITÁRIO

Fernandes, Pâmella de Almeida;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Miranda, Valéria Ventura;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientador: Prof. George Moraes de Luiz

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se constitui como um relato de experiência de Estágio Básico em Contextos Comunitários, sendo este o segundo estágio obrigatório do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) realizado no 4º semestre. Este estágio foi realizado com vínculo entre a UFMT (Departamento de Psicologia) e a Secretaria Municipal de Assistência Social e Desenvolvimento Humano (SMASDH). Dispõe-se de práticas supervisionadas de observação participante e colaborativa, descrição e análise de fenômenos psicossociais em contextos sociais e comunitários.

OBJETIVO

O Estágio Básico II busca inserir o estagiário de psicologia no contexto comunitário, com o objetivo de assegurar o contato do discente com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais, assegurando a consolidação e articulação das competências estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estágio teve como embasamento teórico a Psicologia Social e Psicologia Social comunitária. Lane (2006) afirma a Psicologia Social estuda o comportamento relacionado ao social, ou seja, como as influências sociais determinam os comportamentos do indivíduo inserido em sociedade.

A Psicologia Social e Comunitária tem como conteúdo principal o “desenvolvimento do indivíduo na sociedade e a maneira pela qual a subjetividade é construída a partir da interação simbólica”. A Psicologia Social Comunitária foi instituída com a integração entre as concepções teóricas e as práticas sociais (AZEVEDO, 2009). A Psicologia Social Comunitária, em termos teóricos, busca problematizar a relação entre a produção teórica e a aplicação do conhecimento; em termos de metodologia, utiliza-se a metodologia da Pesquisa Participante; e, em termos de valores, enfatiza a ética da solidariedade, os direitos humanos fundamentais e a busca da melhoria da qualidade de vida da população focalizada (CAMPOS et al, 1996).

METODOLOGIA

Utilizou-se da metodologia Investigação-ação participante (IAP) que Frizzo (2014) define como sendo um “processo específico de investigação, produção de conhecimento e intervenção social, que parte de problemas sociais concretos, buscando sua superação e a concretização de um processo de construção coletiva do saber”. A IAP foi praticada nas observações semanais que ocorreram entre os meses de Maio e Junho de 2018, sendo 5 (cinco) no período vespertino e 7 (sete) no matutino, com duas turmas compostas por membros do

Projeto Siminina e Fortalecimento de Vínculo do CRAS unidade “Dr. Bento Machado Lobo”, mais conhecido por CRAS Tijucal, por ser situado na região central do bairro Tijucal, da cidade de Cuiabá – MT. Também foram realizadas Oficinas com o intuito de abordar o respeito, as diferenças e o *bullying*, optando por esse pela faixa etária dos membros (6 aos 15 anos).

INTERVENÇÕES

INTERVENÇÕES DA TURMA DE SEGUNDA-FEIRA VESPERTINO

No primeiro dia foram realizadas as dinâmicas: feitiço virou contra o feiticeiro (respeito ao próximo); queimada das diferenças (respeito ao próximo e as diferenças); e varal do *bullying* e da família (*bullying*). No segundo dia foram: maçãs (consequências do *bullying*); e caça (*bullying*). No terceiro e último dia foi: árvore do *bullying* e da família.

INTERVENÇÕES DA TURMA DE TERÇA-FEIRA MATUTINO

No primeiro dia foram realizadas as dinâmicas: feitiço virou contra o feiticeiro (respeito ao próximo); queimada das diferenças (respeito ao próximo e as diferenças); varal do *bullying* e da família (*bullying*); e estoura balão (união). No segundo dia foram: maçãs (consequências do *bullying*); caça (*bullying*); e árvore do *bullying* e da família.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após as realizações das intervenções foi perceptível a incorporação do conhecimento dos temas nas brincadeiras, falas e desenhos das crianças e adolescentes, o que foi muito significativo e satisfatório para as estagiárias não só por elas saberem identificar quando ocorre o *bullying* ou não, mas também por ajudar a combatê-lo dentro e fora dos muros do CRAS. Além disso, foi percebido que os participantes compreenderam que pessoas são diferentes e que cada um tem sua particularidade. No entanto, não foi possível observar resultados diferentes, pois as intervenções foram finalizadas no término do estágio, mas poderá ser observado pela próxima dupla de estagiários.

CONCLUSÃO

A realização do Estágio Básico II em Contextos Comunitários possibilitou as estagiárias a perceber a importância da atuação do profissional psicólogo nos CRAS e o quanto a falta desses profissionais afetam a assistência oferecida. Além disso, compreender os serviços de assistência social oferecidos pelo município e como funciona a dinâmica dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

AZEVÊDO, A. V. S. A psicologia social, comunitária e social comunitária: definições dos objetos de estudo. **Psicologia em foco**, Aracaju, Faculdade Pio Décimo, v. 3, n.3, jul./dez. 2009.

CAMPOS, R. H. de F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, 179 p.

FRIZZO, K. R. A Investigação - Ação Participante. In: SARRIERA, J. C. SAFORCADA, E. T. (orgs). **Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 153-166.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DIREITOS HUMANOS E CRAS: RESSIGNIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM CONTEXTO SOCIOCOMUNITÁRIO

Silva, Clécia Lino da;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Melo, Izadora Mendonça de;
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientador: Prof. George Moraes de Luiz

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se constitui como um relato de experiência de Estágio Básico em Contextos Comunitários, sendo este o segundo estágio obrigatório do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) realizado no 4º semestre, como um relato de experiência do Estágio Básico II, foi executado em um *Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) na cidade de Cuiabá*. A ação foi voltada a observação participante de uma turma de crianças e adolescentes entre as faixas etárias de 6 a 15 anos de idade, inseridas no projeto de aulas de *Jui Jitsu*. A partir dos levantamentos e demandas observadas no processo, foi possível identificar a naturalização das violências, tanto físicas como verbais, assim como, abuso de autoridade naquele contexto, dessa forma com o embasamento nos Direitos Humanos, foi possível propor e delinear estratégias de intervenções.

OBJETIVO

A partir da Ação Participante (Frizzo, 2010 p. 153) investigar a demanda da turma, acompanhada de intervenções sociais, na modalidade de oficinas a fim de alguma melhoria para o grupo em questão. Visto que, algumas relações se estabeleceram com preceitos pouco viáveis pelo respeito, bem como pelo ambiente no qual se encontravam. Além disso, buscar a ressignificação dos temas relacionados a violência física e verbal, superioridade e abuso de poder.

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho desenvolvido apoiou-se nos pressupostos da Psicologia Social Comunitária que se preocupa em potencializar as comunidades, lhes empregando independência em suas relações, da mesma forma que trabalha as problemáticas levantadas. Na qual, propõe –se analisar as interações grupais sob perspectivas de como se manifestam entre si, com o objetivo de tornas estas relações mais justas e empoderadas.

O estágio teve como embasamento teórico a Psicologia Social e Psicologia Social comunitária. Lane (2006) afirma a Psicologia Social estuda o comportamento relacionado ao social, ou seja, como as influências sociais determinam os comportamentos do indivíduo inserido em sociedade.

METODOLOGIA

A ação caracterizou-se na principal característica da Pesquisa-ação-participante que Frizzo (2014) define como sendo um “processo específico de investigação, produção de conhecimento e intervenção social, que parte de problemas sociais concretos, buscando sua superação e a concretização de um processo de construção coletiva do saber”. Na qual, a investigação da demanda de certa população é acompanhada de intervenções sociais que visa melhorar a população em questão. Assim como, utilizou-se de Oficinas (Afonso, 2010 p. 63), afim de promover a consciência que envolve as problemáticas, construindo com isso o foco da oficina.

INTERVENÇÕES

PRIMEIRA FASE DE INTERVENÇÃO

Na primeira intervenção, foi proposta uma oficina utilizando balões, com o intuito de proporcionar esclarecimento sobre os direitos que possuem enquanto pessoas. Na qual fizeram mímicas com o objetivo de interpretar situações violentas. A fim de internalizarem o reconhecimento dessas situações, para a partir disso se prevenirem. Para tanto, houve conversas sobre cada situação interpretada, seus significados e sentidos.

SEGUNDA FASE DE INTERVENÇÃO

Na segunda intervenção, foi trabalhado o passeio sinérgico, no qual com os pés amarrados, o grupo precisou andar para o oposto do tatame, onde haviam balões com frases verdadeiras e falsas, em que abordavam ações afirmativas referentes a questões sociais, violência, racismo, discriminação e etc. com a finalidade de tornar consciente esses processos e a existência de órgãos, como o CRAS, existentes para apoiá-los.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na primeira intervenção observou-se relutância em interpretar situações negativas, compreendido pelas construções sociais. Pois estes temas, são a eles pouco debatidos e representados negativamente as crianças e adolescentes. Na segunda intervenção notou-se melhora significativa dos dados apresentados, em que desconstruíam justificativas de atitudes, em um processo de comunicação intersubjetivo de aprendizagem (Afonso, 2010).

Dessa forma, após as realizações das intervenções foi perceptível a incorporação do conhecimento dos temas nas brincadeiras, falas das crianças e adolescentes, não só por eles saberem identificar quando ocorre as práticas de violência ou não, mas também ter compreensão sobre seus direitos e deveres frente a essas situações.

CONCLUSÃO

Observa-se a relevância de trabalhar habilidades e desenvolver percepções que possibilitem ao sujeito algum progresso, sendo um processo social e interacionista. Através disso os indivíduos tiveram acesso as informações não elucidadas, na qual entraram em contato com o desenvolvimento dessas vertentes.

REFERÊNCIAS

SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (orgs). *Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

CRUZ, L.R.; FREITAS, M.F.Q. de; AMORETTI, J. **Breve história e alguns desafios da Psicologia Social Comunitária**. In: SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T.(orgs). *Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 76-96.

UMA EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE IDOSOS SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA

Caldeira, Rodrigo Alves
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia

Silva, Rosana Letícia Ribeiro da
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Amailson Sandro Barros

INTRODUÇÃO

Este relato diz respeito ao Estágio Básico II, realizado no Centro de Convivência para Idosos – CCI - João Maria dos Santos, situado na região sul, Cuiabá-MT. Este é um espaço público, vinculado ao setor de Proteção Social Básica da Secretária Municipal de Assistência Social e Desenvolvimento Humano de Cuiabá – SMASDH. Nosso objetivo tange a aplicação, aprofundamento e aperfeiçoamento, dos referenciais teóricos Psicologia Social Comunitária a partir da vivência, enquanto estudantes de psicologia, relacionando-as com a prática profissional, na identificação de demandas e possíveis ações que contribuam para mudanças colaborativas nos contextos sociais através da inserção no espaço comunitário.

REFERENCIAL TEÓRICO

O envelhecimento é um processo característico do desenvolvimento humano, um sinal de vida. A Lei Federal nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994 e regulamentada pelo decreto 1948/96, define que aos 60 anos tem-se o início da terceira idade, e direito a uma política governamental que lhes garanta inclusão.

Em uma perspectiva de perceber os desafios da vida de um idoso, faz-se necessário no confronto entre as características individuais e familiares – ciclo de vida, tipo de arranjo familiar, escolaridade, renda, formas de inserção na vida social e condições de saúde – e suas possibilidades de desfrute dos bens e serviços ofertados pelo Estado e sociedade, que se definem suas efetivas condições de vida e possibilidades de convívio social. Necessitamos também ajudá-los a serem capazes de conduzir suas vidas. Para se ter qualidade de vida, fazendo-se necessário incorporar à análise os outros elementos que permitem a um indivíduo viver com dignidade e segurança.

Em consoante, o Centro de Convivência do Idoso (CCI) é um lugar de responsabilidade social, que visa atender o idoso em suas necessidades físicas, sociais e mentais, voltados para a realidade (bairro, cidade), objetivando o resgate da cidadania da população idosa e promovendo sua inserção na sociedade também como um suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania.

Para tanto, uma das características primordiais da Psicologia Social Comunitária é entender que a comunidade é parte essencial para que o fazer da profissão aconteça. Toda e qualquer ação desenvolvida pelo profissional da Psicologia Social Comunitária requer a participação da própria comunidade como atriz principal nos processos de transformação, modificação e decisão que acontecem ou venham a acontecer no seu âmbito (MONTERO, 2004).

METODOLOGIA

Inicialmente, adotou-se o procedimento metodológico de observação participativa, através do qual interagiu-se integralmente em todo o contexto físico e social do centro de convivência. Para reduzir a estranheza e um possível desconforto compartilhou-se os papéis e os hábitos ali estabelecidos nos grupos observados.

A cada observação desenvolveu-se o olhar acerca da realidade e conseqüentemente das demandas da instituição, dentre elas, como se deu a relação dos usuários da unidade entre si e entre os funcionários e desses com eles mesmos no processo relacional da convivência e atuação; servindo posteriormente de elemento para a construção da proposta das intervenções no método de roda de conversa por serem pontuais às demandas mais imediatas.

Optou-se pela roda de Conversa como proposta metodológica participativa, alicerçado nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano. É uma técnica que quando utilizada para levantamento de dados, pode se transformar em uma metodologia de ensino como alternativa para melhorar a qualidade das relações que se estabelecem nos processos de ensino e aprendizagem e de socialização. Mas, mais que uma técnica de pesquisa, as rodas de Conversa abrem espaço para que os sujeitos participantes estabeleçam um espaço de diálogo e interação, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro no cotidiano de suas vivências (MELO & CRUZ, 2014).

Desse modo, procurando possibilitar incremento do diálogo e reflexão entre os componentes do grupo e mediador, executou-se rodas a partir das questões e demandas encontradas; visando assim, o melhor funcionamento da unidade também com um meio de potencializar o compromisso político e social da comunidade como forma de transformação psicossocial da mesma. Pretendeu-se o fortalecimento do vínculo comunitário através das rodas de conversa para possibilitar o estabelecimento da convivência de fato no local, que exclua o estranhamento e o desconforto tanto na realização da proposta interventiva quanto no convívio entre usuários e funcionários.

ANÁLISE DE RESULTADOS

As intervenções favoreceram compreensão da forma como estes sujeitos se relacionam no cotidiano do CCI, mediante suas percepções sobre a condição das relações da forma como se estabelecem no centro de convivência, mas também no cotidiano de suas vidas. Foram experiências com ganhos discursivos, pois, analisou-se o papel e a construção de rodas de conversa dentro do CCI, que apesar de não ter intencionalidade clínica, produziram uma intervenção direcionada para a transformação dos usuários, no que diz respeito a pensar sobre a temática da comunicação e convivência, tema frequente.

As rodas de conversa permitiram que os participantes expressassem concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o centro de convivência, e as influências sofridas pelas percepções das relações idoso/idoso, idoso/funcionário e funcionário/funcionário estabelecidas naquele lugar.

CONCLUSÃO

Além de um local de lazer e cuidado com a saúde física, consideramos que é imprescindível que o “cuidar físico” seja expandido para um cuidar integral: físico, social e psicologicamente. Deve haver uma atenção à saúde mental dos frequentadores e dos funcionários. Devido a fase avançada, as experiências de vida e a debilitação do corpo, essas pessoas precisam de um momento em que possam colocar seus pensamentos, divergências, ponto de vista e conhecimento um para o outro.

Notou-se a importância da emancipação através da convivência, da comunicação entre diversos espaços que compõem a comunidade e que dentre as funções do psicólogo nos

contextos sociais e comunitários, uma delas é lançar o olhar investigativo, sobre essa interação social e como está relacionada com o grupal no processo identificação do ser a partir da consciência sobre o outro.

Por conseguinte, estabelecer as rodas de conversa como espaço para o idoso e também dos funcionários, contribuiu para as melhorias e transformações do Centro de Convivência, assim como a continuação do bom funcionamento da instituição, favorecendo uma política pública e assistência social eficaz e de qualidade.

REFERÊNCIAS

MONTERO, M. Introducción a la psicología comunitaria. Desarrollo, conceptos y procesos; Argentina: Editorial Paidós, 2004.

MELO, M. C. H. & CRUZ, G. C. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. *Imagens da Educação*, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014

EB II NO CRAS PLANALTO: MODELO PARTICIPATIVO DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Brunca, Camila Garcia
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia

Rodrigues, Neo Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia

Orientador: Prof. George Moraes de Luiz

O presente relato de experiência descreve a prática de observação e intervenção realizada durante a disciplina de Estágio Básico em Contexto Social e Comunitário do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob orientação do Professor Dr. George Moraes de Luiz. Fundamentado no compromisso político e social da Psicologia, tal prática de estágio supervisionada teve o intuito de compreender e relacionar-se com o serviço de Proteção Social Básica através do seu principal equipamento, o Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, mais especificamente o CRAS Planalto, localizado na capital do estado de Mato Grosso.

As ações no CRAS são desenvolvidas por intermédio do PAIF – Programa de Atenção Integral à Família, que visa o acompanhamento socio familiar, prestando serviços de “acolhimento, acompanhamento, inserção em serviços socioeducativos e de convivência, desenvolvimento de atividades coletivas e comunitárias e encaminhamento das famílias para demais serviços socioassistenciais e de outras políticas”. (BRASIL, 2007). Dessa maneira, a dupla de estagiários teve como objetivo colaborar com o atendimento de crianças e adolescentes de segunda a quarta-feira no período matutino no CRAS Planalto.

Vale salientar que a psicologia comunitária propõe aplicar o conhecimento acadêmico da psicologia na resolução de demandas da sociedade. Assim sendo, tem como intuito a mudança social. Mas essa transformação da realidade é alcançada a partir do envolvimento da própria comunidade. De acordo com Góis (2003), a psicologia comunitária reconhece e valoriza a capacidade de ação do indivíduo e do grupo, isto é, a autonomia da comunidade na construção de suas vidas e, por isso, emprega processos de facilitação social baseados em métodos participativos.

Para tanto, empregou-se o modelo participativo de intervenção social, que se caracteriza pelo trabalho em conjunto com a equipe de profissionais a serviço do CRAS e pelo levantamento de demandas a partir da observação e da troca com a comunidade, que atua ativamente durante todo o processo (ANSARA E DANTAS,2010).

Durante as observações, notou-se que a maioria das crianças tendem a frequentar o local junto de seus irmãos e a presença desses laços familiares influencia bastante a interação do grupo. É interessante enfatizar que as atividades propostas tendiam a perpetuar a individualidade e a competitividade das crianças, o que propiciava a manifestação de conflitos. Desde o início, a agressividade, tanto verbal quanto física, se destacou e, ao longo das observações, presenciou-se alguns episódios de briga, com chutes, tapas, socos e até cuspe. Ademais, percebeu-se uma preferência das crianças pelo futebol, o que implica em uma resistência a outros tipos de atividades. Também foi observado que as crianças cantarolavam a todo momento para interagir com os demais. Decidiu-se, portanto, aproveitar o gosto pela música para apresentar uma alternativa ao futebol, além de ser algo que também instigasse a cooperação entre os pares. Assim, foram abordadas nas intervenções do presente trabalho algumas das demandas identificadas durante as visitas de observação, como a competitividade

aflorada, a agressividade latente e a tendência das crianças a sempre optar por jogar futebol. Buscou-se estimular atividades colaborativas para fomentar a aquisição de outro repertório de comportamento que fosse diferente daqueles presenciados no período de observação.

A 1ª intervenção teve como intuito mostrar que pode-se fazer música mesmo sem ter instrumentos musicais, basta usar um pouco de criatividade. Com a colaboração de um professor de música e especialista na confecção de instrumentos musicais, as crianças puderam produzir seus próprios instrumentos: pandeiros e berimbaus a partir de materiais reciclados. Na 2ª intervenção, trabalhou-se a harmonia entre as crianças a partir da linguagem musical. Após uma demonstração do professor com os instrumentos confeccionados na intervenção e também com outros instrumentos feitos manualmente por ele, as crianças receberam algumas instruções de como tocar o berimbau e o pandeiro. No geral, todos demonstraram terem ritmo e aptidão musical e aqueles que estavam com o pandeiro até se arriscaram a tocar algo em conjunto.

A 3ª intervenção teve como foco o senso de cooperação e buscou instigar o fortalecimento de vínculos entre as crianças a partir da confecção de pipas de papel, sendo que cada um ficaria responsável por preparar e decorar a pipa do colega que estivesse sentado ao seu lado. Em geral, as crianças já eram habilidosas na produção das pipas de papel, sendo que algumas crianças se dedicaram bastante ao desenho e quem terminou mais rápido auxiliou os demais na atividade. Já a 4ª intervenção tinha como objetivo soltar as pipas produzidas durante um passeio no Parque Tia Nair, mas, apesar do interesse por parte das crianças, a intervenção proposta não foi implementada por questões logísticas. Entretanto, a roda de capoeira organizada pelas crianças na qual foi utilizado o pandeiro de material reciclado da intervenção anterior, evidenciando a apropriação do objeto nas brincadeiras do cotidiano do CRAS Planalto.

É fato que o modelo participativo de intervenção facilitou a compreensão da dinâmica de funcionamento do CRAS e a construção de vínculos com os profissionais e com a comunidade. Constatamos que ao fim do estágio a agressividade e a competitividade das crianças estava mais atenuada e inserida principalmente no contexto de disputa durante as atividades físicas. Além disso, notou-se que as crianças incorporaram os instrumentos de material reciclado nas interações cotidianas. Compreende-se, portanto, que a atividade alternativa apresentada pelos estagiários obteve adesão e engajamento. Percebe-se que houve um maior reconhecimento quanto ao sentimento de pertencimento ao grupo, um fortalecimento do vínculo, embora ainda se constate algumas rugas e desentendimentos, o grupo demonstra estar consolidado e em busca de melhorias na relação dos membros. Por fim, esperamos que as intervenções implementadas tenham contribuído para a potencialização do processo de emancipação dos sujeitos sociais do CRAS Planalto.

REFERÊNCIAS

ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas.** Psicologia & Sociedade, v. 22, n. 1, 2010.

BRASIL. **Convivência e Fortalecimento de Vínculos.** Brasília: MDS, 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

GÓIS, C. W. L. . **Psicologia Comunitária.** Universitas. Ciências da Saúde (UNICEUB), UniCEUB - Brasília, v. 1, n.2, p. 277-297, 2003.

RELATO DE EXPERIÊNCIA COMUNIDADE E CRAS: NA CONSTRUÇÃO DO SABER

Silva, Jeise Letícia Ferreira da
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia

Nunes, Leidiany dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia
leidysantosenunes@gmail.com

Orientadora: Profa. Ms. Anny Caroliny de Lima Rodrigues

INTRODUÇÃO

O Estágio Básico II é ofertado no 4º semestre do Curso de psicologia da UFMT, cujo foco são os contextos sócio comunitários e tem como um dos campos destinados para a realização do estágio os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), além de Centros de Convivência de Idosos (CCI) e Albergues. A atuação dos estagiários nessas instituições segue as orientações e direcionamentos da prática profissional dos Psicólogos inseridos nesse contexto, sendo que a inserção da Psicologia nas Políticas Públicas segundo Oliveira, Nívea et.al (2016), teve início na área da saúde em 1980, com a entrada do psicólogo nesse campo. O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em que foi desenvolvido o estágio se localiza no Município de Cuiabá no Estado de Mato Grosso, o equipamento é considerado de grande porte, possui capacidade para atender até cinco mil famílias e abrange dezesseis bairros da região.

OBJETIVO

O objetivo do Estágio Básico II se dá em possibilitar a inserção de discentes em contextos sociais e comunitários, para que esses possam realizar observações, descrições e análise dos fenômenos psicológicos estudados em sala de aula e encontrados nesse âmbito, vinculando a teoria e a prática. O objetivo da inserção dos estudantes nos CRAS permeia em possibilitar o contato com este contexto, sendo esta uma das várias áreas de atuação oferecidas pela Psicologia e ainda possibilitar a identificação com este campo, o que pode desembocar numa possível escolha de atuação profissional. Porém, mais que a obtenção de conhecimento dessa área da psicologia, a inserção dos estagiários nos CRAS permite o aprofundamento no entendimento da dinâmica e do funcionamento da Assistência Social; e das políticas públicas asseguradas pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica que orientou e norteou a prática no estágio em contexto sócio comunitário é a Psicologia Social, que se originou na Europa, mas teve uma forte influência americana, segundo Silva e Corgozinho (2011), e também a Psicologia Comunitária, nascida da Psicologia Social. Pauta-se também nas regulações de uma psicologia contextualizada permitida através da Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO) que surge para suprir a necessidade de estudos não mais importados da América ou Europa, para aplicação social. Ademais respaldadas na Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) e na promulgação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) que de acordo com Silva e Corgozinho (2011) tornou a assistência um direito de todos os brasileiros, garantidos por meio

do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Sendo assim, cabe ao psicólogo atuar em consonância com as orientações técnicas éticas e metodológicas estabelecidas pela profissão de acordo com cada contexto ao qual está inserido.

METODOLOGIA

A partir do referencial teórico utilizado objetivou-se como metodologia a promoção de um olhar completo sobre o sujeito considerando-o político, social, histórico e culturalmente, assim, se tornou possível pensar uma intervenção psicossocial que de acordo com Sarriera et al (2015), é um instrumento que viabiliza mudanças nas condições e qualidade de vida dos sujeitos, sendo esta uma condição necessária para a atuação dos profissionais no CRAS. Baseada na demanda de intervenção levantada junto a comunidade, o equipamento e as estagiárias permeada pela construção de vínculos e na observação participante, em que Segundo Frizzo (2014), é um método usado para interações sociais em inserções em campos de estágios e novos contextos que se deseja estudar e conhecer, utilizamos ainda recursos das oficinas de dinâmicas de grupo proposta por De Luiz (2015) pretendia-se a troca de vivências e fortalecimento do vínculo dessas pessoas nesse grupo.

INTERVENÇÃO

Constituiu-se em uma dinâmica, alusivo a um jogo, que envolvia um dado grande de seis lados, a divisão de dois grupos entre os participantes e seis urnas com três perguntas cada, de um total de dezoito perguntas. O participante jogando o dado pegaria na urna correspondente ao número exposto pelo dado, a pergunta que teria que ser respondida pelo grupo. Em cada jogada, uma pergunta foi respondida, sofrendo acréscimos de informações pela assistente social e as estagiárias. As perguntas foram pertinentes a proposta da intervenção sobre a tentativa de elucidar as atribuições, especificidades do CRAS e conseqüentemente explanar dúvidas, assim como, auxiliar na minimização das contradições e a distância entre a comunidade e o equipamento. O público participante girou em torno de idosos e adultos, em sua maioria mulheres e algumas crianças que os acompanhavam. Foi realizada apenas uma intervenção com duração de uma hora e meia.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Objetivou-se a promoção de um espaço de escuta aberto, participativo e interativo voltado para a comunidade. A impossibilidade do tempo para a continuação das intervenções baseadas na proposta inicial fez com que não se percebesse através do tempo os efeitos da intervenção realizada, entretanto, nos momentos que sucederam o estágio foi possível observar a manifestação de interesse frente às demandas ofertadas pelo CRAS anteriormente desconhecidas, no mesmo tempo que a junção de vários agentes da comunidade que antes participavam de projetos separados como é o caso dos idosos propiciou um maior fortalecimento de vínculos não instituídos previamente.

CONCLUSÃO

O CRAS como a principal porta de entrada da comunidade na assistência social, é um importante instrumento que visa auxiliar a população promovendo acesso aos direitos e ascensão da autonomia através dos serviços prestados buscando sempre o fortalecimento dos vínculos familiares. A fim de se romper com os paradigmas do assistencialismo muito presente no cotidiano relatado sobre a comunidade em questão, observa-se a importância de um trabalho

multidisciplinar neste contexto, sendo que o equipamento configura-se em um dos campos mais ricos para atuação do Psicólogo que por sua vez, também deve trabalhar abertamente observando as demandas trazidas pela comunidade, mantendo seu posicionamento ético, o respeito, o acolhimento e o ideal da não patologização, lembrando que a sua atuação quando voltada para o coletivo é capaz de promover mudanças nas condições e qualidade de vida das pessoas, inserindo-as assim no âmbito social de forma que estejam mais cientes e ativos na busca de seus direitos enquanto cidadãos.

REFERÊNCIAS

DE LUIZ, George Moraes; DAL PRÁ, Rayany Mayara; AZEVEDO, Renata Closs. **Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência.** Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. ISSN 1413-4063, v. 23, n. 2, p. 245-260, 2015.

FRIZZO, K.R. **Diário de Campo: reflexões epistemológicas e metodológicas.** In: SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (orgs). Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 167-185.

SARRIERA, J. C.; Silva, M. A.; PIZZINATO, A., Zago, C. U.; MEIRA, P. **Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas.** In: SARRIERA, J. C. (Ed.). Psicologia comunitária: Estudos atuais. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 31-52.

SILVA, J. V., & CORGOZINHO, J. P. (2011). **A psicologia social comunitária: possíveis articulações.** 21.

Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e **Psicologia & Sociedade**, 23(Esp.), 12-

GT 8 - Estágio Básico III: Contextos Organizacionais e de Trabalho

Painel

PROJETO EB III - CONTEXTOS ORGANIZACIONAIS E DO TRABALHO: MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO MULLER

Cunha, Maria Eduarda Ferraz
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Campos

Orientadora: Profa. Dra. Rita Eliana Mazaro

RESUMO

O presente relato de experiência tem por objetivo descrever as atividades realizadas durante o Estágio Básico III - Contextos Organizacionais e do Trabalho, pelos estudantes de psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso na instituição Hospital Universitário Júlio Müller. Os discentes foram inseridos no cotidiano do setor de recursos humanos do hospital, observaram e participaram das atividades propostas para este ambiente, que tiveram o objetivo de mapear competências de médicos, fisioterapeutas, técnicos de enfermagem e enfermeiros. O método utilizado foi a investigação-observação-participante. Os instrumentos utilizados foram o questionário e o roteiro de entrevista.

INTRODUÇÃO

O estágio tem como importância desenvolver práticas supervisionadas que promovam o exercício e aprimoramento das habilidades aprendidas, propiciando uma vivência com a realidade, e permitindo a sua problematização com os conceitos teóricos. As disciplinas oferecidas pelo curso de Psicologia que contemplam a execução do estágio são a Psicologia Organizacional do Trabalho II e Estágio Básico III, nas quais os conhecimentos teóricos organizacionais são amplamente discutidos, servindo de importante arcabouço e base para a estruturação do estágio.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Brandão (2017) a competência é uma junção de conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA) necessárias para que o profissional atenda às expectativas da empresa e tenha um bom desempenho profissional. O conhecimento é todo arcabouço teórico adquirido pelo sujeito, tanto durante a faculdade, quanto em outros ambientes, e compreender do *por que* fazer e *saber* o que fazer; habilidade se refere às habilidades técnicas, capacidade e *saber como* realizar as atividades na prática e com o máximo de exatidão; e atitude se refere ao *querer fazer*, de pôr a identidade no que está fazendo e determinação no que faz. Nesse sentido, para Brandão e Babry (2005), a gestão por competências tem sido notada como modelo gerencial alternativo aos instrumentos tradicionalmente usados pelas organizações. Segundo esses mesmos autores, a diminuição ou eliminação de eventuais lacunas de competências está condicionada ao mapeamento das competências necessárias à consecução da estratégia organizacional.

Brandão e Guimarães (2001) relatam que a gestão por competências se propõe a orientar esforços para planejar, captar, desenvolver e avaliar nos diferentes níveis da organização (individual, grupal e organizacional) as competências necessárias à consecução de seus objetivos.

OBJETIVOS

O objetivo principal do projeto em pauta foi mapear as competências dos funcionários do HUIJM, especificamente dos setores da UTI Neonatal, UCinco e Logística. Tal processo envolveu a realização de entrevistas e questionários, visando então ter uma maior dimensão sobre os conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para os cargos serem exercidos.

MÉTODO E INSTRUMENTOS

Utilizou-se do pressuposto epistemológico da investigação-ação-participante (IAP), que trabalha a relação da ciência com a realidade social, sendo uma das principais características desse método a indissociabilidade entre a pesquisa e o processo de investigação da produção de conhecimento para a intervenção social, que busca produzir ações que transformem os aspectos da realidade concreta (FRIZZO, 2014).

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram o roteiro de entrevista e o questionário, construídos e adaptados a partir do livro de Brandão (2017) e do modelo de descrição de cargos, realizado por estagiários em semestres anteriores. Nesse contexto, a entrevista e o questionário constituem-se como técnicas de pesquisa bastante aplicadas ao mapeamento de competências.

RESULTADOS

Devido ao curto período de tempo dos estagiários na instituição, a não devolução de vários questionários para os estagiários, e também a constante atenção e cuidado que os profissionais devem ter à função desempenhada por eles, não foi possível mapear as competências dos profissionais. O setor da Logística foi o único possível de completar as entrevistas, mas faltaram questionários a serem entregues aos estagiários. Já na UTI Neo Natal e UCinco, os estagiários não conseguiram entrevistar todos os profissionais de cada setor, pois o dia-dia deles na instituição é de constante atenção aos seus pacientes. Nestes mesmos setores, apenas alguns profissionais realizaram a devolutiva do questionário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curto período do estágio, bem como férias docentes da UFMT e afastamento por férias da psicóloga da divisão foram fatores que culminaram a não conclusão do plano de atividades propostos dentro da carga horária determinada para o trabalho. Por outro lado, mesmo com a conclusão parcial dos objetivos, a parceria entre a UFMT e HUIJM dentro do campo da Psicologia Organizacional possibilitou para que as teorias e práticas fossem aplicadas de maneira efetiva e atendeu as expectativas propostas. Portanto, é importante que esta parceria continue sendo renovada, pois a realidade das empresas e organizações requerem que os estudantes e profissionais da psicologia ampliem o olhar para além da teoria.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Hugo Pena; BAHRY, Carla Patrícia. **Gestão por competências: métodos e técnicas para mapeamento de competências**. Revista do Serviço Público, v. 56, n. 2, p. 179, 2005.

BRANDÃO, Hugo Pena; GUIMARÃES, Tomás de Aquino. **Gestão de competências e gestão de desempenho: tecnologias distintas ou instrumentos de um mesmo constructo?** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 41, n.1, p. 8-15, jan./mar. 2001.

BRANDÃO, Hugo Pena. **Mapeamento de competências: Ferramentas, Exercícios e Aplicações Em Gestão de Pessoas.** São Paulo: Atlas, 2^a Ed., 2017.

FRIZZO, K.R. **A investigação-ação-participante.** In: SARRIERA, J. C.;

SERVIÇOS TERCEIRIZADOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

Souza, Alison Willian da Costa
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduando do curso de Psicologia,

Barreto, Arianne Arruda e Sá Paes
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Lemos, Juliana Ferreira
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Vinicius de Paula

INTRODUÇÃO

O estágio foi supervisionado pelo professor Dr. Alessandro Vinicius de Paula, que ministra a disciplina de Psicologia Organizacional e do Trabalho I. O estágio básico III ocorre concomitantemente com a disciplina de Psicologia Organizacional e do Trabalho II, ministrada no quinto semestre pela professora Dra. Rita Masaro, ambos do departamento de Psicologia. O estágio foi realizado em uma empresa de serviços terceirizados. O papel da psicologia no cotidiano das empresas passa a ter extrema relevância quando se compreende como o trabalho afeta e influencia a construção da subjetividade humana e como o funcionamento das organizações exercem grande poder na vida do trabalhador. A partir de estudos nessa área foi possível observar como as exigências do mercado de trabalho provocam mudanças no comportamento daqueles inseridos nesse contexto.

REFERENCIAL TEÓRICO

As empresas vivem momentos de intensas mudanças econômicas e tecnológicas, o que levam os gestores a pensar no desenvolvimento das empresas visando novas maneiras de melhorar seu trabalho e nível de profissionalismo. A alta competitividade do mercado de trabalho exige cada vez mais o aperfeiçoamento da empresa e também do trabalhador. Apesar da grande quantidade de recursos tecnológicos presentes nas empresas atualmente, a necessidade de se obter trabalhadores bem capacitados se tornou imprescindível, uma vez que “as pessoas passam a significar o diferencial competitivo que mantém e promove o sucesso organizacional” (CHIAVENATO, 2005, p. 4).

De acordo com Nery (2009) existem algumas variáveis que impactam no funcionamento de uma organização, tais como o comportamento das pessoas, os avanços tecnológicos, o processamento da informação, meios de comunicação e a concorrência do mercado. A mesma autora ainda afirma que as empresas somente irão se manter no mercado competitivo se obtiverem lucro, satisfizerem os acionistas e forem responsáveis pelos seus produtos ou serviços prestados. Em meio a estas modificações, as organizações ainda precisam lidar com a flexibilização das leis trabalhistas, os elevados índices de desemprego e as novas demandas de qualificação e desenvolvimentos nas políticas econômicas e sociais. (VASCONCELOS-SILVA; TODOROV; SILVA, 2012).

Segundo Krumm (2005), é importante ressaltar que a psicologia está interessada em algo além da eficácia e da produtividade. A saúde dos empregados, a redução do estresse e a qualidade de vida no trabalho têm ganhado cada vez mais destaque. A psicologia

industrial/organizacional é definida como a aplicação da teoria e da metodologia psicológicas aos problemas das organizações a aos problemas de grupos e de indivíduos em ambientes organizacionais. (KRUMM, 2005, p. 4).

Portanto, podemos relacionar a Psicologia Organizacional e do Trabalho à diversos temas que envolvem a relação entre indivíduo-trabalho, sendo alguns desses tópicos a motivação; o comprometimento; o envolvimento; a aprendizagem; a socialização; a satisfação; o treinamento; o aconselhamento; o estresse e a qualidade de vida (BORGES; YAMAMOTO, 2004). Durante as visitas ao campo de estágio, os estagiários participaram de um treinamento interno de desenvolvimento profissional que fora planejado para os profissionais das áreas operacionais, de departamento pessoal, departamento de recrutamento e seleção e diretores da empresa. O treinamento fora realizado pelo gerente de uma empresa de consultoria especializada que mantém parceria com a ASD. Percebe-se que os colaboradores também são afetados pelas constantes mudanças nos processos de produção, pois a modernização obriga novos caminhos para realizar tarefas e a utilização de diferentes ferramentas para auxiliar parte desse processo. Desta forma, enfatiza-se o treinamento para o desenvolvimento de pessoas para que a organização continue alcançando seus objetivos perante as exigências do mercado. Portanto, o treinamento é tido como peça fundamental no processo de desenvolvimento organizacional. (CHIAVENATO, 2008)

Para França (2009, p. 88) treinamento é um “processo sistemático para promover a aquisição de habilidades, regras, conceitos e atitudes que busquem a melhoria da adequação

entre as características dos empregados e as exigências dos papéis funcionais”, o que se assemelha a conceituação de Ivancevich (1945) citado por Chiavenato (2014), em que treinamento é um processo sistemático que tem como objetivo alterar o comportamento das pessoas em benefício dos alcance das metas estabelecidas pela empresa, além disso, está relacionada com as habilidades e capacidades necessárias para desempenhar as atividades necessárias para o cargo. Cenzo e Robbins (1996, apud CHIAVENATO, 2014, p. 310) ainda afirmam que o treinamento é uma “experiência aprendida que produz mudança relativamente permanente em um indivíduo e que melhora sua capacidade de desempenhar um cargo.”

Um processo de treinamento é composto minimamente por quatro fases, Diagnóstico, Desenho, Implementação e Avaliação. A primeira, envolve a busca por necessidades da empresa, a segunda fase consiste na elaboração de um projeto que buscará atender as necessidades da empresa identificadas na primeira fase, a terceira fase se trata da execução do projeto elaborado e a última fase é a verificação dos resultados obtidos com a realização do processo completo. (CHIAVENATO, 2014). Durante o estágio foi proporcionado a participação nas fases de Implementação e Avaliação do processo de treinamento, onde foi observado como ocorreu a execução de ambas as partes.

O evento acompanhado pela equipe se tratou de um treinamento de desenvolvimento de atitudes, no qual permitiu trabalhar questões como mudanças de atitudes, sensibilidade nas relações interpessoais e de atendimento, além da transmissão de mudanças de hábitos que incentivem o estabelecimento de relações proativas dos profissionais. O treinamento ocorreu no período vespertino com a participação de todos os funcionários da equipe operacional. As etapas foram executadas conforme o planejado e no final do processo fora disponibilizado aos participantes um questionário de avaliação.

METODOLOGIA DAS OBSERVAÇÕES

Para inserção dos estudantes no campo de estágio e durante o período de experiência foi utilizada uma atuação sustentada pela observação participante como instrumento metodológico, tendo em vista que esse recurso possibilita aos participantes a compreensão das relações que se desenvolvem no meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Básico III se mostra essencial para os acadêmicos vivenciarem as experiências relacionadas ao cotidiano do contexto organizacional, tornando viável a relação entre teoria e prática. Durante o período de estágio, foi possível realizar a leitura contextualizada da realidade por meio da observação participante, fazendo com que os estagiários fossem capazes de compreender o funcionamento do contexto organizacional ao qual foram apresentados, com ênfase nos processos de Recrutamento e Seleção e Desenvolvimento e Treinamento de Pessoas.

No quesito de Desenvolvimento e treinamento de pessoas foi verificada a possível a inclusão do Organization Behavior Management (OBM), que busca o desenvolvimento de competências a partir da análise das relações entre indivíduo-ambiente. Uma vez que a empresa exige rapidez no âmbito de Recrutamento e Seleção, foi observada a alternativa de implantação do Recrutamento Eletrônico, no qual todo o processo ocorre em uma plataforma online, que realiza a filtragem de candidatos, além de promover maior controle para a administração das informações dos candidatos.

Observou-se também que a empresa tem uma rotatividade considerável de colaboradores, porém, como esta foi a primeira vez que a empresa recebe o estágio da UFMT e como não houve tempo suficiente para um maior aprofundamento nesse quesito, foi discutido que tal acontecimento talvez se deva à rapidez com que o processo de Recrutamento e Seleção ocorre dentro da empresa.

É válido ressaltar a importância do contexto organizacional e do trabalho para a Psicologia, visto que este ambiente influencia, de maneira significativa, a construção da subjetividade do indivíduo, sendo o contrário também verdadeiro. Isto é, a Psicologia também tem muito a contribuir com o contexto organizacional e do trabalho, pois nele psicólogos podem atuar de diversas maneiras, que vão além do objetivo da produtividade, como foi citado acima. Deste modo, para finalizar, conclui-se que o contexto organizacional e do trabalho se constitui como uma das interdisciplinaridades da Psicologia, sendo possível o diálogo entre essas duas áreas, visto que ambos fornecem conhecimentos e contribuições para a construção e funcionamento do outro.

REFERÊNCIAS

BORGES, L.; YAMAMOTO, O. O Mundo do Trabalho. In ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Orgs.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 25.

CHIAVENTO, I. **Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p. 529.

CHIAVENATO, I. **Treinamento e desenvolvimento de recursos humanos: como incrementar talentos na empresa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRUMM, D. J. **Introdução à Psicologia Industrial/Organizacional**. In:_____. Psicologia do Trabalho: Uma Introdução à Psicologia Industrial/Organizacional. Tradução por Dalton Conde de Alencar. Rio de Janeiro: LTC, 2005. p. 4.

MIGUEL, C. F.; DELITTI, M. **Uma introdução ao gerenciamento comportamental de organizações**. Sobre comportamento e cognição, v. 2, p. 277-287, 2001.

NERY, S. S. **Gerenciamento de performance**. Revista de Ciências Gerenciais, v. 13, n. 17, p. 131-140, 2009.

VASCONCELOS-SILVA, A.; TODOROV, J. C.; SILVA, R. L. F. **Cultura organizacional: a visão da análise do comportamento.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 14, n. 2, p. 48-63, 2012.

**GT 9 – Estágio Básico IV:
Contextos Clínicos
e de Saúde**

Painel

PSICOLOGIA EM CONTEXTOS CLÍNICOS E DE SAÚDE: A IMPORTÂNCIA DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR EM UM HOSPITAL

Santana, Natália Santos de
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Araujo, Karine dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Mesquita, Clara Ribeiro Gabriel
Universidade Federal de Mato Grosso, Graduanda do curso de Psicologia,

Orientadora: Profa. Ms. Vanessa Clementino Furtado

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é referente ao Estágio Básico IV: Contextos Clínicos e da Saúde, disciplina ofertada no sexto semestre do curso de psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, realizado em um hospital universitário público do Estado de Mato Grosso no ano de 2017. O objetivo geral é vivenciar e compartilhar experiências profissionais que viabilizam a discussão da realidade efetiva e da atuação da profissional de psicologia na saúde mental no âmbito da administração pública, bem como reflexões éticas sobre o processo saúde e doença, possibilitando ao aluno realizar a transcrição, em termos psicológicos, dos fenômenos observados e efetuar reflexões éticas sobre o campo de atuação.

METODOLOGIA

Foi utilizado o método de observação participante, que tem por objetivo integrar o observador no grupo ou instituição observada, na medida em que o observador compartilha dos hábitos do grupo, aproximando-se da realidade observada (QUEIROZ, 2007). De acordo com Martins (1996, p. 270) “trata-se de estabelecer uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados de modo a reduzir a estranheza recíproca”. Além do uso do diário de campo como ferramenta para auxiliar no procedimento de observação (FRIZZO, 2010).

REFERENCIAL TEÓRICO

Foi realizada uma contextualização histórica a respeito da atuação de profissionais em contextos hospitalares, ainda baseada em uma perspectiva positivista de homem, fragmentado em corpo e mente, e no modelo biomédico, focalizando a dimensão física dos sujeitos. Por isso, destaca-se a importância de uma atuação psicológica baseada no modelo biopsicossocial, uma perspectiva integral dos indivíduos, tanto no atendimento aos pacientes quanto à família e equipe. Além da compreensão do processo saúde-doença como um fenômeno multicausal e interdependente da relação do indivíduo com o mundo. A saúde, nesse sentido, é definida como o bem estar físico, social e psicológico. Assim, uma equipe multiprofissional é fundamental no contexto hospitalar (SEBASTIANI & MAIA, 2005).

Além disso, foi mencionada a necessidade de discutir sobre os papéis sociais atribuídos ao psicólogo no contexto hospitalar, muitas vezes idealizado e utópico. Dessa forma, torna-se fundamental explicitar as atribuições e possibilidades de atuação profissional para uma boa

atuação em equipe, além de auxiliar os pacientes e familiares na compreensão das possibilidades e objetivos dos atendimentos (NUNES E ZANETTI, 2015).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foi possível notar uma atuação multidisciplinar muito próxima da transdisciplinaridade, definida como o ato de planejar e definir as ações e intervenções em conjunto em uma equipe (TONETTO E GOMES, 2007). Na clínica médica, por exemplo, os profissionais realizavam reuniões de equipe multi, para discutir em conjunto cada um dos casos, observar a evolução dos pacientes e pensar de forma integrada em possibilidades de intervenção médica, psicológica e/ou social.

Observou-se que as psicólogas residentes realizavam diariamente uma visita aos pacientes, junto a equipe multi, e após a visita elas retornam as enfermarias e realizam o atendimento individual aos pacientes. Nos atendimentos eram abordadas questões referentes a elementos presentes na vida do paciente no momento da hospitalização e elementos que, de alguma forma, possuíam implicações nos processos de saúde e doença.

Foram percebidos alguns eventos no atendimento psicológico, que podem ser característicos do contexto em questão, como a dinâmica de funcionamento do local, a rotina de atendimento dos outros profissionais, o próprio atendimento psicológico nos leitos, além da necessidade de trabalhar algumas questões com a família dos pacientes e com a equipe.

CONCLUSÃO

Assim, compreende-se que o atendimento psicológico no contexto hospitalar é realizado de forma abrangente, considerando todos os envolvidos no processo de hospitalização, os pacientes, seus familiares e a equipe. As atividades e intervenções são pensadas em níveis distintos e complementares, o sujeito, a internação e o tratamento.

Por fim, a partir da experiência de estágio foi possível analisar os fenômenos observados e articular teoria e prática para construção do conhecimento a respeito de alguns elementos que compõem o processo de hospitalização e sobre as possibilidades de atuação do psicólogo no contexto clínico e da saúde. Além de verificar a atuação de uma equipe multidisciplinar em um hospital universitário.

REFERÊNCIAS

FRIZZO, K. R. **Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas**. In SARRIERA, J. C. & SAFORCADA, T. S. (Orgs). *Introdução à Psicologia Comunitária: Bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, Ed Meridional, 2010, p. 169-187.

MARTINS, J. B. **Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar**. Semin: Ciências Sociais/Humanas, Londrina. v.17 n.3, set. 1996, p. 266-273.

NUNES, Juliana Peixoto Salgueiro; ZANETTI, Sandra Aparecida Serra. **Limites e alcances do trabalho de um psicólogo em um hospital geral**. Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande, v. 7, n. 2, p. 186-192, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2015000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 abr. 2017.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Rev. enferm. UERJ, p. 276-283, 2007.

SEBASTIANI, Ricardo Werner; MAIA, Eulália Maria Chaves. **Contribuições da psicologia da saúde-hospitalar na atenção ao paciente cirúrgico**. Acta Cir. Bras., São Paulo , v. 20, supl. 1, p. 50-55, 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502005000700010&lng=en&nrm=iso>. Access on 27 Apr. 2017.

TONETTO, Aline Maria; GOMES, William Barbosa. **A prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar**. Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 24, n. 1, p. 89-98, Mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 Abr. 2017.